

IHU ENLINO

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 435 - Ano XIII - 16/12/2013 - ISSN 1981-8769



Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação

“Nada é profano para quem sabe ver”

Faustino Teixeira:

A mística nos rastros do cotidiano

Marco Vannini:

“Ninguém nunca viu a Deus”.
Para a mística a verdade é interior.

Pablo Beneito:

Ibn'Arabi e a perfeição do ser

E MAIS

Perfil:

Roberto Romano, uma vida atravessada pela história

François Ost:

Vingar, punir, perdoar.
A literatura como espaço de “possíveis jurídicos”

William Stoeger:

O bóson de Higgs como condição necessária para o universo “fértil”

Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação

Nas palavras de Michel de Certeau, a mística é, ao mesmo tempo, estranha e essencial. Por sua vez, Theodor Adorno, na esteira de Gershom Scholem, propunha que a mística é uma secularização que representa um avanço emancipatório. Dotada destas características, a mística volta a ser destaque nesta edição da **IHU On-Line**, que reúne pesquisadores, professores e professoras de diferentes áreas do conhecimento.

Faustino Teixeira, teólogo professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, aborda a mística nos rastros cotidianos.

José Altran, membro do Núcleo de Estudos em Mística e Santidade – Nemes, grupo de pesquisa vinculado à PUC-SP, sustenta que a mística, como experiência direta com a divindade, é um recurso para interpretar a realidade.

O filósofo **Luiz Felipe Pondé**, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, destaca que o divino só pode ser conhecido a partir da consciência da condição ontológica do homem.

O italiano **Marco Vannini**, um dos principais nomes da mística no

mundo, afirma que é por meio da experiência do espírito que alcançamos o conhecimento real da essência.

Eduardo Guerreiro Losso, professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, argumenta que o enfrentamento das injustiças sociais passa primeiro pela conscientização individual e depois pela ação coletiva.

Marco Lucchesi, membro da Academia Brasileira de Letras, debruça-se sobre a poética de Rûmi, considerado o maior dos poetas muçulmanos.

A mística como elemento fundante do pensamento ocidental é o tema da entrevista com o professor **José Carlos Michelazzo**, doutor em Filosofia pela Unicamp.

Já **Pablo Beneito Arias**, filólogo e professor em estudos árabes da Faculdade de Filologia da Universidade de Sevilha, traça o percurso do pensamento de Ibn'arabi.

A psicóloga **Maria Cristina Guarnieri**, professora no Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa – IJEP, argumenta que “igualar a religião a Deus é idolatria”.

Ricardo Fenati, filósofo e professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, debate o trânsito da mística no espaço do conhecimento.

Bernard McGinn, professor da *Divinity School* – Universidade de Chicago, autor dos sete volumes que compõem a obra *History of Christian mysticism in the West*, relaciona a história da mística com o cristianismo.

Por sua vez, **Carlos Roberto Dráwin**, professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, questiona nossa relação com a experiência mística e uma certa mitificação produzida em torno da mesma.

Esta edição não seria possível sem a inestimável e prestimosa assessoria e estratégica parceria de **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. A ele, reiteramos os nossos mais vivos agradecimentos.

Complementam esta edição as entrevistas com o jurista belga **François Ost**, com o cientista **William Stoeger**, sobre o Bóson de Higgs, e com o advogado **Sanele Sibanda**, sobre a organização colonialista do poder judiciário na África do Sul.

A revista **IHU On-Line** volta a circular no mês de março.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura e votos de um Feliz Natal e um Ano Novo de muita saúde e paz!



Instituto Humanitas
Unisinos

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollicb@unisinos.br),
Luciano Gallas MTB 9660
(lucgallas@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).
Revisão: Carla Bigliardi

Colaboração: César Sanson,
André Langer e Darli Sampaio,
do Centro de Pesquisa e Apoio
aos Trabalhadores – CEPAT, de
Curitiba-PR.
Projeto gráfico: Agência
Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio
Forneck
Atualização diária do sítio:
Inácio Neutzling, Patrícia Fachin,
Fernando Dupont, Juliete
Rosy de Souza, Suélen Farias e
Wagner Altes Moraes da Silva

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Faustino Teixeira** - A mística nos rastros do cotidiano
- 11 **José Altran** - A coragem da fé na interpretação da realidade
- 16 **Luiz Felipe Pondé** - Mística e a noite escura da alma
- 18 **Marco Vannini** - “Ninguém nunca viu a Deus”. Para a mística a verdade é sempre interior.
- 22 **Eduardo Guerreiro Brito Losso** - A revolução de um homem só
- 29 **Marco Lucchesi** - As pontes ecumênicas na poética de Rûmi
- 31 **José Carlos Michelazzo** - Realidade e mística, uma leitura a partir da Filosofia
- 37 **Pablo Beneito Arias** - Ibn’Arabi e a perfeição do ser
- 41 **Maria Cristina Guarnieri** - Para Heschel, “igualar a religião a Deus é idolatria”
- 46 **Ricardo Fenati** - O trânsito da mística no espaço do conhecimento
- 49 **Bernard McGinn** - O percurso da mística no cristianismo
- 52 **Carlos Roberto Drawin** – A mística “sopra onde quer”
- 56 **Baú da IHU On-Line**

DESTAQUES DA SEMANA

- 59 **Perfil** - Roberto Romano, uma vida atravessada pela história
- 63 **François Ost** - Vingar, Punir, Perdoar - A literatura como espaço de “possíveis jurídicos”
- 69 **William Stoeger** - O bóson de Higgs como condição necessária para o universo “fértil”
- 74 **Sanele Sibanda** - O ordenamento jurídico do Apartheid
- 79 **Destaques On-Line**

IHU EM REVISTA

- 82 **Publicação em destaque** - Há 50 anos houve um concílio... significado do Vaticano II
- 83 **Retrovisor**



twitter.com/ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

A mística nos rastros do cotidiano

O teólogo Faustino Teixeira desvela o percurso do pensamento místico pelo mundo e ressalta as características filosófico-religiosas da experiência de sentir o real

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

O que é uma experiência mística? É o ato de abrir os olhos e, subitamente, deparar-se com o real, com o todo, com a existência. É arrancar o homem de sua “egoicidade”, abrindo novos horizontes — sempre de forma efêmera, mas transcendental e carregada de significado. Nas palavras do teólogo e professor Faustino Teixeira, estas experiências “são janelas que se abrem, permitindo um novo respiro, no lugar mesmo onde o sujeito se situa. Algo decisivo acontece, indissociado de um lugar, de um encontro, de uma leitura, que transfigura o coração, redimensiona a visão e transforma a vida”.

Entretanto, a experimentação destas sensações não exige necessariamente que ela ocorra no campo da religiosidade. A mística pode se dar tanto no âmbito religioso quanto filosófico. “Quem passa por tal experiência é envolvido por uma singular voracidade de penetrar os meandros do real e atravessar os umbrais da vida, num ‘desaforado amor pelo todo’”, esclarece Faustino em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Para o teólogo, ao abraçar esta experiência e se dedicar a ela, o místico pode ser comparado ao inseto que em sua crisálida de-

vora o próprio corpo para formar suas asas. “Eles também ousam ‘atravessar os umbrais da vida’, tendo que passar pela ‘noite escura’, dobrando resistências e impedimentos. Mas seu “amor pelo todo” é mais forte, é voraz. Assim como a crisálida, eles devem passar por certa “morte do eu”, de modo a facultar um espaço garantido e especial para a hospedagem de um outro”.

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPCIR-UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e pluralismo religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004) e *Os caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender o que é a mística?

Faustino Teixeira - Buscando sua derivação etimológica, a mística vem de *myein*, que significa fechar os olhos e os lábios, daí também a possibilidade de outra transposição metafórica que indica a ideia de iniciação: *mystes* (iniciado) ou *mystikós* (que diz respeito à iniciação). Buscando captar o seu sentido original, Henrique Cláudio de Lima Vaz¹, em sua obra *Experiência*

professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A **IHU On-Line** número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon19>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória em homenagem a Lima Vaz, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon142>. Confira ainda a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>; *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na

edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Veja também os artigos intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico*. A contribuição de Henrique de Lima Vaz, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** 197, de 25-09-2006, trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Leia,

¹ Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista *Síntese*. nº 102, jan.-abr. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes,

mística e filosofia na tradição ocidental (São Paulo: Loyola, 2000), indica que tanto o termo como seus derivados dizem respeito “a uma forma superior de experiência, de natureza religiosa, ou religioso-filosófica (Plotino²), que se desenrola normalmente num plano transracional — não aquém, mas além da razão —, mas por outro lado mobiliza as mais poderosas energias psíquicas do indivíduo”.

A experiência mística faculta a possibilidade de uma presença que é proximidade que fala e que desloca o sujeito de sua inserção superficial. São janelas que se abrem, permitindo um novo respiro, no lugar mesmo onde o sujeito se situa. Algo decisivo acontece, indissociado de um lugar, de um encontro, de uma leitura, que transfigura o coração, redimensiona a visão e transforma a vida. Trata-se de uma experiência iluminadora, mas, sobretudo, portadora de uma liberdade essencial, que transporta o sujeito para além dos limites indizíveis que rompem o cerco dos textos e instituições ortodoxas, podendo ocorrer também fora das crenças. Quem passa por tal experiência é envolvido por uma singular voracidade de penetrar os meandros do real e atravessar os umbrais da vida, num “desaforado amor pelo todo” (M. Zambrano³). Sem negar seu traço de interioridade e re-

colhimento, a experiência mística não se traduz em reclusão, mas envolve a abertura dos olhos, uma inserção distinta no cotidiano, na vida concreta do dia a dia, a única que “Deus ama na sua totalidade” (J. Moltmann⁴).

IHU On-Line - O que caracteriza uma experiência dessa natureza?

Faustino Teixeira - A experiência mística, como bem mostrou Michel de Certeau⁵, envolve paradoxos. Ela acontece na experiência real, mas revela também a “visita” de “algo não natural” que irrompe e quebra a mesmidade do sujeito, arrancando-o de sua egoicidade, desvelando-lhe novos

horizontes. Tem uma dimensão visível, mas que aporta a algo de misterioso e inefável, produzindo estupefação. Os exemplos ajudam a caracterizar tal experiência. Um caso singular se deu com Thomas Merton⁶, um dos mais singulares monges trapistas de nosso tempo. Uma das experiências místicas que relata em sua obra, *Reflexões de um espectador culpado* (Petrópolis: Vozes, 1970), ocorreu num centro comercial, em Louisville (EUA), em meio ao tumulto do cotidiano, quando então se dá conta de que toda aquela gente compunha o universo de sua “solidão”. Seus olhos se abrem para perceber, subitamente, que “amava toda aquela gente”. Desperta para a compreensão de que a vida monástica não pode significar “separação do mundo”, mas envolvimento no canto das coisas. Descobre que na dimensão profunda do humano há um “ponto virgem”, que revela a intimidade de cada um. Um “pontinho de nada” que traduz “a pura glória de Deus em nós”.

Outro interessante relato vem de André Comte-Sponville⁷, em sua obra *O espírito do ateísmo* (São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2007). Descreve que, numa noite, numa floresta do norte da França, com idade de 25 anos, caminhava com amigos pelo campo, despretensiosamente. Os pensamentos eram fugidios, simplesmente olhava e escutava o que via em seu redor. O cenário era propício: a “incrível luminosidade do céu” e o “silêncio rumoroso da floresta”. Ali, naquele lugar, foi tocado pela deslumbrante “presença de tudo”. Uma surpresa, uma evidência, uma fe-

também, a edição 374 da **IHU On-Line** sobre o legado filosófico vaziano, de 26-09-2011, em <http://bit.ly/ihuon374>. A 42ª edição dos **Cadernos IHU** também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Maria Zambrano (1904-1991): filósofa e escritora espanhola. Foi a primeira mulher a ser agraciada com o Prêmio Miguel de Cervantes, que laureia os literatos mais importantes da língua espanhola. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *Deus crucificado: a cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã* (Petrópolis: Vozes, 1993), entre outros. Do autor, a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). Confira a entrevista de Moltmann na **IHU On-Line** nº 94, de 29-03-2004 em <http://bit.ly/ihuon94>. Sobre o tema, Frei Luiz Carlos Susin deu uma entrevista na edição 72, de 25-08-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon72>. A edição 23 dos **Cadernos Teologia Pública**, de 26-09-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves.

5 Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da **IHU On-Line**, de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulada *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Fisus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Fisus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto Cardenal, discípulo de Merton*, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da **IHU On-Line**)

7 André Comte-Sponville (1952): filósofo materialista francês. Desde 2008 é membro do *Comité consultatif national d'éthique* da França. É autor, entre outros, de *O capitalismo é moral?* (São Paulo: Martins Fontes, 2005). (Nota da **IHU On-Line**)

licidade que se mostrava infinita, regadas por paz novidadeira. Algo muito simples, mas essencial: “nada além da apresentação silenciosa de tudo (...). Nada além do real”. Foram momentos breves, como tende a acontecer com tais experiências, mas preenchidos de uma alegria infinita, trazendo ao coração os traços dessa evidência: “tão somente o real”. Mas a experiência provocou mudanças na relação com o tempo, como indicou Comte-Sponville, em particular uma “abertura para o presente, para o tempo que passa e fica, para a eternidade do devir, para a impermanência perene de tudo...”.

IHU On-Line - Como ela se apresenta no nosso cotidiano?

Faustino Teixeira - Não somos nós que a buscamos. Isso pode até ocorrer, em certo sentido, mas é algo que nos toma, que nos invade, que “sem causa escorre pelo céu” — para utilizar uma linda expressão de meu amigo L. F. Pondé⁸ — e nos povoa com os traços da Misericórdia de um Mistério inusitado, cuja substância é de difícil apreensão. O grande místico Bernardo de Claraval⁹ dizia, num de seus sermões

sobre o Cântico dos Cânticos¹⁰, que o tempo que envolve tal experiência é curto, tendo uma duração bem definida: “*rara hora et parva mora*” (rara hora e breve tempo). E não poderia durar mais, pois vem envolvida por intensa doçura, combinada com tremor e espanto. Ernesto Cardenal¹¹ comenta sobre esse “segundo” que impacta o sujeito, forçando-o a gritar “basta, basta!”. O sujeito vem invadido por um gozo intenso, mas que não dá conta. A alma vem “penetrada de uma doçura tão intensa que se transforma em dor, uma dor indescritível, como algo agri-doce que fosse infinitamente amargo e infinitamente doce”. Tudo tem o toque e a força da *Experiência*, que acontece como um “beijo espiritual” inaudito e precioso, só verdadeiramente captado com o código do coração, ou melhor, com o movimento do coração, como indica Bernardo em seu sermão de número 74 sobre o Cântico dos Cânticos.

IHU On-Line - Que mudanças a mística foi assumindo com o passar do tempo?

Faustino Teixeira - Na tradição ocidental, temos o caminho da mística especulativa, que é uma mística do conhecimento, ou essencial (*Wessensmystique*). Ela tem suas raízes no neoplatonismo, com ênfase especial em Plotino, mas também em Porfírio¹². Desdobra-se na mística cristã,

num complexo itinerário, passando pelos alexandrinos Clemente¹³ e Orígenes¹⁴ (séc. III), e o grande capadócio, que foi Gregório de Nissa¹⁵ (séc. IV), até chegar na importante obra de Pseudo-Dionísio¹⁶, que vai ter um grande influxo na configuração conceptual e terminológica da mística especulativa cristã. Nos séculos XIV e XV, essa mística especulativa terá um vigoroso crescimento, ressaltando-se sua presença em autores fundamentais da mística renana, como Eckhart¹⁷

discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. (Nota da IHU On-Line)

13 Papa Clemente I, São Clemente ou Clemente Romano: quarto papa da Igreja Católica, entre 88 e 97. Foi um dos primeiros a receber o batismo de São Pedro. É autor da Epístola de Clemente aos Coríntios, o primeiro documento de literatura cristã, endereçada à Igreja de Corinto. (Nota da IHU On-Line)

14 Orígenes (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

15 São Gregório de Nissa (330-395): teólogo, místico e escritor cristão. Padre da Igreja e irmão de Basílio Magno, faz parte, com este e com Gregório Nazianzeno, dos assim denominados Padres Capadócios. (Nota da IHU On-Line)

16 Pseudo-Dionísio [Dionísio, o Areopagita]: nome dado ao autor de uma série de escritos que exerceram grande influência sobre o pensamento medieval. Acreditou-se por muito tempo que o autor desses escritos foi discípulo de São Paulo. Hoje se considera que as obras de referência foram redigidas no final do século IV ou começos do V sob a influência neoplatônica e especialmente a base de fragmentos de Proclo. Por tal motivo costuma-se chamar a seu autor o Pseudo-Dionísio, e às vezes Dionísio, o místico. (Nota da IHU On-Line)

17 Mestre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turingia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois. Para Eckhart Devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve

8 Luiz Felipe Pondé (1959): filósofo brasileiro, leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP e na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, entre outras instituições. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea e em Filosofia Contemporânea, respectivamente pela USP e pela Universidade de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu *O homem insuficiente* (São Paulo: Edusp, 2001); *Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoiévski* (São Paulo: Editora 34, 2003); *Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana* (São Paulo: Edusp, 2004), entre outros. A entrevista mais recente que concedeu à IHU On-Line é *Perdão tem que ser graça*, na edição 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon388>. (Nota da IHU On-Line)

9 Bernardo de Claraval (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus; serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disto favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota

da IHU On-Line)

10 Cântico dos Cânticos ou Cântico de Salomão: Livro do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaías. No judaísmo, é um dos cinco rolos da última seção do Tanakh, conhecida como Ketuvim (“Escritos”). (Nota da IHU On-Line)

11 Ernesto Cardenal: monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a entidade. Citamos, entre as publicações de Cardenal, *Evangelio de Solentiname* (Salamanca: Sígueme, 1975); *La Revolución Perdida* (Madrid: Editorial Trotta, 2003); *Im Herzen der Revolution* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 2004); *Antología poética* (Rosario: HomoSapiens Ediciones, 2004); *Catulo y Marcial* (Santiago de Chile: Ediciones Tàcitas Ltda, 2004). Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133ª de IHU On-Line, de 21/03/2005. Acesse pelo link <http://bit.ly/ihuon133> (Nota da IHU On-Line)

12 Porfírio (c.232-c.304): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes

e Tauler¹⁸, ou outros da mística flamenga.

Como indica Lima Vaz, vigora aí uma importante influência dos escritos pseudodionísianos e dos temas neoplatônicos. No centro dos debates, “o problema do conhecimento do Absoluto, da sua possibilidade, das suas condições, dos seus modos e da expressão do seu objeto”. Ao lado dessa mística especulativa, a presença também de uma mística esposal ou nupcial (*Brautmystique*), com um traço mais afetivo, voltada em particular para o tema da contemplação unitiva, da união entre amante e Amado. É uma tradição mística muito vinculada à interpretação alegórica do Cântico dos Cânticos, que bebe na matriz de Orígenes, firmando-se na mística medieval, com Bernardo e outros autores da tradição cisterciense, alcançando seu apogeu simbólico-doutrinal na mística espanhola de João da Cruz¹⁹ e

aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as idéias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisáica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa do IHU On-Line, edição 133. (Nota da IHU On-Line).

18 **Johann Tauler** (1300-1361): frade dominicano alemão e um dos grandes místicos do cristianismo. (Nota da IHU On-Line).

19 **João de Yepes ou São João da Cruz** (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia

Teresa de Ávila²⁰. Pode-se ainda destacar uma mística profética, não necessariamente desligada das duas outras formas anteriores, fundada na audição da Palavra, que dá centralidade ao caminho do ágape²¹ (1 Cor 13,2-3). Em seu desdobramento, uma mística de engajamento no tempo, que hoje vem expressa como “mística de olhos abertos” (J. B. Metz)²².

IHU On-Line - Qual a pertinência e os desafios da mística dado o tipo de sociedade ocidental na qual vivemos, individualista e focada na posse de bens materiais?

Faustino Teixeira - Não há dúvida sobre o efeito crítico exercido pela experiência mística sobre os caminhos da sociedade ocidental, fundada em outros valores, como a competitividade,

14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da IHU On-Line)

20 **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada*, (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus - “Livro da vida”* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da IHU On-Line)

21 **Ágape**: uma das diversas palavras gregas para o amor. Representa o amor incondicional, não egoísta. O maior dos quatro tipos de amor na Bíblia. (Nota da IHU On-Line)

22 **Johann Baptist Metz** (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia são memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon13>. (Nota da IHU On-Line)

de, a produtividade, o consumismo e a centralidade no mundo egoico. A mística e a espiritualidade suscitam valores distintos, que dizem respeito a qualidades do espírito humano, que em nosso tempo estão embaçadas ou obstruídas. São valores essenciais como o amor desinteressado, a compaixão, a atenção, a hospitalidade, o cuidado, a delicadeza, a paciência e a abertura ao outro. O cultivo da espiritualidade, entendida como movimento e caminho para a experiência do Real, exige do sujeito uma dinâmica particular de despojamento e interiorização. Há que romper com um modo habitual e rotineiro de ser e deixar-se tocar pelos apelos da profundidade. Não se trata de uma viagem tranquila, mas uma “saída” para dentro de si mesmo, e um retornar ao tempo transformado.

Os grandes mestres espirituais assinalam que essa viagem interior, apesar de árdua e desgastante, revela surpresas inesperadas. Ela requer disposições precisas e um radical exercício de despojamento, humildade e purificação do coração. Não há como viver a intensidade da experiência senão deslocando o ego de sua centralidade, com a afirmação de sua vulnerabilidade e limite. Como tão bem sinalizou Eckhart, em seu sermão alemão de número 1 (*Sermões Alemães*. Petrópolis: Vozes, 2006), “quanto mais a alma chega ao fundo e no mais íntimo de seu ser, tanto mais a força divina nela se derrama plenamente e opera veladamente de maneira a revelar grandes obras”. Em belíssimo livro, Jürgen Moltmann fala da importância dos espaços de silêncio e recolhimento para que o buscador possa preparar os sentidos para o exercício de abertura aos traços de beleza que compõem o mundo circundante. Assim como a tradição judaica ensina a observar o sábado, a repousar no sétimo dia, assim também o buscador é convidado a fazer esse “trabalho de cela”, de modo a favorecer uma melhor sintonia com as surpresas do Mistério que se espalham em toda a criação. Em seus últimos anos de vida, recolhido em seu eremitério, Merton apreendeu também sobre isso com a natureza. Ela também precisa de repouso e recuperação na noite para poder ressurgir com vida na aurora. Assim também é com a natureza humana, que precisa do “espírito da noite”, da “aragem da aurora”, da passivi-

dade e repouso para poder assumir-se como si mesma.

IHU On-Line - Acredita que, por vezes, estamos de olhos fechados para o Mistério e para a beleza da Criação que nos cercam? Por quê?

Faustino Teixeira - Os grandes místicos nos recordam sempre disto. Thomas Merton, ao tratar do “ponto virgem” que habita cada ser humano, fala da presença do paraíso entre nós, apesar de nosso desconhecimento. E não escutamos esse “canto” pelo fato de nossos corações estarem bloqueados por camada espessa de indiferença ou apatia. Teilhard de Chardin²³ também nos lembra disso ao sublinhar que “nada é profano, aqui embaixo, para quem sabe ver”. É no tempo, no cotidiano, que o canto do mistério se faz presente. É um grande equívoco pensar que o tempo passado em qualquer de nossos espaços vivenciais, seja no trabalho, na festa, na casa, na luta, nos encontros, seja uma “subtração da adoração”. Ao contrário, é ali, nesse caldo de vida, que o Mistério está presente e mostra o seu rosto. Como indica Teilhard, é o próprio céu que nos sorri e nos atrai em nossa operosidade no mundo. A nossa presença e nossa atenção ao real que nos circunda é, efetivamente, a continuação de nossa “imersão em Deus”.

IHU On-Line - Em que medida a delicadeza do mistério oferece cha-

ves de compreensão e relação com a obra divina e com a vida em suas mais variadas formas?

Faustino Teixeira - O mistério é o sempre-já-aí, com seus traços infinitos de delicadeza e abertura. Na apresentação de um dos livros que organizei sobre mística, em 2006, falava da escolha do título: “Nas teias da delicadeza”. Na tradição mística islâmica, a delicadeza é um dos nomes de Deus: *Al-Latif*. O Deus gracioso, terno, delicado, em cujas malhas nos encontramos enredados. A sintonia com esse “Deus delicadeza” provoca em nós o desafio fundamental de traduzir em nossa vida algo semelhante: o cuidado e a salvaguarda da criação; o respeito pela alteridade, por sua dignidade singular; o exercício de atenção e escuta ao ritmo do tempo, aos seus desafios.

IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação²⁴, o senhor fala que aquele que está aberto ao Mistério é o ser cuja meta “é ‘atravessar os umbrais da vida’ e penetrar na tessitura do tempo, e de forma radical”. Como podemos compreender esse atravessamento e essa entrada em outra forma de existir?

Faustino Teixeira - Esse é um tema muito presente nos trabalhos de María Zambrano, essa grande pensadora de Málaga (Espanha). Num de seus lindos textos sobre a mística de João da Cruz, ela usa a imagem da alma que se consome, que se devora, para dar lugar a algo novo. Como exemplo, toma emprestada uma imagem do mundo biológico, da crisálida que desfaz seu casulo onde jaz adormecida, para sair voando em liberdade; da crisálida que devora seu próprio corpo para transformá-lo em asas. Assim também ocorre com os místicos, em sua sede de liberdade e busca ardente do Mistério. Eles também ousam “atravessar os umbrais da vida”, tendo que passar pela “noite escura”, dobrando resistências e impedimentos. Mas seu “amor pelo todo” é mais forte, é voraz. Assim como a crisálida, eles devem passar por certa “morte do eu”, por uma “fecunda destruição”, de modo a facultar um espaço garantido e especial para a hospedagem

²⁴ *Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade)*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na **IHU On-Line** nº 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon385>.

de um outro. Trata-se, na verdade, de uma “morte” vicejante, que suscita criação e vida. Não se trata de um abandono da realidade, como muitos pensam, mas de um adentrar-se em sua espessura. Daí reconhecer, com João da Cruz, em seu Cântico, que o horizonte tão aguardado pela amada em sua busca itinerante não é o nada ou o vazio, mas a integral e viva presença das coisas, com toda a sua densidade: as montanhas, os vales nemorosos, os rios sonorosos, os ares amorosos e os suaves raios da aurora.

IHU On-Line - Quais místicos destacaria como emblemáticos para pensarmos um outro modo de compreender o Universo e a Criação, em si?

Faustino Teixeira - Já mencionei alguns místicos importantes para pensar essa mística do cotidiano, entre os quais Teilhard de Chardin e Thomas Merton. Mas gostaria também de nomear um nome singular, da mística zen, o grande mestre Dogen²⁵ (1200-1253). Em contato com suas obras, em particular no *Shobogenzō*, pude captar com muita clareza e precisão o valor e o significado da experiência da vida. Para ele, o acesso à compreensão do caminho de Buda passa não só pelo “esquecimento de si”, mas também pela acolhida calorosa dos dons oferecidos por cada instante de nossa vida. Como um de seus lemas essenciais: “deixar-se abrigar por todas as coisas do universo”. Toda a tradição budista Mahayana²⁶, da qual faz parte, reconhece a vida como aquilo que é mais essencial. Daí a importância do cuidado, da delicadeza e atenção para com o presente, em todos os seus detalhes, em cada um de seus instantes. Assim em Dogen como em todos os outros grandes místicos das distintas filiações espirituais, essa percepção profunda da realidade natural pressupõe um trabalho de interiorização, um exercício de aperfeiçoamento do

²⁵ Eihei Dogen [Dōgen Zenji] (1200-1253) Mestre zen-budista japonês e fundador da escola sōtō de zen. Dogen é autor da obra *Tesouro do Olho do Dharma verdadeiro* (*Shōbōgenzō*), uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁶ *Mahāyāna* ou Maaiana: Um dos dois braços principais do budismo e termo usado para designar um nível de prática e motivação espiritual. (Nota da **IHU On-Line**)

²³ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no *Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. A edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, chamada *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria*, na edição 135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. (Nota da **IHU On-Line**)

olhar, de forma a poder perceber essa “ressonância” do universo.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Faustino Teixeira - Sim, algo que pude refletir a partir das reflexões tecidas por Pablo Beneito Arias²⁷ num curso dado neste segundo semestre no PPCIR da UFJF, sobre o pensamento místico de Ibn'Arabi de Murcia²⁸. O tema trabalhado foi a questão dos nomes de Deus no sufismo. Em sua segunda aula, trabalhou com maestria a polaridade presente em Ibn'Arabi entre *Khalq* e *Haqq*. A primeira expressão, *Khalq*, traduz a natureza e a criação, ou melhor, a realidade criatural. A outra expressão, *Haqq*, traduz a realidade suprema, o verdadeiramente real, a divina realidade. Para Ibn'Arabi, todas as coisas provêm de Deus e todas elas manifestam Deus. Todas são sinais de Deus. Na verdade, para o grande mestre andaluz, não há existente algum fora de Deus, ou de seu hálito misericordioso. A ideia de uma criação autossustentente é para ele inconcebível. Em si mesma ela é “não existente”, pois ganha sua existência do verdadeiramente real. De acordo com a ontologia akbariana (de Ibn'Arabi) o mundo da

existência é uma automanifestação do Absoluto, e nada do que existe no mundo está desligado desta automanifestação. Há que saber ler o que há no mundo com os olhos do real, esta é a grande pista lançada pelos místicos sufis: lavar o rosto e as mãos nas águas desse lugar, de forma a poder ver o real que subjaz na realidade. É o que diz Rûmî²⁹ de forma tão bonita. Se conseguimos ver a realidade com a luz do real, não há razões para o pessimismo. Isso não significa fechar os olhos para as dores do mundo, a impermanência que vigora, os desgastes da compaixão, mas é saber transfigurar a dor e ver um horizonte para além do *samsara*, mas que permeia e atravessa o *samsara*.

Na ocular de Ibn'Arabi, significa captar o *Khalq* com os olhos de *Haqq*. O pessimista prende-se na circularidade do *Khalq*, sendo incapaz de despojar-se dessa negatividade, de forma a poder ver as brasas que atuam de forma invisível nas cinzas que predominam. Esse é o grande desafio apontado por Pablo Beneito no início de seu curso, e que provocou grande atenção e comoção entre todos nós. Reflexões que me fizeram lembrar o lindo livro de Lia Azam Zanganeh³⁰, *O encantador – Nabokov e a felicidade* (Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013), e a rica abordagem sobre a busca de luz e cores nesse mundo de sombras. É o desafio, difícil, de captar a presença do outro mundo que nos rodeia, mesmo diante de tanta intransparência e dor. Saber, sim, velejar com alegria pelas frestas que escapam dessas sombras, suscitando luzes e cores inauditas, que apontam para um “lado reverso”, de “textura magnífica”.

²⁹ Rûmî [Jalâl ad-Dîn Muhammad Rûmî] (1207-1273): considerado o maior poeta místico de toda a tradição muçulmana. O seu pai era um teólogo e um místico e ele tornou-se um sheik na comunidade dervixe. Mais tarde, tornou-se também um místico e a sua poesia reflete essa sensibilidade e essa forma de sabedoria. Rûmî. *O místico e o poeta da dança do Amor e da Unidade*, Edição 222 da Revista IHU On-Line, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/1kOkwv>. (Nota do IHU On-Line)

³⁰ Lila Azam Zanganeh (1976): é uma escritora franco-iraniana. Desde 2002 é colaboradora de diversos jornais e revistas, como *Le Monde*, *New York Times*, *Paris Review* e *La Repubblica*. (Nota da IHU On-Line).

Leia mais...

- *Perfil – Faustino Teixeira*. IHU On-Line nº 314, de 09-11-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>
- *Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 214, de 02-04-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon214>
- *“Rûmî é o poeta da dança da Unidade”*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon222>
- *Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 224, de 20-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon224>
- *Jesus de Nazaré: um fascínio duradouro*. Artigo publicado na IHU On-Line nº 248, de 17-12-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon248>
- *O budismo e o “silêncio sobre Deus”*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 308, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>
- *O Jesus de Pagola*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 336, de 06-07-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon336>
- *Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade)*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon385>
- *O pluralismo religioso no coração da teologia*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 398, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon398>
- *Por toda parte, o segredo de Deus*. Entrevista especial com Faustino Teixeira na IHU On-Line nº 407, de 05-11-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon407>
- *Bento XVI e Barack Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã*. Artigo publicado nas **Notícias do Dia**, de 06-06-2009, disponível em <http://bit.ly/ihu060609>
- *Teologia Pluralista e Teologia da Revelação*. Entrevista especial com Faustino Teixeira. **Entrevista do Dia** de 04-07-2010, disponível em <http://bit.ly/ihu040710>

A coragem da fé na interpretação da realidade

“Se religião é um recurso legítimo para compreender o mundo, a experiência direta e pessoal com a divindade é recurso para vivenciar essa compreensão”, afirma José Altran

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS

“Deus é, sim, acessível – e, portanto, vazios ontológicos outrora insolúveis são minimizáveis, junto com tantos outros conflitos humanos. Em primeiro lugar, por mostrar que não é necessário colocar Deus numa caixinha à parte de nossa vida cotidiana. Os orientais nos ensinam isso pelo próprio fato de não haver correspondentes diretos ao termo ‘religião’ em seus verbetes. O mesmo parece valer para os gregos clássicos e nossos índios. Isso coloca a religião precisamente como uma forma de interpretação do mundo – do mundo real, e não como uma especulação absolutamente transcendente e inacessível. Religião aqui não se opõe à ciência, numa verticalização de categorias, mas divide com ela alternativas explanatórias como se fossem diferentes anzóis para pescar a mesma coisa. Não há oposição como tão insistentemente alegorizado na sociedade ocidental, pois embora a religião envolva (e geralmente nasça de) uma experiência mística inefável, forma um corpo racional através de seu aparato institucional e doutrinário”, pondera José Altran.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Altran enfatiza que religião e ciência caminham lado a lado nesta interpretação da realidade, pois “cada um simplesmente escolhe sobre qual Escritura Sagrada fazer um

exercício devocional: se sobre a intuída por algum profeta, ou se sobre a induzida por algum pensador do século XVIII”. Ele mesmo completa: “Devemos simplesmente ‘soltar’ pretensões de domínio ou retenção. Esse soltar perfaz abdicar da necessidade de controle e simplesmente aceitar, corajosamente, que ‘outro’ (seja Deus, seja o acaso, seja a providência, seja o nada) zelee por nossos passos mesmo que não o vejamos ou que esteja além de nossas escolhas: uma entrega ao Mistério e ao Transcendente, ao ‘além’, ao ‘outro’. Um exercício de fé, onde fé passa longe de ser uma covardia otimista (como tão insistido, sobretudo, pelos ateus); mas, pelo contrário, já que o conhecido não sana, assumirmos e aceitarmos nossa insuficiência e impermanência põe-se como o primeiro e homérico passo para a árdua tarefa de ‘estar aberto’ aos auspícios do desconhecido: fé não é inocência e fuga – fé é coragem”.

José Altran é mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e licenciando em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília - UCB. É membro do Núcleo de Estudos em Mística e Santidade - Nemes, grupo de pesquisa vinculado à PUC-SP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste o inefável?

José Altran - Literalmente, “inefável” refere-se “àquilo que não pode ser expresso em palavras” – um adjetivo aplicável a alguns objetos bastante subjetivos da experiência humana.

Porém, tem se mostrado pertinente tratá-lo como um substantivo, seja para se referir às coisas que têm por característica mais marcante a inefabilidade, seja adotando-o como uma substância independente. Posto que muitas vezes o termo já carregue um

quê de sublimidade, referindo-se a um transcendente que é inapreensível justamente por extrapolar nossas categorias, é quase inevitável, no contexto das Ciências da Religião, uma comparação com o polêmico *sui generis* da experiência religiosa

– que, frente aos relatos da mística, têm como denominador comum justamente seu caráter indizível. Rudolf Otto¹ apontaria essa característica pelo termo “irracional”, atributo indissociável do *numinoso*, que, por sua vez, seria a parcela indivisível – mas isolável – do sagrado. Opto por “inefável” por conta da conotação negativa que “irracional” corre o risco de receber entre algumas audiências, mas talvez seja mais fácil interpretá-lo precisamente como uma substância que não pode (e nem deve) dialogar diretamente com a razão. E, como a linguagem é sempre racional – depende da associação entre termos e significados –, naturalmente lá ele não poderia se fazer presente. Neste contexto, o inefável corresponde àquelas vivências de alteridade mística impossíveis de serem descritas a partir das categorias racionais de que dispomos.

IHU On-Line - Como ele se expressa em nossa existência?

José Altran - Pensando nele de forma não obrigatoriamente atrelada ao sagrado, podemos perceber mesmo no nosso cotidiano a infinidade de coisas que são indizíveis. Um indivíduo pode, por exemplo, criar um esqueleto teórico para transmitir a impressão de determinado sentimento que teve ou sensação não mediada pelos cinco sentidos, de modo que um interlocutor acredite ter entendido a parte subjetiva daquilo a que se refere. Mas isso será, é evidente, apenas uma aproximação estéril daquela sensação individual, entendida a partir daquela (outra) que o próprio receptor já vivenciou, e incapaz de ser transplantada direta e integralmente para a percepção alheia como dados em uma planilha. Podemos traduzir muito do mundo em teorias, mas estando cientes

¹ **Rudolf Otto** (1869-1937): eminente teólogo protestante alemão, erudito em religiões comparadas. Autor de *The Idea of the Holy*, publicado pela primeira vez em 1917 como *Das Heilige* (considerado um dos mais importantes tratados teológicos em língua alemã do século XX), e criador do termo *numinous*, o qual exprime um importante conceito religioso e filosófico da atualidade. (Nota da IHU On-Line)

“É preciso ‘sentir Deus na pele’ — seja qual for, se uma entidade consciente, se múltiplas, se uma força física ou se qualquer coisa além da dimensão profana”

de que aquelas apenas são peças de xadrez para nos orientarmos no campo, e não cavalos, torres ou bispos de verdade. Em *The antipodes of the mind* [: *charting the phenomenology of the ayahuasca experience*] (New York: Oxford University Press, 2002), o professor e psicólogo israelense Benny Shanon diz, quanto às experiências inefáveis no transe da *ayahuasca*: “não há como realmente compreender o que elas são sem antes experimentá-las; afinal, por acaso alguém se arriscaria a estudar música sem de fato experimentar como música soa?”. Muito embora a música tenha componentes matemáticos, seu efeito mais profundo é indizível e ainda assim se expressa com clareza na nossa experimentação individual – como, coloca Shanon, a experiência supostamente mística que o chá catalisa. Dessa forma, não só o mundo profano está preenchido de coisas indizíveis, como o inefável “sagrado” permeia toda experiência mística, e pode ser vivenciado individualmente, embora não possa ser transferido.

IHU On-Line - Como traduzir o inefável em suas harmonias e dissonâncias?

José Altran - Nota-se, pelo próprio termo, que dizer algo sobre o indizível parece antinômico e mais

nativo das províncias da poesia que da academia. Afinal, se a academia se vale da razão coroada pela linguagem textual, e da linguagem para transmitir o conhecimento construído, e se “transmitir” é – supostamente – o objetivo áureo do fazer intelectual, tomar o inefável como objeto de análise parece ser correr atrás do próprio rabo sem nunca alcançá-lo. Mas a aposta é a de que, ao invés de lançá-lo frontalmente, ele emergirá da exclusão daquilo que não o é (como Otto tentou diferenciar irracional de racional na *vita religiosa*), ou que ao menos “ovos podres” sejam eliminados do entremeio entre o conhecimento normativo e o engano especulativo (como teria feito a personagem Sócrates com o jovem Teeteto, no conhecido texto platônico²). Por esse motivo, um dos caminhos interessantes tem sido aplicar *maieutica*³ em entrevistas necessariamente dialógicas com sujeitos que relatam ter tido experiências místicas e, portan-

² **Teeteto**: diálogo escrito por Platão sobre a natureza do conhecimento, em que é apresentado o confronto entre verdade e relativismo. Os personagens principais do texto são Sócrates, Teodoro de Cirene, Teeteto, Terpsion e Euclides (estes dois, citados apenas no início). O texto é basicamente o diálogo entre Sócrates e o jovem Teeteto. A obra discute sobre a possibilidade de se atingir o conhecimento por meio da razão, ou do pensar o pensar. No diálogo, Sócrates provoca o jovem Teeteto a ir além dos limitadores conceitos adquiridos ao longo da vida cotidiana, pensando para além do concreto. Com o texto, Platão procura desmentir a tese dos sofistas de que os sentidos determinavam o conhecimento. Para Platão, é por meio da razão que se chega ao conhecimento. (Nota da IHU On-Line)

³ **Maieutica**: criada por Sócrates no século IV a.C., é o momento do “parto” intelectual, da procura da verdade no interior do ser humano. A autorreflexão, expressa no “conhece-te a ti mesmo”, põe o ser humano na procura das verdades universais, que são o caminho para a prática do bem e da virtude. Por meio de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a maieutica dá à luz ideias complexas. Sócrates aplicou-a para questionar os supostos “detentores do conhecimento”, ou seja, os nobres, que se diziam mais sábios que o restante da população e, portanto, com a legitimação para controlá-la. Sócrates, em praça pública, questionava os nobres e suas atitudes. Mostrou para todos que os nobres apenas tinham dinheiro e poder, e que, em relação ao resto, eram iguais ao povo. (Nota da IHU On-Line)

to, indizíveis em sua raiz. Tendo em vista que o *anekdiegetos*⁴ apenas “se sente”, o que me parece ideal seria que o próprio sujeito se lançasse a uma experiência mística (por exemplo, o transe da *ayahuasca*), que é uma medida legitimamente empírica e de contato mais direto com o inefável, desde que desenvolvamos algum método para, conforme possível, auxiliar na exclusão daquilo que foi puramente confessional em sua interpretação posterior. Uma medida assim, porém, está muito além do que hoje permite a academia em sua ilusão de que, contrariando a própria psicologia e a sociologia do conhecimento, pode, enfim, existir alguma “neutralidade científica” a sair da voz de um ser humano.

IHU On-Line - Qual é o nexó entre a epistemologia da controvérsia e o inefável?

José Altran - Difícil negarmos a pertinência do conceito de “paradigmas” proposto por Kuhn⁵, mas opiniões já se polarizam quanto à questão de se a verdadeira construção de conhecimento mora em seu seio ou fora deles. A *empíria*⁶ – que floresce em períodos de ciência normal – goza de certos privilégios frente às disciplinas mais especulativas e, *grosso modo*, a polarização combativa entre ambas parece ser dinâmica cíclica desde os embates gregos. Falar de inefável, portanto, não só é deixar ressabiados os partidários da “*hard science*” – nu-

“A mística (re) ensina o ocidental que ele sequer precisa colocar uma infinidade de intermediários entre Deus e o homem”

trida por engrenagens supostamente unívocas – como também evocar temores do *barranco confessional* no abrir de portas para a fenomenologia e áreas afins no âmbito das Ciências da Religião, preocupação compreensível por conta de sua “traumática emancipação” da Teologia. Trabalhar algo que não pode ser palpado e sequer transformado em conceito é, de fato, uma ameaça à segurança que a ciência promete conferir. Entretanto, uma simples reflexão epistemológica já nos aponta que isso não confere, ao passo que não parece honesto ignorar tema tão crucial para a experiência humana: logo, tentativas são necessárias, e contra elas virão enfrentamentos, que por sua vez virão adornados por reivindicações de privilégio epistêmico e institucional, o que Barbara H. Smith⁷ chamou de “assimetria”.

Isso posto, a *epistemologia da controvérsia* serve de aval à abertura de novos caminhos investigativos, recusando imposições assimétricas. Como proposta por Marcelo Das-

cal⁸, é um incentivo à contestação controversa no fazer científico, que justifica sua pertinência por conta do fracasso (quase) consensual da filosofia da ciência lógico-positivista: seria a controvérsia uma ponte entre o normativismo e o descritivismo, uma vez que apenas reconhecendo nossa insuficiência cognitiva incapaz de enunciados assertivos e a inutilidade de relativismos desmedidos poderíamos nos desprender desse ciclo e explorar novos continentes. Dascal valoriza sobretudo seu caráter dialógico, uma vez que não são intraparadigmáticas nem extraparadigmáticas (mas algo como “transparadigmáticas”), afirmando que o resultado que nos importa nasce de imprevistos nascidos dessa dinâmica, e não no mundo do conhecimento objetivo (como propõe Popper⁹). Dispersar esse normativismo que não apreenderia o inefável e também rejeitar um descritivismo infrutífero me parece uma aceitável ponte entre exigências empíricas e entre deslizes confessionais.

IHU On-Line - Qual é a importância e o lugar da mística em meio à crise que atravessamos?

José Altran - Esta é uma questão bastante complicada e extensa. O que levanto a princípio, e por uma visão bem pessoal, é que o vazio de sentido parece pedir preenchimento por vivência e não por teoria ou

8 Marcelo Dascal (1940): filósofo e linguista brasileiro de origem israelense. Atualmente, é professor de Filosofia na Universidade de Tel Aviv, Israel. *A autonomia é uma ilusão*, entrevista com Marcelo Dascal na Edição 274 da Revista IHU On-Line, de 22-09-2008, disponível em <http://bit.ly/1k7q7PB>; “*A igualdade racial tem que ser igualdade cultural*”, entrevista com Marcelo Dascal reproduzida nas Notícias do Dia, de 09-07-2006, disponível em <http://bit.ly/1kOkWBA>. (Nota da IHU On-Line)

9 Karl Popper (1902-1994): filósofo austriaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e como defensor da democracia liberal. É conhecido como o criador do conceito de *falseabilidade*, que a coloca como uma característica fundamental para a demarcação científica de uma teoria. De acordo com este pensamento, uma teoria só será científica se puder ser falseada, isto é, colocada à prova diante da experiência. (Nota da IHU On-Line)

4 *Anekdiegetos*: palavra grega que aparece na Segunda Epístola aos Coríntios (2 Coríntios 9:15), cujo significado é “inefável”, “indizível”, “inexprimível”, “indescritível”, ou seja, algo que não se pode definir em palavras ou que não se pode verbalizar. (Nota do IHU On-Line)

5 Thomas Kuhn (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas*. (São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

6 *Empíria*: aquilo que deriva da experiência comum, coisas que as pessoas aprendem vivendo, uma determinada forma de conhecimento, baseada na experiência direta. Conhecimento empírico é um conhecimento derivado de experiências cotidianas, que provém de tentativas, erros e acertos. (Nota da IHU On-Line)

7 Barbara Herrnstein Smith: teórica e crítica literária estadunidense, conhecida pela obra *Contingencies of Value: Alternative Perspectives for Critical Theory* (Cambridge: Harvard University Press, 1988). Atualmente, é professora de Literatura Comparada e Inglês na Universidade de Duke, Estados Unidos, onde também é diretora do Centro de Estudos Interdisciplinares em Teoria Cultural e Científica, além de professora de Inglês na Universidade de Brown, também nos EUA. (Notas da IHU On-Line)

ritualismo: há fé gratuita de mãos dadas com descrença gratuita, ambas pairando tangentes à realidade e pedindo, do *fundo d'alma*, um rompante de onisciência. A urbe, a ciência, as dinâmicas sociais e tudo que restringe e condiciona nossa visão ao mundo nu anestesia nossa percepção consciente desta falta, mas não a inconsciente – por isso um hiato ontológico aparentemente “intransitivo”. Em outras palavras: é preciso “sentir Deus na pele” – seja qual for, se uma entidade consciente, se múltiplas, se uma força física ou se qualquer coisa além da dimensão profana.

É preciso, para sentir na pele, a cura de toda contingência, e tal feito não me parece acessível senão pela mística (carregada pela religião ou não), pois é exatamente nesse trânsito que ela opera. Ela também parece a solução de conflitos sociais (e acadêmicos), pois se considerarmos que o diálogo inter-religioso faz-se necessário – como no âmbito das Ciências da Religião bradamos ser –, como poderíamos atingi-lo assumindo cada fé como inteiramente diferente? Muito facilmente doutrinas entrarão em conflito e justificarão tanto um ataque otomano séculos atrás, como perseguições a religiões afro-brasileiras por parte de pentecostais hoje. O respeito ao próximo por vezes se mostrará incompatível com um rigor religioso, e, priorizando a doutrina, “tolerância” só será um conceito vazio e presente apenas enquanto a crença divergente estiver distante.

Penso que a única possibilidade de diálogo parte do reconhecimento de uma unidade entre elas – seja o inefável, a hierofania eliadeana¹⁰, pre-

10 **Mircéa Eliade** (1907-1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões, para chegar às origens, que se situariam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu mestrado em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um ashram em Rishikesh, ao pé do Himalaia, na Índia. Em 1933, voltou à Universidade de Bucareste e obteve o doutorado com

“Devemos abdicar de apego ou repúdio — pois é mera rebeldia contra a eterna transitoriedade das coisas, na esperança de dominá-las — e simplesmente observar”

missas morais, ou o que for –, já que o aspecto racional da religião, embora cumpra sua função, marcará clara distinção entre esta e aquelas de matriz histórica diferente. E, por mais que visões exageradamente “científicas” resistam a essa hipótese, é com grande clareza que podemos ver semelhanças entre relatos místicos distantes no tempo e no espaço – e um grande comodismo intelectual ignorar.

IHU On-Line - Como podemos compreender que as pessoas têm se

o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na *École de Hautes Études*, na Sorbonne, e, em 1956, foi professor de História das Religiões na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Foi também *honoris causa* em numerosas universidades de todo o mundo, além de premiado em 1977 pela Academia Francesa com a Legião de Honra. Sua interpretação essencial para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. Em Eliade, o conceito de hierofania corresponde às manifestações do sagrado, desde aquelas mais elementares, como, por exemplo, sua manifestação num objeto qualquer, em uma pedra ou uma árvore, até a sua forma suprema, que, para um cristão, seria a manifestação de Deus no homem Jesus Cristo, residindo aí um ato misterioso: a manifestação de algo divino em objetos que fazem parte de nosso mundo material, “profano”. (Nota do IHU On-Line).

afastado do Mistério e se debruçado muito sobre sua existência terrena, numa atitude centrada no consumo e no acúmulo de bens?

José Altran - Uma espécie de cultura pós-iluminista desemboca aí, pois a ciência e certos discursos “ontoantropocêntricos” fazem o homem criar uma convicção de suficiência que se desdobrará em uma objetivação do mundo. Objetos circunscritos são, portanto, definíveis, maleáveis, possessíveis. Na medida em que se adota o empírico como ponteiro de verdade tomando o lugar da fé, a realidade passa a ser só aquela palpável e a própria busca por sentido trará como resultante o materialismo. O homem não é inerte, é criatura da fome e, se não mais pode se alimentar do Mistério – se este deixou de ser palpável (quando sob fé ainda é, de alguma forma) –, alimenta-se de coisas “terrenas”. Isso não impede a presença da religião no mundo de hoje, porém – mas a modifica. Por mais que idealmente verse sobre o sublime, incide nela própria a conduta referida. Arrisco dizer que a acessibilidade desintegra a mística ali contida: nesse aspecto e frente à crise de sentido, as múltiplas ofertas me parecem tão nocivas quanto o monopólio religioso se as encararmos por uma ótica de mercado à la Rodney Stark¹¹.

Isso, adiante, não implica ser contra a pluralidade religiosa, é claro, mas atento ao fato de que, na medida em que encaramos Deus como versões distintas de um produto a ser escolhido em um mostruário, reduziremos religião a um empreendimento social como tantos outros que, embora imprescindíveis na dinâmica civilizatória, não conferem “sentido” aos clamores do âmagô humano. Desnecessário dizer, também, que eleger uma religião como a única correta perfaz desrespeito ainda maior,

11 **Rodney Stark** (1934): sociólogo estadunidense da religião, professor de Sociologia e de Religião Comparada na Universidade de Washington. Publicou pelo menos 30 livros e mais de 140 artigos sobre temas como preconceito, crime, suicídio e também sobre a vida na antiga Roma. (Nota da IHU On-Line)

posto que há, no mínimo, tantos “divinos” quanto pessoas. Com isso quero dizer que essa mesma cultura subjacente tem também por sintoma pessoas adotando religiões por fins identitários ou por pertencimento social, deixando à margem a sacralidade a lhes conferir sentido existencial: pode-se ir a um terreiro apenas para curar uma doença, usar camisa de *Ganesha* na rua porque é *cool*, dizer-se budista porque assim parecerá uma pessoa equilibrada. O problema não está nessas religiões, mas na ferida mentalidade materialista. Isso dito, seria então a dimensão inefável da experiência mística, justamente por não ser objetivável – logo, não comercializável, apenas experimental –, o refúgio do Mistério frente à cultura de consumo que aplaca a própria religião?

IHU On-Line - O que a mística e a espiritualidade podem ensinar, sobretudo às sociedades ocidentais?

José Altran - Que Deus é, sim, acessível, e, portanto, vazios ontológicos outrora insolúveis são minimizáveis, junto com tantos outros conflitos humanos. Em primeiro lugar, por mostrar que não é necessário colocar Deus numa caixinha à parte de nossa vida cotidiana. Os orientais nos ensinam isso pelo próprio fato de não haver correspondentes diretos ao termo “religião” em seus verbetes. O mesmo parece valer para os gregos clássicos e nossos índios. Isso coloca a religião precisamente como uma forma de interpretação do mundo – do mundo real, e não como uma especulação absolutamente transcendente e inacessível. Religião aqui não se opõe à ciência, numa verticalização de categorias, mas divide com ela alternativas explanatórias como se fossem diferentes anzóis para pescar a mesma coisa. Não há oposição como tão insistentemente alegorizado na sociedade ocidental, pois embora a religião envolva (e geralmente nasça de) uma experiência mística inefável, forma um corpo racional através de seu aparato institucional e doutrinário.

Então, assim como a ciência moderna – que isola do mundo real

“Se considerarmos que o diálogo inter-religioso faz-se necessário, como poderíamos atingi-lo assumindo cada fé como inteiramente diferente?”

a religião por dar-lhe nome –, ela é igualmente racional para interpretar o mundo (pelo *tao*, pelo *samsara*), e no final das contas cada um simplesmente escolhe sobre qual Escritura Sagrada fazer um exercício devocional: se sobre a intuída por algum profeta, ou se sobre a induzida por algum pensador do século XVIII. Sendo racionais, se uma delas busca se distinguir pela defesa da empiria como receptáculo da realidade, a outra o faz pelo seu componente *irracional*, que é justamente o místico. Em segundo lugar, por esse mesmo motivo, a mística também (re)ensina o ocidental que ele sequer precisa colocar uma infinidade de intermediários entre Deus e o homem, embora muitas vezes rituais, códigos e afins sejam ótimos auxiliares. Se religião é um recurso legítimo para compreender o mundo, a experiência direta e pessoal com a divindade é recurso para vivenciar essa compreensão, para saber o mundo.

IHU On-Line - Em que medida estar aberto ao Mistério e à Transcendência nos dá forças para compreendermos a insuficiência e a impermanência humanas?

José Altran - Reflexão simples: o que é mistério e o que é transcender? Considerar esses termos é considerar uma realidade “além” e,

por oposição, considerar “aquém” aquela que percebemos costumeiramente. Naturalmente o drama da insuficiência e da impermanência moram na “humanidade”, que mora no aquém. Ir ao além – para a “extra-humanidade” – é expandir esses limites e, quem sabe, encontrar alguma suficiência e permanência. Fato é que o homem “fechado” parece insistir em crer em uma suficiência terrena enquanto (sorrateiramente) mergulhado em uma sensação de que é esperança vã. A epistemologia e a própria história da ciência afiguram-se como uma corda bamba desde seu surgimento e talvez seja hora de, sem precisar dispensar verdades locais que tanto trouxeram progresso instrumental à civilização, assumir o fato de que estamos fadados à contingência de uma insuficiência cognitiva.

Quanto à impermanência, os budistas trouxeram interessantes aproximações sob o conceito de *anicca*, que afinal de contas propõe que devemos abdicar de apego ou repúdio – pois é mera rebeldia contra a eterna transitoriedade das coisas, na esperança de dominá-las – e simplesmente observar. Em outras palavras, para lidar com ambos os conceitos, devemos simplesmente “soltar” pretensões de domínio ou retenção. Esse soltar perfaz abdicar da necessidade de controle e simplesmente aceitar, corajosamente, que “outro” (seja Deus, seja o acaso, seja a providência, seja o nada) zele por nossos passos mesmo que não o vejamos ou que esteja além de nossas escolhas: uma entrega ao Mistério e ao Transcendente, ao “além”, ao “outro”. Um exercício de fé, onde fé passa longe de ser uma covardia otimista para lidar com esses dois dramas (como tão insistido sobretudo pelos ateus); mas, pelo contrário, já que o conhecido não sana, assumirmos e aceitarmos nossa insuficiência e impermanência põe-se como o primeiro e homérico passo para a árdua tarefa de “estar aberto” aos auspícios do desconhecido: fé não é inocência e fuga – fé é coragem.

Mística e a noite escura da alma

Para o filósofo Luiz Felipe Pondé, é a consciência da condição ontológica humana que nos prepara para conhecer o divino

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Durante muitos anos o filósofo Luiz Felipe Pondé se considerou um ateu. Não que tivesse atingido o ateísmo como conquista da razão, mas sim com a simples naturalidade do cotidiano. No entanto, tão logo iniciou seu doutoramento em uma universidade francesa e aprofundou seus estudos em Pascal, passou a ter experiências místicas de fundo religioso. “O que aconteceu comigo e o que me levou a estudar mística foi que comecei a ter aquilo que a tradição chama de visitas de Deus”, relembra ele, em entrevista à revista *Sacrilegens*¹. “Fui estudar mística para saber o que estava acontecendo comigo.”

Já na entrevista desta edição, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o filósofo discorre sobre algumas das suas reflexões posteriores aos seus encontros iniciais com o pensamento místico – e sobre o modo como o aliou ao pensamento dos filósofos pessimistas e niilistas com os quais já trabalhava. A mística, em Pondé, reforça uma compreensão já presente em seus trabalhos que é a do “descentramento do eu” e do rompimento com a percepção do ser humano como centro do mundo. É o

“homem insuficiente”, que, incapaz de atingir sozinho a salvação, depende fundamentalmente da intervenção divina. “A alma para de temer porque carrega o vazio em si, e este vazio se faz leveza”, pontua ele.

Luiz Felipe Pondé leciona na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP e na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, entre outras instituições. É graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela *Université de Paris VIII*, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu *O homem insuficiente* (São Paulo: Edusp, 2001); *Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoiévski* (São Paulo: Editora 34, 2003); *Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana* (São Paulo: Edusp, 2004); e *Do pensamento no deserto: ensaios de filosofia, teologia e literatura* (São Paulo: Edusp, 2009).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a peculiaridade do conceito de amor em Kierkegaard?

1 Entrevista com Luiz Felipe Pondé: Revista *Sacrilegens*, v. 3, n.1, 2006, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião/UFJF. Disponível em <http://bit.ly/pondesac>.

2 Søren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Vítor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas

Luiz Felipe Pondé - Sua caracteri-

zação é do amor como incognoscível e conhecido só pelos frutos. Ele usa trechos do evangelho e tira conclusões técnico-filosóficas, como o fato de ser conhecido pelos frutos enquanto prova de sua incognoscibilidade. E mais: o amor é apresentado como atitude epistêmica, ontológica e ética que é impermeável ao mal nas suas diversas formas.

como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da **IHU On-Line**, de 09-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Søren Kierkegaard*, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da **IHU On-Line**, de 16-08-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da **IHU On-Line**)

zação é do amor como incognoscível e conhecido só pelos frutos. Ele usa trechos do evangelho e tira conclusões técnico-filosóficas, como o fato de ser conhecido pelos frutos enquanto prova de sua incognoscibilidade. E mais: o amor é apresentado como atitude epistêmica, ontológica e ética que é impermeável ao mal nas suas diversas formas.

IHU On-Line - Um ser cujo tecido é a angústia e a “liberdade infinita” é nossa condição primordial, aponta Kierkegaard. Quais são os grandes “perigos” e as grandes bem-aven-

turanças que nos aguardam a partir dessa constatação?

Luiz Felipe Pondé - Podemos nos perder na falta de limites, na substância da angústia como infinitas possibilidades, na responsabilidade existencial por elas. De positivo há o fato de que somos livres como Deus, esta é a aventura. Mas ao mesmo tempo o único limite que temos é o limite negativo, a finitude.

IHU On-Line - Em que medida pode-se falar numa espiritualidade da agonia e qual é a sua relação com a mística?

Luiz Felipe Pondé - Espiritualidade da agonia é noite escura da alma, momento de consciência da condição ontológica humana que nos prepara para ver a distância para Deus, e com isso nosso aparelho cognitivo entra na correta perspectiva para conhecer Deus na via mística.

IHU On-Line - Como podemos compreender o fato de sermos seres “rasgados pela transcendência”? Em que medida o Mistério que nos atravessa é o mesmo Mistério que nos constitui?

Luiz Felipe Pondé - Sem o mistério, caímos de quatro. Não porque não seja possível uma ética sem o mistério, mas esta será apenas um contrato. Sem mistério só resta a política, e esta nos deforma quando é a única dimensão de compreensão da vida. A teologia mística fala da aspiração experimentada de que somos mais do que animais apenas.

IHU On-Line - Por que o ser humano se torna disfuncional quando se distancia do Mistério de Deus? Em que aspectos a Mística ocasiona um descentramento do ser humano como “eixo do mundo”?

Luiz Felipe Pondé - A mística não teme o niilismo porque ele é passo filosófico essencial pra a confrontação com Deus, sem a ilusão de que Deus exista pra nos servir como autoajuda. Todo historiador de ideias religiosas sabe que experiência direta produz descentramento, libertando o Eu da ilusão de que ser centro significa valor. Descentrar produz leveza d'alma.

IHU On-Line - Acolher o Mistério nos arranca do Nada? Por quê?

Luiz Felipe Pondé - Porque vemos que nossa raiz ontológica está na vontade livre de Deus; quando queremos fundamentar nossa existência ontológica em nós mesmos ou na matéria, somos obrigados a constatar o nada. Como diz **Berdyaev**³, toda experiência da aristocracia espiritual (mística) começa da percepção de nosso parentesco com o nada. Enquanto negamos e tememos o niilismo, não deixamos de ser espiritualmente imaturos. Não se pode começar a via mística pela assunção do valor *a priori* do homem, mas sim pela percepção do seu vazio.

IHU On-Line - Qual é a contribuição da filosofia religiosa pessimista para romper com “a ilusão naturalista que implica o esquecimento da presença ativa do Transcendente no homem”, conforme suas próprias palavras?

Luiz Felipe Pondé - A mesma importância que qualquer introdução ascética tem na via mística. Assim como exercícios físicos preparam o corpo, o pessimismo prepara a alma e liberta a espiritualidade do que em epistemologia se chama “*begging the question*”. Ou seja, a alma para de temer porque carrega o vazio em si, e este vazio se faz leveza.

IHU On-Line - Em que medida a Mística se contrapõe ao advento e às manifestações pós-modernas do “pequeno eu” e seu ruído incessante? Nesse sentido, como podemos compreender o aniquilamento e o desprendimento como superação e obsessão do “eu por si mesmo”?

³ Nikolai Alexandrovich Berdyaev (1874-1948): foi um religioso e filósofo político russo. Berdyaev nasceu em Kiev em uma família militar aristocrata. Ele viveu uma solitária infância em casa, quando leu a biblioteca inteira de seu pai. Leu clássicos como Hegel, Schopenhauer e Kant quando tinha apenas quatorze anos. Decidiu trilhar uma carreira intelectual quando ingressou na Universidade de Kiev em 1894. Inseriu-se num contexto de fervor revolucionário de universitários e intelectuais. Berdyaev tornou-se marxista e em 1898 foi preso em uma manifestação estudantil e expulso da universidade. (Nota da IHU On-Line)

Luiz Felipe Pondé - O *pequeno Eu* é “brega” em sua demanda de autoestima. A mística precisa do silêncio do ego e suas demandas por “direitos ontológicos”. Estes termos são os nomes medievais para superação dos ruídos egoicos que pedem direitos ontológicos para o homem. Estes direitos são ridículos.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Luiz Felipe Pondé - O amor em Kierkegaard pressupõe tudo isso acima. Por isso ele pressupõe o niilismo pra depois sorrir dele e de sua presunção em ser a resposta última para a alma consciente do nada que nos constitui.

Leia mais...

>> **Luiz Felipe Pondé** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. Confira:

- *A mística judaica*. Publicada na edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon133>
- *Parricídio, niilismo e morte da tradição*. Publicada na edição 195 da **IHU On-Line**, de 11-09-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>
- *A fé é dada pela graça*. Publicada na edição 209 da **IHU On-Line**, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon209>
- *A Teologia da Libertação: será que ela não crê demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica?* Publicada na edição 214 da **IHU On-Line**, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon214>
- *“Perdão tem que ser graça”*. Publicada na edição 388 da **IHU On-Line**, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon388>

“Ninguém nunca viu a Deus”. Para a mística, a verdade é sempre interior

O italiano Marco Vannini discute a mística, trazendo a experiência do nada e do mistério como elementos importantes para pensar a problemática

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Marco Vannini, um dos principais nomes sobre o tema no mundo, não considera que a mística seja uma experiência do mistério. “O assim chamado mistério é colocado por nós, e a nós são dadas as respostas. Certamente, há coisas que ignoramos, e a realidade de Deus é uma delas, pelo que podemos falar sempre e em qualquer caso somente da nossa experiência, evitando como a peste a tentação de dizer que ela é a ‘experiência de Deus’”, sustenta Vannini em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “A experiência do espírito é o conhecimento da nossa mais real essência, que é a essência humana, além de cada distinção acidental de cultura, religiões, modos de vida, todos relacionados com a contingência espaço-temporal, e também além da diferença de gênero, que subsiste em nível corpóreo e, em certa medida, também em nível psíquico, mas é inexistente no nível espiritual”, complementa.

Na avaliação de Marco Vannini, a experiência da ausência é, na realidade, a mesma do “nada”. “A experiência do nada não é somente negativa, trágica, mas pode ser sim extremamente frutífera, como purificadora de todos os ídolos, de toda a pretensa certeza”, considera. Para o pensador, vivemos em momento histórico em que a história e a ciência

erodiram a crença que a fé proporcionava. “‘O deserto cresce’, Nietzsche já advertia há um século e meio que cada parte é responsável pela ausência de propósito, o nada no seu sentido mais trágico”, sustenta. “Quando várias correntes místicas compreendem cada uma o específico da outra, entendem que são gotas do mesmo mar”, avalia o entrevistado.

Marco Vannini é um dos maiores estudiosos italianos da mística especulativa. Além de ter editado Mestre Eckhart e muitos outros místicos, ele é autor de *La morte dell'anima. Dalla mistica alla psicologia* (Ed. Le Lettere, 2004); *Storia della mistica occidentale* (Ed. Mondadori, 2005); *Mistica e filosofia* (Ed. Le Lettere, 2007); *La mistica delle grandi religioni* (Ed. Le Lettere, 2010); *Prego Dio che mi liberi da Dio* (Ed. Bompiani, 2010), dentre outros. Em português, foi traduzida a sua *Introduzione à mistica* (Edições Loyola, 2005).

Neste ano Marco Vannini publicou os seguintes livros: *Lessico Místico. Le parole della saggezza* (Le Lettere: Firenze, 2013), *Oltre il Cristianesimo. Da Eckhart a Le Saux* (Bompiani: Milão, 2013) e, juntamente com Corrado Augias, *Inchiesta su Maria. La storia vera della fanciulla che divenne mito* (Rizzoli: Milão, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido a mística é uma experiência do Mistério? Como a modernidade compreende essa vivência?

Marco Vannini - Não direi absolutamente que a mística seja a experiência do mistério. O assim chamado mistério é colocado por nós, e a nós

são dadas as respostas. Certamente, há coisas que ignoramos, e a realidade de Deus é uma delas (*Deum nemo vidit unquam*, diz São João)¹, pelo que podemos falar sempre e em qualquer

caso somente da nossa experiência, evitando como a peste a tentação de dizer que ela é a “experiência de Deus”. Podemos, todavia, dizer que é experiência de uma profundidade — ou de uma altura — vertiginosa que vivemos como experiência da realidade mais essencial de nós mesmos,

1 (“Ninguém jamais viu a Deus” - Jo, 1,18 - Nota da **IHU On-Line**)

e, juntamente, como experiência de uma bem-aventurança de outra maneira absolutamente desconhecida. Por certo, ela se refere implicitamente à luz eterna, ao Bem, ou seja, ao que chamamos comumente Deus, mas não podemos, a rigor, deduzir nenhuma teologia e, nesse sentido, o mistério permanece um mistério.

Acredito que a modernidade não aceita — e com razão — as afirmações dos teólogos, ou dos que se dizem místicos, de apresentar sua própria vivência como experiência de conhecimento de Deus, experiência de Deus, mas, em vez disso, compreende perfeitamente, e até aceita de bom grado, por seu caráter de verdadeiro conhecimento mil vezes superior ao das psicologias superficiais, a experiência mística como experiência de nós mesmos, no sentido recém-indicado.

IHU On-Line - Quais são as palavras fundamentais, o léxico que pode descrever a mística?

Marco Vannini - No meu *Léxico Místico*, publicado este ano, descrevi umas sessenta palavras importantes para a mística, mas também poderíamos acrescentar outras. Elas são todas importantes, pelo menos no sentido de que a realidade é uma só, pelo que todas as palavras e os conceitos estão indissoluvelmente ligados uns aos outros, e não é possível isolá-los, por assim dizer, e descrevê-los isoladamente, sem, em conjunto, referirem-se também às outras. Se eu devo fazer uma hierarquia, direi que algumas das principais palavras-chave são: amor, desapego, humildade, Uno, vazio.

IHU On-Line - Em outra entrevista à nossa publicação², o senhor afirmou que a experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero. Qual é a importância de se pensar uma mística para além dessas categorias?

Marco Vannini - Como dizia acima, a experiência do espírito é

“O assim chamado mistério é colocado por nós, e a nós são dadas as respostas”

o conhecimento da nossa mais real essência, que é a essência humana, além de cada distinção acidental de cultura, religiões, modos de vida, todos relacionados com a contingência espaço-temporal, e também além da diferença de gênero, que subsiste em nível corpóreo e, em certa medida, também em nível psíquico, mas é inexistente no nível espiritual. É evidente que esse conhecimento estabelece uma comunhão entre todos os seres humanos, em todos os lugares (e em todos os tempos), infinitamente superior àquela que se desejaria fundar sobre categorias de caráter político-social (por exemplo, a do direito) ou moral-religioso (por exemplo, o assim chamado ecumenismo), pois estão elas mesmas sujeitas ao condicionamento espaço-temporal.

IHU On-Line - Por que é preciso partir da antropologia clássica para compreender a mística?

Marco Vannini - Porque a antropologia clássica — bem como a cristã que dela se deriva — tem a experiência do ser humano como corpo, alma, espírito, enquanto aquela que prevalece em nossos tempos ignora simplesmente a realidade espiritual, e permanece no dualismo corpo-alma, de fato, corpo-psyche. Assim o espírito, em vez de ser o que é, ou seja, o constituinte essencial do homem, desaparece em meio à névoa da indeterminação — também em nível teológico (o Espírito Santo). É necessário, portanto, primeiro ter uma experiência do espírito, e isso somente é possível ao se recuperar a conexão entre filosofia e misticismo, sem o que essa se perde no sentimentalismo.

IHU On-Line - Por que a instituição eclesiástica sempre suspeitou da mística enquanto tal?

Marco Vannini - Em primeiro lugar, porque a mística é como a filosofia — na verdade, a mística é filosofia, como acertadamente revela Pierre Hadot³ — e, como tal, não reconhece nenhuma autoridade acima da correta razão. Em segundo lugar, porque para a mística a verdade é sempre interior, e o próprio Deus *interior intimo meo*, como disse Agostinho⁴, para o qual a relação com Deus existe somente na interioridade, sem mediação alguma, e isso, obviamente, tira não só o peso da Igreja, como também da Escritura. Em terceiro lugar, enfim, para a mística, a experiência paulina da unidade e da liberdade do espírito é intrínseca: *quid adhaeret domino, unus spiritus est, e ubi spiritus domini, ibi libertas*⁵, e esse segundo elemento, a liberdade, é sempre percebido como perigoso, tanto pela autoridade eclesiástica, quanto pela civil.

IHU On-Line - Qual é o legado místico de Etty Hillesum⁶, Ângela de

³ Pierre Hadot: filósofo francês, é um dos co-autores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Sus pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra confira a revista *Síntese* 75(1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Santo Agostinho [Aurélio Agostinho] (354-430): Bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/11CA1f8>. (Nota da IHU On-Line)

⁵ (2Cor 3,17 - Nota da IHU On-Line).

⁶ Esther Hillesum ou Etty Hillesum (1914-1943): foi uma jovem judia, cujos diários e cartas descrevem a vida em Amsterdan, durante a ocupação alemã. Em Setembro de 1943, Etty foi deportada para Auschwitz, vindo a falecer em Novembro desse ano. *Etty Hillesum: reencontrar a vida no turbilhão do Holocausto*, artigo de Giorgio Montefoschi publi-

² “A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero”. Entrevista com Marco Vannini publicada na Edição 385, de 19-12-2011, da Revista IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/IHY3nA>.

Foligno⁷ e Marguerite Porete⁸? Quais são as peculiaridades da relação dessas mulheres com a transcendência?

Marco Vannini - Trata-se de três figuras femininas muito distantes não somente no tempo — Ângela e Marguerite do século XIII ao século XIV, Etty do século XX — mas também de características pessoais, meio ambiente, cultura, até mesmo religião, visto que Etty era de família judia. Diria em primeiro lugar que elas, juntas, mostram como a experiência mística tem sempre elementos essenciais comuns, não obstante as diferenças espaço-temporais, como disse anteriormente. Com a transcendência há uma relação apenas no sentido da ausência que poderíamos expressar, utilizando as palavras de outra grande mulher mística de nosso tempo, Simone Weil⁹: “O contato com as criaturas

“A experiência do espírito é o conhecimento da nossa mais real essência, que é a essência humana”

nos é dado pelo sentido da presença, o contato com Deus nos é dado pelo sentimento da ausência. Em comparação com essa ausência, no entanto, a presença é mais ausente que a ausência”. Essa é também a herança mais importante que recebemos delas.

IHU On-Line - Qual é a importância do Nada na mística dessas três mulheres? E qual é a atualidade dessa compreensão e relação com a transcendência?

Marco Vannini - A resposta a essa pergunta está, pelo menos implicitamente, já contida na precedente. A experiência da ausência é, na realidade, “a mesma do nada e não há dúvida de que ela seja de singular atualidade no tempo presente, quanto o era na época do niilismo”. Essas mulheres mostraram que a experiência do nada não é somente negativa, trágica, mas pode ser sim extremamente frutífera, como purificadora de todos os ídolos, de toda a pretensa certeza. Acontece, portanto, que se mantém a orientação da inteligência, de toda a alma, em direção ao Absoluto, ou seja, a fé. Como não lembrar o que ensina São João da Cruz¹⁰? A fé não produz certezas, mas

conduz na noite, isto é, no nada, mas é precisamente nessa noite, nesse nada, que resplandece a luz.

IHU On-Line - Como tais experiências místicas podem inspirar e dar sentido à existência em nosso tempo?

Marco Vannini - Também essa pergunta conecta-se às duas precedentes, e a resposta é similar. Estamos realmente em um momento em que a história e a ciência erodiram a crença de que a fé proporcionava até ontem. “O deserto cresce”, **Nietzsche**¹¹ já ad-

sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002) (Nota da IHU On-Line).

¹¹ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Université Catholique de Louvain, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://bit.ly/dyA7sR>. A edição 15 dos **Cadernos IHU** em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença — Pré-evento do XI Simpósio Internacional **IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da Revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a*

cado nas Notícias do Dia, de 22-02-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/JxZ02q>; *No arco-íris de Etty Hillesum*. Artigo de Gianfranco Ravasi publicado nas Notícias do Dia, de 23-05-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/lZp1GS>; *Etty Hillesum rumo a Auschwitz, com radiosa esperança*, de 19-11-2013, disponível em <http://bit.ly/1bJzAom>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ Ângela de Foligno (1248-1309): foi uma mística e santa cristã nascida em Foligno, na Umbria, Itália. Morreu em Foligno, na Itália, no dia 4 de janeiro de 1309. O seu corpo incorrupto encontra-se exposto na Igreja de São Francisco dessa mesma cidade. Foi beatificada pelo Papa Inocêncio XII em 1693 e canonizada pelo Papa Francisco em 2013. *Monaquismo feminino: o desenvolvimento intelectual e criativo das mulheres*, artigo de Marco Rizzi, publicado nas Notícias do Dia, de 28-08-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1k7t42L>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ Marguerite Porete: mística francesa, queimada pela Inquisição em Paris, em 1310, após se recusar a retirar seu livro de circulação. *Marguerite Porete: a alma entre aniquilamento e nobreza*, entrevista com Ceci Baptista Mariani publicada na edição 385 da Revista **IHU On-Line**, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/18uFRta>; Marguerite Porete e a “teologia” do feminino divino, entrevista com Sílvia Schwartz, publicada na edição 385 da Revista **IHU On-Line**, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/1ehNJ3T>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra

Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, *Simone Weil Palavra Viva*, disponível em <http://bit.ly/tZSCDr>; 168, de 12-12-2005, *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/v0aMxT>; 313, de 03-11-2009, *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, disponível em <http://bit.ly/w374lt>. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ João de Ypes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala

vertia há um século e meio que cada parte é responsável pela ausência de propósito, o nada no seu sentido mais trágico. Eis então que um testemunho como o de Etty, que descobre a presença de Deus no meio do campo de concentração nazista onde ela mesma está trancada por ajudar os seus compatriotas, e naquele horror foi capaz de pensar e escrever que estava bem assim, que tudo estava bem, assume um relevo verdadeiramente extraordinário, muito mais autêntico e convincente do que tanta teologia, para não falar das psicologias.

IHU On-Line - Qual é a principal peculiaridade sobre a mística de Maria, mãe de Jesus ¹²?

Marco Vannini - Maria é mesmo o arquétipo da mística pelos traços que lhe caracterizam a figura — a única testemunhada nos Evangelhos — ou seja, humildade e desapego. São esses os elementos que compõem o vazio na alma, ou seja, matam o amor a si próprio e deixam o espaço à graça de Deus. Não é coincidência que ela é, desde o princípio, chamada de “cheia de graça”. Os grandes místicos de todos os tempos, de Orígenes¹³ a Meister Eckhart a Angelus Silesius¹⁴, compreenderam muitíssimo bem como o nascimento do Filho, do Logos, não estava somente uma vez no ventre de Maria, mas em todo o tempo, em cada instante, em cada alma humilde e distante, que criou o vazio em si própria.

afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/Hza-JpJ>. (Nota da IHU On-Line)

12 Mística de Maria, mãe de Jesus: O autor é, com Corrado Augias, autor do livro *Inchiasta su Maria*. La storia vera della fanciulla che divenne mito. Milão: Rizzoli, 2013. (Nota da IHU On-Line).

13 Orígenes (aproximadamente 185-254): mestre catequista na Alexandria e discípulo de São Clemente. Criador de um sistema filosófico-teológico no qual o cristianismo se apresentava como a culminância da filosofia grega. (Nota da IHU On-Line)

14 Angelus Silesius (1624-1667): pseudônimo de Johannes Scheffler, poeta germânico, nascido em 1624 em Breslau, Polônia, e falecido na mesma cidade em 1667. (Nota da IHU On-Line)

“A experiência do nada não é somente negativa, trágica, mas pode ser sim extremamente frutífera, como purificadora de todos os ídolos, de toda a pretensa certeza”

IHU On-Line - Que aproximações poderiam ser tecidas entre a mística cristã, a brahmane¹⁵ e a budista? Nesse sentido, quais são as sutilezas da mística de Mestre Eckhart e Herni Le Saux¹⁶?

Marco Vannini - Diria que, se for verdade, como é verdade, a mística é sempre substancialmente igual a si mesma, de modo que os grandes místicos de todos os tempos assemelham-se “desde quase a identidade”, como dizia Simone Weil; por outro lado, é também verdade que os vários místicos colocam ênfase em diferentes aspectos da experiência única. Reconhecer a realidade do espírito, matar o egoísmo de apropriação, extinguir o desejo, tornar vazio a si próprio são elementos presentes em cada mística, porém desenvolvidos e enfatizados em alguns mais que em outros. Sob esse aspecto diria que o

15 Brâmane: é um membro da casta sacerdotal, a primeira do Varnaśrama dharma ou Varna vyavastha, a tradicional divisão em quatro castas (varna) da sociedade hinduísta. (Nota da IHU On-Line)

16 Swami Abhishiktananda (1910-1973): nome indiano de Dom Henri Le Saux, monge beneditino. Em 1950, foi cofundador, junto com Father Jules Monchanin, do Satchidananda Ashram, uma instituição monástica dedicada à integração dos valores da tradição beneditina com os valores da tradição monástica hindu. (Nota da IHU On-Line)

cristianismo, o bramanismo e o budismo são complementares.

Coloquei *De Eckhart a Le Saux* como subtítulo do meu último livro *Oltre il cristianesimo* (Milano: Editore Bompiani, 2013) para evidenciar como, da Idade Média até hoje, a experiência de um “eu sou” no fundo da alma, é completamente idêntica a das palavras de Jesus: “Antes que Abraão existisse, eu sou”, constituía o núcleo essencial do cristianismo — “mais além” o cristianismo como teologia ligada aos tempos e lugares. A importância de Le Saux não é maior que a de Eckhart, mas, para nós, talvez, a mais significativa, uma vez que se trata de um nosso contemporâneo, com uma imagem de mundo que certamente não é medieval, e então passada por intermédio da cultura e da espiritualidade da Índia, que foi a que revelou o verdadeiro significado do cristianismo.

Quando várias correntes místicas compreendem cada uma o específico da outra, entendem que são gotas do mesmo mar.

Leia mais...

- “A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero”. Entrevista com Marco Vannini publicada na Edição 385, de 19-12-2011, da Revista **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/IHY3nA>.
- *Bento XVI, o último papa de Nietzsche*. Artigo de Marco Vannini publicado nas **Notícias do Dia**, de 13-02-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/1cqzl2u>.
- *A renúncia e o drama da relação fé e história*. Entrevista especial com Marco Vannini publicada nas **Notícias do Dia**, de 10-03-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/18uGhQj>.
- *O silêncio da alma: por que o Ocidente esqueceu os seus místicos*. Entrevista com Marco Vannini reproduzida nas **Notícias do Dia**, de 31-03-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/19sy0m>.

A revolução de um homem só

Eduardo Guerreiro Brito Losso sustenta que o enfrentamento das injustiças sociais passa primeiro pela conscientização individual e depois pela ação coletiva

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

O ano de 2013 foi marcado por diversas mobilizações de rua no Brasil e no mundo. O imperativo de coletivização, que representa um enfrentamento muitas vezes corajoso e heroico diante da polícia, tem, sem dúvida, razões legítimas diante das fragilidades democráticas de nossas sociedades. No entanto, pondera Eduardo Guerreiro Brito Losso, não podemos criar a ilusão de que o engajamento explícito é o único legítimo. “Penso que o cerne da possibilidade de mudança do sistema injusto que vivemos não está, primeiro, na ocupação das ruas e no enfrentamento espetacular e, depois, na conscientização individual, mas, sim, na ordem inversa. Somente no exercício de conhecer a si mesmo e na descoberta da capacidade de transformação de si, ou seja, na conquista de uma autonomia de amplo alcance, é que cada sujeito estará de fato apto a observar, *examinar* de que modo ele está implicado numa rede contextual de culpa e contrariar a efetividade perversa do sistema o máximo que puder”, avalia o professor, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Para Eduardo Losso, quanto mais os indivíduos forem capazes de examinarem a si mesmos, desenvolverem a própria autonomia, mais força têm os movimentos sociais. Porém, ressalta o entrevistado, a maior virtude que um homem pode alcançar é a indiferença em relação às suas conquistas. “Esse des-

prendimento dos valores estabelecidos, até dos valores morais instaurados pela própria religião que se segue, é uma característica essencial da mística, que se originou, diretamente, de uma perspectiva ascética. O poeta moderno, em sua ojeriza pelo modo de vida burguês, pode ser pensado como uma espécie de renovação da ascese e da mística no contexto capitalista”, explica. “Para revitalizar a mística tradicional na modernidade, mesmo para entender por que os místicos foram tão avançados em sua época, é preciso encarar a metrópole, a emancipação feminina, a ecologia, o capitalismo, etc., coisas que uma visão tradicional não abarca. Quem faz isso são os escritores modernos. Se a mística foi a revitalização da religião, os escritores modernos são a revitalização da mística”, complementa.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e pela Universität Leipzig, Alemanha, orientado por Christoph Türcke, com a tese *Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ cursou pós-doutorado. Leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e é um dos autores de *O carnaval carioca de Mario de Andrade* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011). Conheça seu site <http://www.eduardoguerreirolosso.com/>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na perspectiva da mística, qual é a importância do exame de si mesmo?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Nos momentos iniciais da onda de protestos deste ano no Brasil, escrevi uma série de textos interventivos, chamados de “Movimento Ensaio Livre”, e um deles se chama “Da crítica ao sistema ao exame de si mesmo”. A

partir da frase “Se quer mudar o mundo, comece por si mesmo”, uma das muitas repetidas nas manifestações e nas redes sociais, coloco em questão a ideia de que só é válida a luta política feita fora de casa e no meio das ruas. O imperativo de coletivização, o estímulo de enfrentamento corajoso e heroico diante da polícia, representante do sistema, ainda que

tenha razões legítimas, diante da insuficiente democracia em que vivemos, pode criar a ilusão de que somente a via do engajamento explícito é o único ato crítico válido. Penso que o cerne da possibilidade de mudança do sistema injusto que vivemos não está, primeiro, na ocupação das ruas e no enfrentamento espetacular e, depois, na conscientização individual, mas,

sim, na ordem inversa. Somente no exercício de conhecer a si mesmo e na descoberta da capacidade de transformação de si, ou seja, na conquista de uma autonomia de amplo alcance, é que cada sujeito estará de fato apto a observar, *examinar* de que modo ele está implicado numa rede contextual de culpa e contrariar a efetividade perversa do sistema o máximo que puder. Logo, meu diagnóstico diminui o imperativo dos coletivos e aumenta a necessidade do recolhimento, sem que uma coisa, devo insistir, se oponha à outra.

IHU On-Line - Qual é o lugar da mística e quais são os principais desafios de se vivenciá-la em tempos como os que vivemos?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Cito uma frase de Octavio Paz¹, “A crítica da religião desalojou o cristianismo e em seu lugar os homens apressaram-se em entronizar uma nova deidade: a política”. Não é só Paz que chega a essa conclusão. Antes dele, diferentes pensadores da religião como Eliade², Frye³, Berdya-

ev, etc., observaram esse fenômeno. O mais intrigante é quando novas e velhas religiões retomam o espaço político (ou isso melhor se evidencia, no fundo nunca se retiraram dele) e se aliam ou se confrontam com velhas e novas esquerdas e direitas.

Chegamos, então, a uma estranha conclusão: só na melhor mística, na melhor arte e pensamento que encontramos uma verdadeira crítica do fanatismo. Mais especialmente: na capacidade de pensar sobre si mesmo a partir do silêncio. Não hesito em formular um mecanismo social moderno infalível: quanto mais os indivíduos de uma sociedade forem capazes de examinarem a si mesmos, adquirir autonomia, mais força e qualidade terão os movimentos sociais, e mais eficácia tais movimentos terão de modificar o sistema. Quanto menos eles forem capazes disso, mais os movimentos sociais tornar-se-ão uma mera parte da engrenagem do sistema e contribuirão para a sensação de impotência e a postura de resignação, o pessimismo fácil e cômodo. A aparência de insubmissão vai reforçar a crescente submissão.

IHU On-Line - Em suas pesquisas, qual é a relação que estabelece entre ascese, mística e literatura moderna?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Cito uma frase de Evágrio Pôntico⁴,

do em Sherbrooke, Quebec, mas criado em Moncton, New Brunswick, ele passou toda sua carreira, incluindo seus dias de aluno da graduação, na Faculdade Victoria, Universidade de Toronto. Ele chegou à proeminência internacional quando ainda era estudante. A poesia profética de William Blake há muito era considerada divagações delirantes que nunca poderiam ser entendidas. Frye encontrou nela um sistema de metáfora derivado do Paraíso Perdido e da Bíblia. Ele publicou suas descobertas como *Fearful Symmetry* em 1947. (Nota da IHU On-Line)

4 Evágrio Pôntico (345-397): monge nascido na Capadócia, em Iboira, no Ponto, por isso chamado de Pôntico. Passou dezesesseis anos de sua vida no deserto do Egito, como anacoreta. Foi discípulo e amigo de São Gregório de Nazianzo, sendo ordenado diácono por ele. Conduziu uma das grandes correntes da espiritualidade bizantina. Para Evágrio, a ascensão espiritual consiste em contemplar a Deus em si mesmo, de modo que se vê a Deus como num espelho. O caminho consiste em despojar-se dos pensamentos apaixonados, depois, mesmo dos pensamentos simples, até a completa nudez de ima-

um dos principais ascetas cristãos da antiguidade: “Tanto as virtudes quanto os vícios tornam a mente cega: as virtudes, porque não veem os vícios, os vícios, porque não veem as virtudes.” Aqueles que desprezam as virtudes, orgulhosos de seus vícios, não têm a mínima condição de se tornarem pessoas melhores. Aqueles que desprezam o vício dos outros, orgulhosos de suas virtudes, não têm a mínima condição de superarem os vícios originados das virtudes, o que os torna menores. A partir do mote de Evágrio, encontrei a seguinte variação: não tomar vícios por virtudes, o que é um disparate dos fracos, nem viciar-se nas próprias virtudes, o que é uma grave fraqueza dos fortes.

Murilo Mendes⁵ não está nada distante disso quando sentencia: “A virtude de um homem torna-se admirável, quando ele não lhe dá atenção. A burocracia da virtude é um fenômeno irritante”. Evágrio e Murilo propõem um distanciamento radical das próprias qualidades. A maior virtude que um homem pode alcançar é a indiferença a suas conquistas. Esse desprendimento dos valores estabelecidos, até dos valores morais instaurados pela própria religião que se segue, é uma característica essencial da mística, que se originou, diretamente, de uma perspectiva ascética. O poeta moderno, em sua ojeriza pelo modo de vida burguês, pode ser pensado como uma espécie de renovação da ascese e da mística no contexto capitalista. Seja nos escritores mais isolados, como Flaubert⁶ ou Leonardo

gens e conceitos. Escreveu diversas obras sobre oração, a vida monástica e a vida ascética. (Nota da IHU On-Line).

5 Murilo Mendes (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estreia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota da IHU On-Line)

6 Gustave Flaubert (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary*, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. Sofria de epilepsia.

1 Octavio Paz Lozano (1914-1998): poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

2 Mircea Eliade (1907-1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões para chegar às origens, que se situam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu Masters of Arts em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um Ashram em Rishikesh, Himalaia. Em 1933, volta à Universidade de Bucareste e ganha o Ph.D. com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi Prof. de História das Religiões na Universidade de Chicago. Foi também Honoris Causa em numerosas Universidades de todo o mundo. Premiado em 1977 pela Academia Francesa, recebeu a Legião de Honra. A interpretação essencial de Eliade para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. (Nota da IHU On-Line).

3 Herman Northrop Frye (1912-1991): foi um crítico literário canadense, um dos mais célebres do século XX. Nasci-

Fróes⁷, seja nos mais boêmios, como Jack Kerouac⁸ ou Guilherme Zarvos⁹, encontramos uma permanente diferenciação do padrão de comportamento vigente, oposição ao *status quo*, desprezo pela moral dominante que estabelece o “bom homem”. Porém, uma ascese poética moderna geralmente contraria o chamado “ideal ascético” cristão, afirma francamente o corpo e a materialidade, enfim, opõe-se à moral cristã, ou, paradoxalmente, reforça o tédio e a finitude do corpo diante da morte já antevistos na *acedia* dos monges da Idade Média. A interpretação do poema “O mau monge” de Baudelaire¹⁰, feita por Marcelo Jacques de Moraes¹¹, no artigo “As flores do mal e o fracasso do poema”, mostra precisamente a fonte ascética do primeiro poeta e crítico moderno, a partir da linhagem estabelecida por Agamben¹². A literatura moderna ora

retoma a secura ascética, ora afirma a vitalidade corporal e contraria a renúncia ao corpo, mas sempre reforça a renúncia ao mundo burguês, seja em seu puritanismo, seja em seu consumismo.

IHU On-Line - O que podemos compreender por uma mística secularizada?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Segundo Gershom Scholem¹³, a mística tradicional já é uma secularização dos fundadores da religião. Ela reage a um engessamento da revelação e pretende revitalizá-la, o que desgraça os sacerdotes, que pretendem resguardá-la de mudanças. Adorno¹⁴

to, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da *IHU On-Line*, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao XIV Simpósio Internacional IHU - *Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades*. (Nota da IHU On-Line)

13 **Gershom Scholem** (1897-1982): pesquisador da mística judaica, estabeleceu-se no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da IHU On-Line)

14 **Theodor Adorno** [Theodor Wiesengrund Adorno] (1903-1969): sociólogo,

segue Scholem nesse ponto e diz que a mística medieval é uma secularização que representa um avanço emancipatório. Justamente porque a mística cristã que floresceu no final da Idade Média e encontrou seu auge no século XVI foi logo reprimida, penso que seu anseio foi transferido para os esoterismos que, por sua vez, influenciaram profundamente a literatura moderna. Por conseguinte, o recalcamento do impulso místico fez com que o seu retorno aparecesse na arte moderna, especialmente naquilo que Octavio Paz chama de *analogia*. A partir do romantismo, há toda a história, ainda por fazer, de traços místicos na literatura moderna, nos seguintes planos: simbólico-temático, formal e o propriamente espiritual. Um autor ou uma obra podem estar, em diversos graus, próximos ou distantes dos pressupostos da perquirição mística.

IHU On-Line - Em que sentido a mística secularizada difere da mística tradicional?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Uma clara diferença está no fato de a mística tradicional não lidar com o “fora” de sua religião, de modo que o fantasma do niilismo exista mais num plano inconsciente, implícito — mas não deixa de estar lá —, pois ela, como eu disse, é fruto de uma secularização da religião e, por isso, é simultaneamente o signo de uma revitalização e de uma crise, a qual vai determinar a revitalização. Já a mística secularizada moderna não escapa dele, vai ter de

filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista *IHU On-Line*, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon386>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

enfrentá-lo nu e cheio de força: esse é o seu maior demônio.

Nos Seminários de Mística Comparada organizados por Faustino Teixeira, essa questão sempre retorna, pois há uma oposição entre uma defesa de uma postura afirmativa da vida (Faustino) e uma postura niilista (Luiz Felipe Pondé). Minha posição pende sempre mais para o Faustino. No contexto da discussão à la Pondé sempre me surpreendeu, positivamente, essa colocação do mal na pauta, mas a tendência que ele tem de ficar no extremo oposto como “garantia de qualidade do pensamento”, ainda que não seja simples, e que produza um olhar interessante dentro de admiradores da mística (que enfrentam o perigo do escapismo), não é para mim desejável. A meu ver, parafraseando Nietzsche¹⁵, o niilismo existe para ser

“Quanto mais os indivíduos de uma sociedade forem capazes de examinarem a si mesmos, mais força e qualidade terão os movimentos sociais e mais eficácia tais movimentos terão de modificar o sistema”

Para revitalizar a mística tradicional na modernidade, mesmo para entender por que os místicos foram tão avançados em sua época, é preciso encarar a metrópole, a emancipação feminina, a ecologia, o capitalismo, etc., coisas que uma visão tradicional não abarca. Quem faz isso são os escritores modernos. Se a mística foi a revitalização da religião, os escritores modernos são a revitalização da mística, por isso, podem ser vistos como uma nova mística, sem dogma, uma verdadeira modernização da mística, enquanto religiosos demasiadamente conservadores continuam representando a censura eclesiástica da religião sem mística, e críticos que recusam a dimensão mística da literatura continuam representando a censura positivista, por mais que se considerem abertos e avançados.

De qualquer forma, nosso seminário é um encontro riquíssimo, porque eu sempre aprendo muito com aqueles que estão afunilando na mística tradicional cristã, ou mesmo místicas atuais, como o faz Maria Clara Bingemer¹⁶, relações entre grandes escritores como Dostoiévski¹⁷ e filoso-

15 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da *IHU On-Line*, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela *IHU On-Line* edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na *Université Catholique de Louvain*, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://bit.ly/dyA7sR>. A edição 15 dos *Cadernos IHU* em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional *IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da Revista *IHU On-Line*, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-

superado, ainda que ele seja, por definição, insuperável. Ora, o místico e o poeta são paradoxais, e movimentam-se a todo instante nesse paradoxo. A ambição de superar o insuperável é a grandeza do homem, e produz os seus melhores legados. Aliás, sempre vi o esforço de produção dos grandes niilistas como uma gigantesca denegação do que promovem.

Meu papel no seminário tem sido apontar aquilo que falta na colocação dos dois extremos, falta especialmente quando a oposição instaurada entre niilismo e afirmação não é posta de um ponto de vista radicalmente histórico, penso eu, cuja necessidade sua pergunta ressalta: a ruptura entre tradição e modernidade. E é preciso ter muito cuidado ao ler místicos tradicionais e tomá-los como uma palavra perfeita de sabedoria nos dias de hoje, pois eles eram atuais, modernos, em sua época, mas hoje são clássicos.

2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/Hza-JpJ>. (Nota da *IHU On-Line*)

16 Maria Clara Bingemer: teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, *A experiência de Deus num corpo de mulher*. São Paulo: Loyola, 2002; e *Deus amor: graça que habita em nós*. São Paulo/Valência: Paulinas/Siquem, 2003. *IHU On-Line* entrevistou a professora Maria Clara na edição nº 84, de 17 de novembro de 2003, sobre a filósofa Simone Weil, na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sobre o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, evento promovido pelo *IHU* em maio de 2004, e na 121ª edição, de 1º de novembro de 2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos *Cadernos Teologia Pública*, publicado em 2004, intitulado *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista*. Também publicamos uma resenha de seu último livro *A argila e o espírito* (Editora Garamond, 271 p.), na 132ª edição, de 14 de março de 2005. (Nota do *IHU On-Line*)

17 Fiódor Mikhaílovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a *IHU On-Line* edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as se-

fia da religião de Jimmy Sudário Cabral¹⁸, Marcus Reis Pinheiro¹⁹ que traz as raízes da filosofia antiga, etc.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos para compreender a mística do insólito na literatura experimental contemporânea brasileira?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Baudelaire, primeiro poeta moderno, dizia que “o belo é sempre extravagante”, polemizando contra o paradigma classicista, dos “professores-jurados”. Certeau²⁰ dizia que a mística é ao

guintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBygN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com László Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)

18 Jimmy Sudário Cabral: é graduado em teologia pela PUC-Goiás, com mestrado em Ciências da Religião e doutorado em Teologia pela PUC-Rio e Université de Strasbourg. Atualmente realiza estágio de Pós-doutorado no Departamento de Teologia da PUC-Rio e é doutorando em Ciências da Religião na École Doctorale De Théologie et Sciences Religieuses da Université de Strasbourg. (Nota da IHU On-Line)

19 Marcus Reis Pinheiro: graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é chefe de departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde é professor adjunto II. (Nota da IHU On-Line)

20 Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponível

mesmo tempo estranha e essencial. Nesse caso, quando me deparo com um poeta como Renato Rezende²¹, autor de um livro chamado *Ímpar* (Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2005.), que evidencia o exercício de desprendimento por qualquer apego, uma ânsia pelo “alhures”, o ignorado pela visão comum, encontro-me diante do essencial tanto para mística quanto para a poesia moderna. Há uma coleção de livros sobre poesia contemporânea chamada *Ciranda da Poesia* (Rio de Janeiro: Editora Eduerj, 2013), organizada pelo poeta e crítico Ítalo Moriconi²², que, junto com a Editora Azougue, de Sergio Cohn²³, é uma das maiores iniciativas em prol da poesia brasileira. Vou participar da coleção com um livro sobre Renato, que será publicado no ano que vem.

Estou trabalhando também na bolsa do projeto de Apoio às artes da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj junto com um verdadeiro movimento artístico dentro da MPB: o Coletivo Chama²⁴. No contexto de um mercado musical que valoriza sempre o mediano e de um culturalismo que reforça o relativismo fácil, um discurso da multiplicidade que apaga as reais diferenças, eles são muito estranhos, porque não hesitam em criticar o

em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em Formação*, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da IHU On-Line)

21 Renato Rezende (1964): escritor, tradutor e artista visual. Graduiu-se em Estudos Hispânicos pela Universidade de Massachusetts, Estados Unidos. Sua obra *Ímpar* venceu o Prêmio Alphonse de Guimaraens da Biblioteca Nacional como melhor livro de poesia de 2005. (Nota da IHU On-Line)

22 Ítalo Moriconi: graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, possui mestrado e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, além de um pós-doutorado em Comunicação na UFRJ. Atualmente é professor associado do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

23 Sergio Cohn (1974): poeta e editor. Dirige a revista *Azougue* desde 1994 e coordena a Azougue Editorial desde 2001. (Nota da IHU On-Line)

24 Coletivo Chama: grupo que busca promover e divulgar manifestações alternativas de cultura. (Nota da IHU On-Line)

mercado e a nova ideologia de frente, e são essenciais, porque, mesmo para quem discorde deles, só ao enfrentar as questões por eles lançadas é que poderemos sair dos impasses atuais da relação entre mercado e música. Esse problema foi levantado no “vazio da cultura”, uma matéria da *Carta Capital* que foi muito pertinente, e cujo melhor desdobramento, até agora, foi o artigo do Fábio Durão²⁵ chamado “Crítica da multiplicidade”, na revista *Cult*, que aponta o quanto a universidade brasileira atual é refém de um barateamento da teoria por seu excesso, sem reflexão independente, por um suposto questionamento do cânone que mal percebe o quanto canoniza seus teóricos e, ao reproduzi-los, desobriga a todos de apontar reais problemas e conflitos. Enquanto teórico crítico que sou, ligado a um movimento de atualização da teoria crítica no Brasil, junto com importantes pesquisadores como Bruno Pucci²⁶, Luiz Calmon Nabuco Lastoria²⁷, Antonio Zuin²⁸ e outros, minha

25 Fábio Durão: é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Seu doutorado foi feito na Duke University, onde estudou com Frank Lentricchia e Fredric Jameson. (Nota da IHU On-Line)

26 Bruno Pucci: graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino, em Roma, em Filosofia pela Organização Mogiana de Ensino e Cultura, em Mogi das Cruzes, São Paulo, e em Letras Português e Literatura pela Universidade Metodista de Piracicaba - Unimep, onde também cursou mestrado em Educação. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP concluiu doutorado em Educação com a tese *Por uma praxis educacional da Igreja 1968-1979*. Confira a entrevista de Bruno Pucci concedida à IHU On-Line, intitulada “Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias”, disponível em <http://bit.ly/1bteGd5>. (Nota da IHU On-Line)

27 Luiz Calmon Nabuco Lastoria: graduado em psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba, possui mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor na Universidade Estadual Paulista - Unesp - Campus Araraquara, atuando junto ao Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras. (Nota da IHU On-Line)

28 Antonio Alvaro Soares Zuin: graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio dou-

pesquisa sobre mística secularizada na literatura e na música é ao mesmo tempo uma forma de desafiar o enriquecimento do materialismo dialético por dentro e também é um esforço por refletir sobre relações inusitadas, insólitas, não para festejar qualquer associação, mas para sedimentar uma forma de pensar de outro modo questões complexas e concretas.

Voltando ao Coletivo Chama, eles têm um programa de rádio na Roquette-Pinto chamado Rádio Chama, todas as sextas, 20h, no qual eu fiz algumas participações sobre a mística na modernidade. Cada programa é uma reunião insólita e muito bem pensada de diferentes estilos musicais em torno de um tema. Além disso, acabaram de ser lançados dois CDs muito instigantes: *Neon*, da banda Escambo²⁹, e *De ponta a ponta é tudo praia palma*, de Thiago Amud³⁰. Estou ainda na expectativa do lançamento do CD de Pedro Sá Moraes³¹, *Além do Princípio do Prazer*, cujo título já é um primor: não só é o nome do conhecido texto da metapsicologia freudiana, mas, a partir das questões da psicanálise — que, aliás, nasceu e cresceu no Brasil na mesma época que a MPB —, mostra sua relação ambígua com o imperativo do gozo fácil na música pop, o jogo difícil, a *arte* de aderir e resistir a ele.

IHU On-Line - Como se apresenta a mística do insólito em *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa³²?

toral na Universidade Johann Wolfgang von Goethe, Alemanha, e pós-doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade de Leipzig, Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

29 **Escambo**: é uma banda de música popular brasileira formada em 2006 no Rio de Janeiro. Fazendo jus a seu nome, que significa troca, o grupo já teve algumas formações instrumentais e passeou por universos musicais diversos - marcha, frevo, rock, valsa, samba, funk, baião, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

30 **Thiago Amud** (1980): cantor, compositor, arranjador e violinista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

31 **Pedro Sá Moraes**: cantor e compositor carioca de MPB. (Nota da IHU On-Line)

32 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental,

“Meu diagnóstico diminui o imperativo dos coletivos e aumenta a necessidade do recolhimento, sem que uma coisa, devo insistir, se oponha à outra”

Eduardo Guerreiro Brito Losso

- No artigo que escrevi sobre o famoso conto “A terceira margem do rio”, apresentei a ideia de que o pai, que abandona a família para viver numa canoa, é um asceta decidido, visto como louco num ambiente tipicamente brasileiro, que não assimila homens fora da comunidade, como ocorre na Índia. O filho fica sempre intrigado com o pai. Não constitui família, como os irmãos, nem assume o convite do pai de viver na floresta uma vida selvagem. Proponho a leitura de que o filho procura uma terceira opção, nem família e integração social, nem

reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título “*Sertão é do tamanho do mundo*”. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível para download em <http://migre.me/qQX8>. De 25-04 a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário *Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da *Revista IHU On-Line*, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. (Nota da IHU On-Line)

recusa absoluta da sociedade, mas uma postura indecisa que aponta para uma terceira forma de existência que não existe.

Esse conto demonstra o quanto a cultura brasileira — que prima pelo convívio conjunto, orgulha-se de sua cordialidade, que é, contudo, extremamente excludente e injusta — até hoje não está preparada para aceitar pessoas que não participam dos valores de qualquer agremiação, aquelas que (num poema de Claudia Roquette-Pinto³³ que dialoga bastante com este conto) experimentam “o sombrio seguir-do-rio”, que “fustiga como um pai”.

Daí minha insistência na importância do recolhimento, não para meramente se opor à socialização, mas para aumentar a qualidade das relações sociais. A falta de leitura, a falta do momento de silêncio pessoal e o crescente imperativo do barulho festivo, imposto a todos os vizinhos e moradores em torno de um polo congregador, é consequência clara desse terrível sintoma.

IHU On-Line - Em que sentido podemos compreender a montagem e a desmontagem da filosofia de Hegel a partir de uma perspectiva da “máquina mística do pensamento”?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Esse foi um artigo que escrevi há tempos atrás para defender Hegel³⁴ de sua simplificação feita pela

33 **Claudia Roquette-Pinto** (1963): formou-se em tradução literária pela PUC-RJ. Dirigiu, durante cinco anos, o jornal cultural *Verve*. Tem cinco livros de poesia publicados: *Os Dias Gagos* (Edição da autora, RJ, 1991); *Saxifraga* (Editora Salamandra, RJ, 1993); *Zona de Sombra* (Editora 7 letras, RJ, 1997); *Corola* (Ateliê Editorial, SP, 2001 - Prêmio Jabuti de Poesia/2002) e *Margem de Manobra* (Editora Aeroplano, 2005). (Nota da IHU On-Line)

34 **Friedrich Hegel** [Georg Wilhelm Friedrich Hegel] (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito* (Petrópolis: Vozes, 2008), tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de

diluição da desconstrução no discurso pós-moderno, já que, em meio a meros ataques fracos, seu fantasma paira por detrás da própria estrutura do discurso teórico, por ter sido ele o introdutor de um pensamento moderno que acolhe a contradição, o que se deve, sem dúvida, à forte influência de místicos como Eckhart e Jakob Böhme³⁵, que pensam sempre por meio do paradoxo.

Colegas como Martha D'Angelo³⁶, Pedro Hussak³⁷ e Claudio Oliveira³⁸, dentro da filosofia, João Camillo Penna³⁹, Marcelo Jacques e Alberto Pucheu⁴⁰, nos estudos literários, fazem

lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://bit.ly/1eEonKO>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/1g0xNhE>. (Nota da IHU On-Line)

35 **Jakob Böhme** (1575-1624): filósofo e místico luterano alemão. Böhme passou por experiências místicas em toda a sua juventude, culminando em uma epifania no ano de 1600 que teria lhe revelado a estrutura espiritual do mundo, assim como as relações entre o Bem e o Mal. (Nota da IHU On-Line)

36 **Martha D'Angelo**: graduada em Filosofia pela Universidade Santa Úrsula, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense. (Nota da IHU On-Line)

37 **Pedro Hussak van Velthen Ramos**: possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestrado em Filosofia pela UFRJ e doutorado em Filosofia também pela UFRJ. É professor adjunto IV de Estética na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

38 **Claudio Oliveira**: professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense - UFF, coordenador da coleção *Filô Agamben* (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012). (Nota da IHU On-Line)

39 **João Camillo Penna**: graduado e especialista em Letras Modernas pela Universidade de Paris, onde também realizou o mestrado na mesma área. Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, nos EUA. É pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é atualmente professor adjunto. É autor de *A imitação dos modernos* (São Paulo: Paz e Terra, 2000). Concedeu a entrevista *O homem, as máquinas e o futuro* publicado nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1d6G0jW>. (Nota da IHU On-Line)

40 **Alberto Pucheu** (1966): filósofo, poe-

“Só na melhor mística, na melhor arte e pensamento que encontramos uma verdadeira crítica do fanatismo”

um rico trabalho de aproximação entre literatura (ou arte) e filosofia, questionando, inclusive, a estética como uma área da filosofia que não se modificaria diante da esfinge da obra de arte, mas, ao contrário, fazem com que a filosofia acate o risco de uma obra e com isso possa, de fato, mobilizar um pensamento livre.

Meu escopo, de qualquer forma, coloca mais um componente na equação, para complexificar: a mística. Penso que a filosofia que se põe sob o perigo da experiência estética moderna está enfrentando o substrato místico da relação com o indizível, o inapreensível, aquilo que ela identifica como negatividade, mas nem sempre percebe que tal negatividade origina-se, inelutavelmente, da teologia negativa. Para mim, a dualidade entre arte e pensamento, ou poesia e filosofia, não basta, falta aí um terceiro elemento que, se não for mencionado, permanecerá agindo por trás dos dois e restará impensado. Sou trinitário: filosofia, arte e religião; estética, poesia e mística; juntos, aí sim se iluminam, reciprocamente.

IHU On-Line - Quais são as tensões e enriquecimentos que se dão a partir do diálogo entre a literatura e a mística?

Eduardo Guerreiro Brito Losso
- Inumeráveis. Infinitas. “Torvelinho

ta e ensaísta brasileiro, Professor Doutor do curso de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

de mil algas” (Thiago Amud). Já disse muitas, faltaria dizer tantas outras. Não acabaria nunca “esse eternamente esboço” (Pedro Sá Moraes). Além de todos os meus artigos, que vivem explorando esse território, recomendo um grande livro: *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e a poesia moderna* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010), do grandioso tradutor e poeta Claudio Willer⁴¹.

Leia mais...

- *O terremoto tropicalista e sua monstrosidade barroca*. Entrevista com Eduardo Losso publicada na Edição 411 da IHU On-Line, de 10-12-2012, disponível em <http://bit.ly/1e2R5rj>.
- *A mística e o enfrentamento radical da miséria humana*. Entrevista com Eduardo Losso publicada na Edição 401 da IHU On-Line, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/18RpBmL>.

41 **Claudio Jorge Willer** (1940): poeta, ensaísta, crítico e tradutor brasileiro. Graduado em Psicologia pela USP e em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Obteve o título de Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese *Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*. Completou pós-doutorado em 2011, também em Letras na USP, com ensaios sobre o tema *Religiões estranhas, misticismo e poesia*. Como poeta, Willer distingue-se pela ligação com o surrealismo e a geração beat. Ao lado de Sergio Lima e Roberto Piva, é um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês *La Brèche - Action Surrealisté*, dirigida por André Breton em fevereiro de 1965. (Nota da IHU On-Line)

As pontes ecumênicas na poética de Rûmi

O professor Marco Lucchesi reflete sobre a obra do místico sufi, considerado o maior dos poetas muçulmanos, e as relações que constrói a partir do cristianismo e do islã

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Para o professor Marco Lucchesi, historiador, literato e membro da Academia Brasileira de Letras, a mística é uma riqueza guardada da humanidade; uma reserva moral e poética. “Que se trate de uma mística úmida ou seca, pouco importa. É uma densa expressão humana, uma perspectiva primordial e etimologicamente arcaica, donde sua beleza e gratuidade”. Nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Lucchesi retorna ao pensamento do místico sufi Jalâl ad-Dîn Muhammad Rûmi – considerado o maior dos poetas muçulmanos. Rûmi retoma os valores essenciais do cristianismo e do islã, promovendo uma relação fraterna e ecumênica entre os pensamentos com “sua grande poesia, inspirada, grávida de abismo e profundidade, em laços de diálogos feitos de luz e sombra”.

De maneira semelhante à relação de fraternidade proposta por Rûmi, o professor

menção também o caso do padre jesuíta Paolo Dall'Oglio, que esforçou-se em construir a ponte entre as religiões no trabalho que desenvolveu na Síria. “Paolo é um dos grandes nesse capítulo. Apostou na encruzilhada, de lanterna acesa dia e noite. Do diálogo passou ao debate não proselitista, longe de teorias do acabamento ou de cristianismo anônimo”, avalia Lucchesi. Após ser exilado do país e a ele retornar ilegalmente, em 29 de julho de 2013 o jesuíta foi sequestrado e permanece desaparecido desde então.

Marco Lucchesi é graduado em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre e doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutor pela Universidade de Colômbia. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido a mística é importante no momento de crise epocal que vivenciamos?

Marco Lucchesi - Trata-se de uma riqueza guardada. Uma reserva moral. Uma reserva poética. Um antídoto ao velho positivista, sempre alerta. Que se trate de uma mística úmida ou seca, pouco importa. É uma densa expressão humana, uma perspectiva primordial e etimologicamente arcaica, donde sua beleza e gratuidade.

IHU On-Line - Como podemos compreender o percurso místico do Padre Dall'Oglio¹ e as pontes que ele

constrói entre o Islã e o Cristianismo, religiões da profecia?

Marco Lucchesi - Paolo é um dos grandes nesse capítulo. Apostou na encruzilhada, de lanterna acesa dia e noite. Do diálogo passou ao debate não proselitista, longe de teorias do acabamento ou de cristianismo anônimo. Uma entrega generosa que espero não

ra civil do país. Dall'Oglio foi sequestrado pelos rebeldes em 29 de julho de 2013. *Novos rumores da Síria: Padre Dall'Oglio estaria vivo*, texto publicado nas Notícias do Dia, de 21-08-2013, disponível em <http://bit.ly/1bT5rHJ>; *Esperando o padre Paolo Dall'Oglio*, texto publicado nas Notícias do Dia, de 03-10-2013, disponível em <http://bit.ly/1cwkbIU>; *Padre Paolo Dall'Oglio, seqüestrado na Síria, faz aniversário. Sem notícias*, texto publicado nas Notícias do Dia, de 18-11-2013, disponível em <http://bit.ly/19sAtpf>. (Nota da IHU On-Line)

tenha pago com a mesma moeda de Charles de Foucauld²: o martírio.

IHU On-Line - Na carta³ que você e Faustino Teixeira escreveram sobre

2 Charles Eugène de Foucauld (1858-1916): ordenado sacerdote em 1901, tinha a intenção de criar uma nova ordem religiosa, o que sucedeu apenas depois da sua morte: os Irmãos de Jesus. Foi assassinado por assaltantes, em 1916. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI em novembro de 2005. *Contribuições da espiritualidade de Charles de Foucauld em contexto de pluralismo cultural e religioso*, entrevista com Edson Damian publicada na Edição 269 da Revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/IPfX7U>; Na plena luz de Charles de Foucauld, artigo de Bruno Forte publicado nas Notícias do Dia, de 08-06-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1hdG5oT>. (Nota da IHU On-Line)

3 Carta aberta em favor de Paolo

¹ Paolo Dall'Oglio: padre jesuíta italiano e ativista da paz. Foi exilado da Síria pelo governo de Bashar al-Assad em 2012 por se encontrar com membros da oposição e criticar a ação do regime durante a guer-

o sequestro de Dall'Oglio, destacam a importância do diálogo entre essas duas fés. Qual é a importância da mística desse sacerdote para a compreensão das sutilezas que permeiam a vida em países de maioria muçulmana, como a Síria?

Marco Lucchesi - Paolo conhece profundamente a Síria e o Islã. Sabe seus dramas, a cólera e a luz. Amado por todos, menos por Assad⁴. Dizem que é um homem de guerra. E o será na medida da guerra de defesa legítima. Escolheu a grande *jihad*, porque vive há tanto tempo a pequena *jihad* – a mais difícil, que é a do combate espiritual. Tenho esperança de seu regresso.

IHU On-Line - Em outra entrevista⁵ o senhor afirmou que “obra de Rûmi sabe a vastidão”. Qual é a peculiaridade de sua mística e de que forma enlaça o Mistério?

Marco Lucchesi - Mistério de sua grande poesia, inspirada, grávida de abismo e profundidade, em laços de diálogos feitos de luz e sombra. Entre-ga e grande revisitação profética.

IHU On-Line - Vivemos em tempos atroz, marcados pelo individualismo e pela secularização, mas ao mesmo tempo por uma revivescência do sagrado. Em que medida a abertura para o Mistério pode oferecer chaves para uma vida mais agradecida?

Marco Lucchesi - Penso no fascismo laico da França. Um fascismo integralista ou fundamentalista. Perigoso, de pensamento único. Deveriam abrir o templo positivista em Paris, pois arrancam véus, desrespeitando o oxigênio de práticas distintas em nome da democracia.

IHU On-Line - Em que aspectos o Canto da Unidade de Rûmi é um des-cortinar do Mistério? Como podemos

⁴ **Dall'Oglio.** Leia a versão em português e em árabe, disponível em <http://bit.ly/1k7BkQe>. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Bashar Hafez al-Assad** (1965): presidente da Síria e Secretário Geral do Partido Baath. Sucedeu seu pai no governo do país, Hafez al-Assad, que comandou a Síria por 30 anos. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **“Rûmî se utiliza do poder soberbo das metáforas”.** Edição 222 da Revista IHU On-Line, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/18J6nNs>;

compreender a generosidade divina a partir dos escritos de Rûmi?

Marco Lucchesi - Na ideia da unidade e na ascensão. Beleza que aus-culta o abatimento cardíaco do mistério, de Norte a Sul, no tido e na parte generosidade da beleza. Demanda de espaço e justiça. Podemos compreender a generosidade divina como se fosse um dom, que se espelha em cada gesto, mínimo e maior, a cada instância ou sintonia com a dança da unidade, o espelho de todas as coisas, com a sabedoria do coração.

IHU On-Line - Como Rûmi sinaliza os nexos entre *Beleza e Verdade e Morte e Vida* em sua obra? Que perspectivas essas concepções descortinam para a nossa vida?

Marco Lucchesi - Sem dúvida de modo fascinante. Compacto na aparência, mas, como se costuma dizer, em síntese explosiva. Como um longo e amoroso tirocínio, no mistério de se estar no mundo. Um modo pré-hamletiano, longe do interim, mas na parte de dentro, quando era possível pensá-lo, habitá-lo e refleti-lo.

IHU On-Line - Qual o papel da poesia nessa aproximação enigmática do mistério do meio divino? A sua leitura e vivência de Dante⁶ favoreceram alguma pista para compreender esse mistério?

Marco Lucchesi - É o mistério da poesia, por todas as faces, as gradações do itinerário da mente para Deus e para os arquétipos, numa viagem com motores racionais e afetivos. Vale uma boa conversa com Rûmi. Talvez façam isso hoje, agora, no céu da poesia: ambos conversam e se reconhecem primos de primeiro grau.

IHU On-Line - Numa de suas nove cartas sobre a Divina Comédia, a de número seis, que trata do prefácio de Deus, você fala da tensão entre o silêncio e a palavra, e que encontra o seu auge na “metáfora de

⁶ **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano cuja principal obra é *A Divina Comédia*. Leia também - *O livro de Deus na obra de Dante*. Edição 65 dos Cadernos Teologia Pública, disponível em <http://bit.ly/1cGtrh2>.

(Nota da IHU On-Line)

Deus como o livro dos arquétipos”. Poderia falar um pouco sobre isso?

Marco Lucchesi - Sim. É uma visão neoplatônica, da tradição mística de deus como fonte dos arquétipos, que é o mundo das ideias, mas com rosto, com nome e assinatura. Deus como fonte que transborda luz e mistério, essências que se derramam pelo cosmos.

IHU On-Line - Você diz que “Empíreo⁷ sugere a poesia da poesia”. Quando o poeta navega nesse horizonte, buscando traduzir o mistério de Deus, a palavra se encurta, mas o poeta, com sua ousadia, busca procedimentos específicos para acercar-se do indizível. Como você vê essa palpitante questão?

Marco Lucchesi - É a questão. Não há outra mais importante e radical, tudo nasce e volta para esse alto desafio, que é o que mais me interessa, confunde e apaixona. A tradução do inefável, suas harmonias e dissonâncias.

Leia mais...

- **Democracia e diversidade.** Artigo de Marco Lucchesi publicado nas **Notícias do Dia**, de 15-01-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos, disponível em <http://bit.ly/ihu150113>;
- **Editoria Invenção.** Edição 258 da **IHU On-Line**, de 19-05-2008, disponível <http://bit.ly/1bLQV4m>;
- **“Rûmî se utiliza do poder soberbo das metáforas”.** Edição 222 da **IHU On-Line**, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/18J6nNs>;
- **Rûmî: um dos místicos mais abertos à cortesia e hospitalidade inter-religiosos.** Edição 242 da **IHU On-Line**, de 05-11-2007, disponível em <http://bit.ly/JfMtQo>;
- O livro de Deus na obra de Dante. Edição 65 dos **Cadernos Teologia Pública**, disponível em <http://bit.ly/1cGtrh2>.

⁷ **Empíreo:** *Empyreus*, adaptação do grego antigo, “dentro ou sobre o fogo” (*pyr*). É o lugar mais alto dos céus, reservado para anjos, deuses, santos e seres abençoados. (Nota do IHU On-Line)

Realidade e mística, uma leitura a partir da Filosofia

Para o professor José Carlos Michelazzo, a mística é parte integrante e fundante do pensamento ocidental

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

“A palavra mística é parte integrante da tradição do pensamento ocidental, da própria história da filosofia e da teologia – mas como *mot maudit*, palavra maldita. Por parte dos teólogos, o relacionamento com os místicos é, no melhor das vezes, de certa tolerância, pois afinal habitam o templo do mesmo Deus. Entretanto, do lado da filosofia, interpretada como tradição metafísica, nada há que tolerar, pois pertencem a fraternidades distintas: a da ciência e a da religião”, aponta José Carlos Michelazzo, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Ao demarcar os marcos da epistemologia ocidental, o entrevistado avança na discussão para compreendermos o saber a partir da mística. “A sabedoria da mística segue o caminho sensível das experiências da despossessão e da dor, da miséria e da compaixão para com a nossa condição humana e ainda o cultivo de uma intimidade não discursiva para com as coisas simples e cotidianas, porque são sempre portadoras da presença direta do divino no mundo; aqui a exaltação focaliza o traço trans-antropocêntrico do homem: o desprendimento, a humildade, a busca da unidade com o todo”, complementa.

Para José Carlos Michelazzo, conhecer alguma coisa é o resultado de uma relação direta com ela, o que implica a presença efetiva da coisa. “Ora, a busca da experiência da imediatidade e unidade do real em sua totalidade é a questão, *par excellence*, da mística”, sustenta. Muito interessado pela obra de Heidegger, o professor estabelece uma rela-

ção entre o pensamento do filósofo alemão e a mística. “É evidente que Heidegger não faz uma simples apropriação de termos da mística, tanto ocidental quanto oriental, como se ele apenas os transpusesse para uma linguagem filosófica. Isso seria um equívoco elementar. Ela é o grande horizonte no interior do qual o filósofo irá estabelecer seu intenso e ininterrupto diálogo crítico com toda a História da filosofia ocidental, desde os pensadores pré-socráticos até Nietzsche, passando por Husserl, por pensadores religiosos e ainda por artistas e poetas.”

José Carlos Michelazzo possui graduação em Filosofia e Psicologia, mestrado em Filosofia pela PUC-SP, doutorado em Filosofia pela UNICAMP e pós-doutorado em Filosofia da Religião pela PUC-SP. É professor de cursos de pós-graduação e especialização e psicoterapeuta, atuando na perspectiva da Análise Existencial (*Daseinsanalyse*). Autor do livro *Do um como princípio ao dois como unidade – Heidegger e a reconstrução ontológica do real* (Pinheiros: Editora Annablume, 1999). É membro do Grupo de Pesquisas sobre o Pensamento Japonês desde sua fundação, em 2005. Na área de Filosofia, sua ênfase é em fenomenologia e no pensamento hermenêutico de Martin Heidegger. Sua atual linha de pesquisa se orienta para o diálogo entre os pensamentos ocidental (Heidegger) e oriental (Escola de Kyoto), assim como para o estudo comparativo entre a mística de mestre Eckhart e o Zen budismo de Mestre Eihei Dōgen.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as tensões que se dão a partir do diálogo entre a filosofia e a mística?

José Carlos Michelazzo - A palavra mística é parte integrante da

tradição do pensamento ocidental, da própria história da filosofia e da teologia – mas como *mot maudit*, palavra maldita. Por parte dos teólogos, o relacionamento com os místicos é,

no melhor das vezes, de certa tolerância, pois afinal habitam o templo do mesmo Deus. Entretanto, do lado da filosofia, interpretada como tradição metafísica, nada há que tolerar, pois

pertencem a fraternidades distintas: a da ciência e a da religião. Na verdade, esta intolerância generalizada contra a mística é mais paradigmática do que “classista”. O místico parece falar sobre realidades estranhas, pronunciar sentenças paradoxais, não se sente na obrigação de ter que justificar aquilo que afirma. Numa palavra, aquilo de que fala a mística, a sua experiência, a sua verdade, parece não caber dentro da linguagem discursiva guiada pela lógica e pelo princípio de não contradição, alicerces centrais da filosofia. Resta, então, na maior parte das vezes, à palavra maldita nada mais que o seu lado negativo, transformando-se, então, em “mistificação”, ou seja, naquele modo de dizer e interpretar feito de modo falacioso, obscuro, tendencioso e, finalmente, falso. Se observarmos com atenção, o próprio Heidegger¹ não é exceção a esse viés ocidental. Ele geralmente toma a palavra mística no sentido negativo e só raramente no sentido positivo.

Afinal, qual seria, então, o verdadeiro motivo para essa contínua tensão entre mística e filosofia? Trata-se, *tout court*, de “programas” incompa-

tíveis entre ambas. De fato, filosofia e mística, quando comparadas, perseguem sabedorias diferentes, pois percorrem caminhos bem distintos. A da metafísica se apresenta como busca incansável pelo conhecimento permanente por ele dar constância e durabilidade às suas obras nas modalidades de doutrinas, leis, teorias, sistemas, etc.; trata-se de uma exaltação do traço antropocêntrico do homem: autocentração e controle do mundo. A sabedoria da mística segue o caminho sensível das experiências da despossessão e da dor, da miséria e da compaixão para com a nossa condição humana e ainda o cultivo de uma intimidade não discursiva para com as coisas simples e cotidianas porque são sempre portadoras da presença direta do divino no mundo; aqui a exaltação focaliza o traço trans-antropocêntrico do homem: o desprendimento, a humildade, a busca da unidade com o todo.

IHU On-Line - Como sua pesquisa estabelece a proximidade entre o pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger e a mística comparada?

José Carlos Michelazzo - Martin Heidegger é considerado um dos maiores, senão o maior filósofo do século XX. Este prestígio, entretanto, corre paralelo com alguns preconceitos, mal-entendidos e falsas interpretações do seu pensamento. Um desses mal-entendidos é o que se refere ao seu envolvimento com noções, ideias e palavras oriundas do misticismo, sobretudo na segunda etapa do seu pensamento. Por isso são mais numerosos os estudos que aproximam Heidegger do pensamento poético do que do pensamento místico. O que, via de regra, é admitido entre seus comentadores é que ele toma emprestado palavras ou temas religiosos do misticismo para seus próprios propósitos filosóficos. A mim sempre pareceu um tanto inocente afirmações como esta, fazendo-nos imaginar Heidegger escolhendo palavras ou noções centrais da tradição mística ou da teologia negativa como meros instrumentos ou ferramentas para seu uso pessoal. Na verdade, palavras como nada, angústia, queda,

regresso, vazio, simplicidade, silêncio, repouso, meditação, serenidade, etc. – especialmente caras aos místicos, tanto ocidentais quanto orientais – no meu entender são, para Heidegger, como “alças” de acesso ao pensamento originário do ser. O que por meio delas o filósofo procura expressar é a presença envolvente do real – ou seja, *das lebendige Leben*, “o elemento vivo da vida” que não se expressa por meio de conceitos. Conhecer alguma coisa é o resultado da relação direta com ela, sem intermediações teóricas, de tal modo que implica a presença efetiva da coisa. Ora, a busca da experiência da imediatidade e unidade do real em sua totalidade é a questão, *par excellence*, da mística. Assim, uma questão central de minha primeira pesquisa, hoje publicada pela Editora Annablume, foi investigar como a palavra-chave de Heidegger “copertença” (*Zusammengehörigkeit*) entre ser e ente e ainda outras pertencentes à tradição mística podem ser tomadas como verdadeiros “pontos de sutura” no tecido do real, devolvendo, desse modo, o traço de unidade originária do pensamento, cindido pelo dualismo metafísico. É evidente que Heidegger não faz uma simples apropriação de termos da mística, tanto ocidental quanto oriental, como se ele apenas os transpusesse para uma linguagem filosófica. Isso seria um equívoco elementar. Ela é o grande horizonte no interior do qual o filósofo irá estabelecer seu intenso e ininterrupto diálogo crítico com toda a História da filosofia ocidental, desde os pensadores pré-socráticos até Nietzsche, passando por Husserl², por pensadores religiosos e ainda por artistas e poetas.

¹ Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a **IHU On-Line** publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o nº 12 dos **Cadernos IHU Em Formação**, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do *Ciclo de Estudos Filosofias da diferença* - Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. (Nota da **IHU On-Line**)

² Edmund Husserl [Edmund Gustav Albrecht Husserl] (1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Checa). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger, e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Se a questão da unidade foi o tema de seu primeiro trabalho, qual é a importância do resgate da experiência da totalidade originária na primeira fase do pensamento de Heidegger, tema de seu segundo trabalho?

José Carlos Michelazzo - A pesquisa do tema “ser e totalidade em Heidegger” foi importante por dois motivos: primeiro porque era um período (entre 1915 e 1927) não coberto pela primeira pesquisa, a qual focalizava a maior parte da obra do filósofo após *Ser e tempo* (Petrópolis: Vozes, 2006) (1927); o segundo foi trabalhar o período inicial de Heidegger que é rico em referências ao problema da mística, na medida em que o seu pensamento está ainda muito próximo da teologia e mais especialmente do pensamento místico de Mestre Eckhart. A questão da totalidade, foco central dessa pesquisa, não é um tema exclusivo de Heidegger, pois todo filósofo, por assim dizer, é uma espécie de “caçador” de totalidades, uma vez que procura apreender o todo do real por meio de um construto teórico por meio do qual procura resolver, no interior de sua edificação, o maior número de problemas referentes a uma determinada região do real ou ao ente em seu todo.

Todavia, a concepção de totalidade à qual o pensamento de Heidegger quer ter acesso é de uma natureza diferente à da metafísica, uma vez que está voltada não somente para a dimensão iluminada do ente no seu todo, mas também para a sua diferença, isto é, sua dimensão finita e privativa, através da qual é explicitado o caráter fático, histórico, incontornável, inesperado, inefável, monstruoso, indeterminado, sem-fundamento, estranho, inaudito, misterioso – do real. Entretanto, para poder incorporar essa dimensão finita e privativa do ser, segundo Heidegger, o homem terá que desantropologizar o seu pensamento, uma vez que não lhe compete, a partir de sua essência mais originária, justificar racionalmente a sua existência, na medida em que ela é uma dádiva do real que não depende, em última instância, nem da ação nem da vontade humanas. Ora, uma

expressão como “desantropologizar o pensamento” coloca em evidência a experiência kenótica³ da mística, isto é, o processo de desprendimento do caráter ilusório de identidade antropocêntrica do homem como condição indispensável para o acesso à sua natureza mais originária, seja enquanto centelha divina (Eckhart), seja como natureza búdica (Zen).

IHU On-Line - Partindo de um viés místico, como compreender os conceitos heideggerianos centrais de *Dasein* e *Sein-zum-Tode*?

José Carlos Michelazzo - É partindo do eixo central de seu pensamento – isto é, a desconstrução da concepção de ser da metafísica que o apreende enquanto um substrato entitativo atemporal e fechado em si mesmo – que Heidegger reinterpreta a essência do homem enquanto relação copertença ao ser. Esse homem agora, diferentemente da concepção moderna de sujeito, se apresenta esvaziado de sua simples autorreferência e da pretensa posse de sua existência, uma vez que ela pertence ao ser em sua unidade e totalidade. *Dasein* é o termo alemão com o qual Heidegger nomeia essa nova essência de homem. O *Da* (aí) do *Dasein*, não para enfatizar o advérbio que localiza ou fixa o *Sein* (ser) em algum lugar, mas para mostrar o estado de aberto que coloca “homem-ser” numa correspondência originária, fática e temporal, nos alertando constantemente de que não estamos na existência de modo permanente, mas ao contrário, nela não somos senão transitivos, hóspedes, transeuntes, forasteiros. Essa talvez seja a mais difícil de nossas correspondências com o ser, porque ela nos expõe sem máscaras a nossa finitude, diante da qual nos angustiamos e fugimos, dada a carga que ela representa para nós.

Sein-zum-Tode, ser-para-a-morte em Heidegger não significa, por conseguinte, que existir é estar condenado à morte, mas uma contínua consciência da finitude de nosso existir.

3 **Kenosis:** é um conceito na teologia cristã, proveniente da carta de Paulo aos Filipenses, capítulo 2, 7 que trata do esvaziamento de si. (Nota da IHU On-Line)

Morrer não é uma questão biológica – tentativa que empregamos para objetivar a morte tornando-a banal e espúria –, mas um acontecimento ontológico intrínseco e fundamental de nosso *Dasein*, ou seja, ele nos mostra um viés, uma tônica da vida, na medida em que banha o horizonte de nossa existência com traços de finitude e contingência. Dispensável parece aqui fazer referência sobre o significado central do morrer no universo da mística, enquanto desmantelamento de uma ilusória permanência do eu como condição para a verdadeira libertação do homem.

IHU On-Line - Em que medida as três possibilidades de construção do humano (a antropocêntrica, a existencial e a numinosa), presentes em sua pesquisa, dialogam com a dimensão do mistério?

José Carlos Michelazzo - Em outra pesquisa pretendi estudar o problema do tempo sob a perspectiva de Heidegger em diálogo com o pensamento oriental, mais especificamente com o de Dōgen⁴, Mestre-Zen japonês do século XIII. A estratégia usada para esse estudo foi a apresentação de três possibilidades de construção do humano, tomadas como maneiras de ser do homem, oriundas de três possíveis horizontes de interpretação do problema do tempo. A primeira construção, a antropológica – que se caracteriza pela estruturação do homem enquanto um eu separado do mundo –, é a que se estabelece a partir de uma primeira interpretação do tempo enquanto simples permanência, tal como a tradição metafísica ocidental sempre interpretou. A segunda, a existencial – em que se dá um “afrouxamento” na distinção eu-mundo, tal como entende a ontologia fundamental de Heidegger –, se realiza sob uma segunda interpretação, o tempo como finitude ou impermanência relativa. A terceira, a numinosa – em que acon-

4 **Eihei Dogen [Dōgen Zenji]** (1200-1253): mestre zen-budista japonês e fundador da escola sōtō de zen. Dogen é autor da obra *Tesouro do Olho do Dharma verdadeiro* (*Shōbōgenzō*), uma coleção de 95 fascículos relacionados à prática budista e à iluminação. (Nota da IHU On-Line)

tece uma ultrapassagem completa da distinção eu-mundo –, se dá sob uma terceira interpretação do problema do tempo que é a da sua impermanência absoluta.

Assim, o homem antropocêntrico, aquele que acredita na ilusão da posse do tempo, não possui diálogo algum com a dimensão do mistério, uma vez que para ele mistério é algo inexistente, ou “existe” apenas na condição de não ter sido ainda desvendado; aqui temos a habitação do filósofo e do cientista. Quanto ao homem existencial, sua consciência do tempo finito e do ser-para-a-morte só é possível na medida em que ele esteja aberto ao caráter imponderável e misterioso de sua existência; aqui temos a habitação do pensador e do poeta. Por fim, o homem que experimentou a dimensão numinosa, não é apenas aquele que dialogou de forma mais intensa com a dimensão do mistério, mas que foi absorvido por ela, em face da morte de seu eu como identidade separada do mundo; aqui temos a habitação do místico e do homem desperto ou iluminado (Buda).

IHU On-Line - Quais foram as descobertas fundamentais da pesquisa que empreendeu sobre o problema do tempo sob a perspectiva do pensamento de Heidegger em diálogo com o pensamento oriental, mais especificamente com o de Dōgen?

José Carlos Michelazzo - Como sabemos, a noção de finitude em Heidegger advém de sua tentativa de interpretar o tempo em um modo mais originário, enquanto ligado à existência concreta do homem. Apenas o homem *ek-siste* “como” tempo finito – os demais entes existem “no” tempo – e isso significa que a sua existência “salta” para fora, no sentido de que ela não está sob o controle de sua representação, nem ele exerce posse alguma sobre ela. Para o filósofo, esse saltar da existência é determinado pelo caráter *ekstático* do tempo, constituído pela unidade dos modos do futuro, do passado e do presente. O traço *ekstático* de cada um destes modos temporais, sempre em unidade com os outros dois, é o que provoca o saltar da existência, permitindo,

desse modo, ao homem transcender, isto é, ter consciência do mundo, da morte, das oportunidades passadas ou vindouras que o constroem a realizar suas possibilidades como ser humano. Dentre os três modos temporais, o futuro é o que tem primazia sobre os outros dois, uma vez que, para Heidegger, a existência chega até nós pelo futuro e vai para o passado, diferentemente da metafísica que dá primazia ao passado, pelo qual somos “empurrados” para o futuro.

Pelo caráter cosmológico da mente desperta, não encontramos no Mestre Zen os dois traços centrais do tempo presentes no pensamento de Heidegger: o tempo como uma experiência exclusivamente humana e a primazia do horizonte *ekstático* do futuro. Para o mestre Zen, nem a existência, nem o tempo são exclusivamente humanos, mas pertencem a todos os seres conscientes, aqueles seres vivos que possuem alguma forma de consciência. Contrariamente ao primado do futuro, tal como entendido por Heidegger, Dōgen entende que a mente desperta apreende as coisas em um presente pleno, absoluto, que em nada se aproxima do *nunc stans* da metafísica, o simples agora ou a imobilidade do momento presente. Ao contrário, é um presente absoluto porque é aberto simultaneamente nos três modos do tempo (passado, presente e futuro), ou seja, nenhum deles tem primazia sobre os outros dois, mas os três, conjuntamente, formam uma unidade total de abertura. Poderíamos dizer, aproximadamente, que o presente absoluto não é o presente que conhecemos separado dos outros dois, mas uma presença plena, ampla, dilatada, a ponto de englobar o futuro e o passado.

IHU On-Line - Em que sentido o pensar, o poetar e o silenciar são horizontes em direção ao habitar numinoso?

José Carlos Michelazzo - Aqui também diz respeito à caracterização das construções existencial e numinosa, com ênfase, porém, ao problema da linguagem. Como dissemos, os construtores da habitação existencial são o pensador e o poeta, e Heidegger

afirma que o pensador diz o ser, o poeta nomeia ou canta o sagrado. E o místico? Heidegger nada afirma sobre isso. Entretanto, em sua *Carta sobre o humanismo*⁵ (1947), o filósofo nos acena para uma terceira construção, além da do pensador e da do poeta. Diz ele: “Somente a partir da verdade do ser (*Sein*) deixa-se pensar a essência do sagrado (*Heilige*). E somente a partir da essência do sagrado deve ser pensada a essência da deidade (*Gottheit*). E, finalmente, somente na luz da essência da divindade pode ser pensado e dito o que deve nomear a palavra ‘Deus’ (*Gott*)”. O que nos surpreende nesta sentença de Heidegger é ele admitir a existência de um âmbito ainda mais recuado, situado para além dos âmbitos do ser e do sagrado e, para nomear esse âmbito, ele faz uso da palavra-chave do místico Eckhart – “deidade” (*Gottheit*). Nessa perspectiva, Heidegger nos indica que o âmbito do numinoso é o mais recuado dos três e que os dois anteriores servem como degraus de escada de acesso. Para Eckhart, *Gottheit* é um entendimento do divino extremamente ousado para um místico medieval, pois significa a origem, o fundo sem fundo donde brota *Gott*, o Deus cristão, pai, criador, que se relaciona com as criaturas e recebendo diversos nomes segundo a experiência histórica que o homem tem do divino. Com essa dupla concepção, Eckhart se permite ir além da representação cristã do Deus criador, própria de sua tarefa de pregador, em proveito de uma relação mais direta, íntima e pessoal com a deidade, tal como deseja todo místico.

Se pensar e poetar representam as linguagens do pensador e do poeta, a linguagem do místico recebe uma indicação advinda de seu próprio nome. Com efeito, *mystikós* é um adjetivo nascido da palavra *mysterion* e que, por sua vez, vem do verbo *myo*, que possui os significados de cerrar-se, de estar como a boca ou os olhos cerrados, estar silencioso. Silenciar diante do mistério é, por conseguinte, a lin-

⁵ Carta sobre el humanismo. Madrid: Alianza Editorial, 2006. (Nota da IHU On-Line)

guagem do místico à medida que está com a boca e os olhos cerrados, cujo propósito é o de proteger e guardar o silêncio diante do *mysterium magnum* do numinoso. Ali onde o místico só pode chegar após a experiência do desprendimento (*Abgeschiedenheit*) das imagens consoladoras de um eu voluntarioso e da desdivinização (*Entgötterung*) enquanto o abandono das representações tranquilizadoras de Deus para que, dessa forma, possa aceitar a prova do deserto e da noite escura.

IHU On-Line - Existe uma passagem direta ou uma sequência natural nesse alinhamento constituído pelo pensamento, pela poesia e pela mística?

José Carlos Michelazzo - Aqui uma pergunta se impõe: por que Heidegger não tematiza o terceiro âmbito que se ocuparia com o divino, nem indica a sua figura humana exemplar? Um primeiro motivo, talvez, fosse o risco de ser tomado por um pensador religioso. Outra hipótese, a mais provável, talvez fosse o fato de Heidegger saber ou ao menos suspeitar que a “porta” para o âmbito do numinoso não dá passagem; na verdade, a porta se abre para outro abismo. Um abismo, entretanto, diferente daquele anterior, apontado por ele mesmo ao dizer que entre a ciência e o pensamento não há passagem e apenas através de um salto poderia ser realizada a transposição entre a primeira e o segundo. Aqui vemos uma situação análoga, o aparecimento de uma nova ruptura entre o “pensamento” da construção existencial e o “não pensamento” da experiência numinosa, mas com uma diferença, esse segundo salto não é para transpor o abismo, pois o numinoso não fica do outro lado, mas no seu próprio interior, e a única forma de chegar até ele é saltando dentro do abismo. E para onde este salto nos conduz não é só em direção das profundezas do abismo, mas também para uma região totalmente diversa daquela em que se habitam o pensador e o poeta.

Que região é essa? É a região do numinoso, denominada de *Deidade* por Eckhart e de *Vacuidade* pelo

Budismo Zen. Entretanto, para saltar dentro do segundo abismo, é necessária uma experiência-limite de ruptura por meio da qual se dá a completa dissolução de nossa identidade racional e antropocêntrica comandada por um eu pessoal e empírico separado do real (dualidade) e interpretado como centro do mundo (antropocentralidade). Uma dissolução que também inclui os resquícios de dualidade e de antropocentralidade que subsistem na linguagem discursiva que sustenta o pensamento que diz o ser e a poesia que nomeia o sagrado, tal como interpretados por Heidegger. Em última instância, uma dissolução de qualquer forma de cristalização por entendê-las como ilusórias – seja na tradição ocidental em que as criaturas separadas de Deus são um puro nada (Eckhart); seja na tradição do Zen budismo em que todos os fenômenos são vistos como transitórios e vazios (Dōgen).

IHU On-Line - Em que medida é possível tecer aproximações entre Shizuteru Ueda⁶, filósofo japonês da terceira geração da Escola de Kyoto, e o pensamento de Mestre Eckhart?

José Carlos Michelazzo - Ueda é considerado um grande ou um dos maiores estudiosos orientais do pensamento de Eckhart. Na verdade, todos os grandes representantes da Escola de Kyoto acreditam que o maior interlocutor ocidental com o Zen budismo, mais ainda que Heidegger, é a mística de Eckhart, que era tido por Daisetsu Suzuki⁷ como “o mais oriental dos cristãos”. Ueda entende que a fórmula “é preciso morrer para despertar para a vida” é o fundamento de toda existência religiosa. Todavia, Eckhart radicaliza esta atitude recorrendo ao motivo do nascimento de Deus na alma, que pertence à grande tradição da mística cristã. Deus gera seu filho

na alma do homem que renunciou a si mesmo e que morreu para egoidade (*Ich-heit*). Essa alma desprendida se deixa renascer através da vida de Deus, como vida de Deus. O ressuscitar é ao mesmo tempo o acontecimento da encarnação, em que Deus se torna homem; no respectivo homem assim como neste homem. No renascer como filho único de Deus, cada homem particular se torna igual a Cristo, alcança a redenção direta e vive em uma unidade viva e concreta com o Deus vivo. Para Ueda, essa perspectiva de Eckhart – que rompe com a ortodoxia cristã que interpreta a figura de Cristo como mediador da redenção – tem consideráveis elementos em comum com aspectos fundamentais do Budismo Mahayana, segundo o qual o homem que se tornou consciente de seu verdadeiro si-mesmo e o seu despertar búdico dizem de um mesmo acontecimento.

IHU On-Line - Qual a importância da mística para as religiões e para a filosofia hoje?

José Carlos Michelazzo - No que tange à importância da mística para a religião, talvez seja oportuno deixar a palavra com Keiji Nishitani⁸, outro grande expoente da Escola de Kyoto, cuja questão central de sua obra é o problema do niilismo moderno. Para o filósofo japonês, o longo período de dominação da tradição racionalista grega e cristã da civilização ocidental redundou, por um lado, em uma concentração de um poder tecnológico incalculável nas mãos do homem e, por outro, conduziu-o para o niilismo, cujos sintomas principais são o colapso da tradição, o fim da filosofia e a perda de um centro religioso. E o diagnóstico de Nishitani é surpreendente: “eu estou convencido de que o problema do niilismo está na base da mútua aversão entre religião e ciência”. Vejamos como ele se explica. Para o filósofo, essa condição de mútua aversão entre ciência e religião tradicional – e que, na época atual, é de subserviência da segunda em re-

⁶ Shizuteru Ueda (1926): filósofo japonês especializado na filosofia da religião. Iniciou seus estudos na Universidade de Kyoto, orientado para a mística medieval. Seu doutorado na Alemanha tratou da obra do místico cristão Mestre Eckhart. (Nota da IHU On-Line).

⁷ Daisetsu Teitaro Suzuki (1870-1966): autor japonês de livros sobre Budismo, Zen e Jodo Shinshu. Suas obras foram responsáveis pela introdução destas filosofias no Ocidente. (Nota da IHU On-Line).

⁸ Keiji Nishitani (1900-1990): filósofo japonês da escola de Kyoto. Entre 1937 e 1939 estudou em Freiburg sob orientação de Martin Heidegger.

lação à primeira – mostra que ambas têm algo em comum e que, em última instância, as duas têm raízes comuns, tratando-se, apenas, de uma espécie de luta recíproca para deter o poder, com vistas a uma vontade de domínio. Tal vontade de domínio nasce da visão dualista – presente no pensamento ocidental desde a época da antiguidade grega, mas consolidada no início de sua modernidade com Descartes⁹ – que sustenta a visão tanto da ciência quanto da religião: no caso da ciência, o mundo (*res extensa*) é separado do homem (*res cogitans*); no caso da religião, a realidade suprema (Deus) é separada do homem (criatura). Em ambos aparece um empenho do homem em conquistar a outra parte: seja no esforço do homem para submeter o real à sua vontade (ciência); seja na tentativa do homem em encontrar a salvação por meio de uma dependência de Deus e da vontade divina (religião). E em ambos também o homem padece de uma solidão cósmica, prisioneiro de seu próprio egocentrismo.

Segundo Nishitani, desde o século XIX diversas tendências filosóficas

encabeçadas por Kierkegaard¹⁰, Nietzsche, Husserl e Heidegger têm questionado radicalmente esse modo tradicional do homem se relacionar com o mundo. Entretanto, é na distinção eckhartiana entre Deus e Deidade que Nishitani vê um modelo de ultrapassagem do clássico dualismo entre teísmo e ateísmo, pois para o místico renano a essência de Deus é livre de toda forma e de toda imagem para se tornar “nada”, que ele denomina de deserto da Deidade. A originalidade dessa doutrina está no entendimento de que a essência de Deus está em um ponto para além do Deus pessoal que está acima e em oposição às coisas criadas. Por conseguinte, somente superando o dualismo entre o si-mesmo e o todo do real que a milenar e mútua aversão

entre religião e ciência poderá ser dissolvida e o homem romperá com sua solidão cósmica para ser o que ele verdadeiramente é, ser uno com o todo.

No que tange à filosofia, acreditamos que já nos referimos o suficiente sobre a importância de mística em relação às questões filosóficas. Safranski¹¹, um dos biógrafos de Heidegger, diz que a grande paixão do filósofo da Floresta Negra não era responder, mas perguntar. E a isso que o filósofo perguntou sem obter resposta, ao longo de mais de seis décadas de pensamento, ele chamou “ser”. Com o seu *Seinsdenken*, o pensamento do ser, Heidegger desconstrói a certeza do *Cogito*, atracado a um ego cognoscente, explorador e predador do mundo, tomado como algo exterior. Desconstruir, no entanto, não é mero destruir, e sim abrir espaço para resgatar uma essência de homem mais originária que seja capaz de estabelecer uma relação de escuta com um centro totalmente outro que ele mesmo, que o coloca numa outra disposição que é a do cuidado e da responsabilidade para consigo mesmo e demais entes. Ora, essa relação de escuta a algo totalmente outro surge das nascentes do pensamento místico. Para este algo totalmente outro, entende Heidegger, só é possível indagar sem esperar pela resposta, uma vez que fala da impossibilidade de qualquer apreensão ou determinação do *nomen ineffabile* da essência de tudo que é, recolhida e protegida no *mysterium magnum*.

9 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

10 Søren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista *Paulo e Kierkegaard*, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Søren Kierkegaard*, disponível em <http://bit.ly/ihuon314>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da IHU On-Line, de 16-08-2010, intitulada *Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano*, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/ihuon339>. (Nota da IHU On-Line)

11 Rüdiger Safranski (1945): filósofo e escritor alemão. Estuda principalmente Schiller, Schopenhauer, Nietzsche e Martin Heidegger.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

Ibn'Arabi e a perfeição do ser

O filólogo Pablo Beneito Arias traça o percurso do pensamento do pensador Sufi e evidencia a relação do homem com a busca por *Haqq*

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Nascido em Múrcia, no atual território espanhol, em 1165, o sufi Ibn'Arabi é considerado um dos maiores mestres do pensamento místico islâmico, tendo desenvolvido trabalhos não apenas voltados para comentários do Corão ou das palavras de Maomé, mas também sobre jurisprudência, teologia, filosofia e misticismo. Ainda durante a adolescência passou por uma conversão “pelas mãos de Jesus”, o que levou há uma abertura de sua alma para a compreensão do reino do divino. O filólogo e pesquisador do sufismo Pablo Beneito Arias traça um percurso pelo pensamento de Ibn'Arabi. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele esclarece parte dos conceitos do pensador, que também é conhecido por promover a ligação entre o catolicismo e o islã. “Ibn'Arabi propõe que o ser humano é a pupila do olho com que Deus contempla sua criação. Realizar a perfeição é transformar-se em visão divina, tornar-se olho e olhar de Deus. Enquanto microcosmos, o ser humano perfeito, ou o homem universal, é a síntese do macrocosmos”, pontua.

Uma das chaves do pensamento de Ibn'Arabi é o conceito de *Haqq*, que significa verdade, real, apropriado. “Ibn'Arabi chama, com frequência e assim como outros sufis, Deus pelo seu nome *al-Haqq*, a Verdade, a Realidade”. Um dos conhecidos trechos do Alcorão afirma que “(Não há) nenhum deus além de Allah”. Sendo Allah o nome dado para o Deus único, implica-se a ideia de que não existe nada verdadeiramente real além do Real. Compreender esta noção, na teologia islâmica, é chamado de “tawhîd”, ou “o reconhe-

cimento da unidade divina” e é considerado um dos três princípios da fé. Buscar *Haqq* seria o caminho dos filósofos, que é o de compreender a realidade, a verdade e o divino.

“Na economia espiritual do universo, há duas formas bem diferenciadas de perceber a realidade: a visão daqueles que só reconhecem o que percebem com a vista exterior no domínio do contingente e a visão daqueles que são dotados da faculdade da desvelação, graças à qual reconhecem a realidade essencial daquilo que contêm”, afirma Beneito. “A visão com o ‘olho do coração’ permite aos contemplativos adentrar no mundo das imagens subsistentes, no mundo mais sutil da Imaginação criadora, que não é limitada pela linearidade espaço-temporal nem pela causalidade mecânica e que dá um conhecimento mais direto das realidades espirituais”.

Pablo Beneito Arias é doutor em Filologia Árabe pela *Universidad Complutense* de Madri. Foi professor titular de Estudos Árabes e Islâmicos na Faculdade de Filologia da Universidade de Sevilla entre 1999 e 2008. Atualmente é professor titular do Departamento de Tradução e Interpretação da Faculdade de Letras da Universidade de Múrcia. Como especialista no estudo do pensamento islâmico e do sufismo, foi professor convidado de diversas universidades, incluindo a Universidade Federal de Juiz de Fora. É autor, entre outros, de *Ibn'Arabî y otros autores: La taberna de las luces* (ERM, Murcia, 2004) e *El Lenguaje de las alusiones: amor, compasión y belleza en el sufismo de Ibn'Arabî* (ERM, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que podemos entender por ser humano completo a partir das ideias de Ibn'Arabi?

Pablo Beneito - A noção de ser humano completo ou perfeito (*insān kamil*) em Ibn'Arabi¹ pode ser

abordada a partir de diferentes perspectivas complementares. Adão foi criado à imagem de Deus. Todo ser

defendeu, em suas obras, uma visão teológica pluralista, onde filosofia e espiritualidade se fundem. Seus livros foram publicados em todo o mundo, influenciando não só o pensamento islâmico, mas deixando também diversas marcas na filosofia ocidental. (Nota da IHU On-Line)

humano descende dessa forma adâmica prototípica e participa, portanto, em potência, da imagem divina original. Realizar a perfeição humana consiste, assim, em restaurar esse teomorfismo primordial em virtude do qual o ser humano sabe, segundo se lê no Corão, os nomes de todas as coisas. O ser humano é a finalidade, o sentido último da criação, pois tem

¹ Ibn'Arabi (1165-1240): nasceu em Múrcia, na Espanha, em 1165. É considerado um dos maiores mestres do pensamento místico islâmico. O pensador espanhol

a capacidade de conhecer, atualizar e integrar harmonicamente a totalidade dos atributos divinos, o que constitui sua perfeição. O ser humano viaja pelas moradas da teo-mímese, imitando as qualidades divinas, até alcançar a estação da *teosis*, na qual se revela sua condição essencial.

Os seres humanos perfeitos por excelência são os profetas e santos amigos e próximos de Deus, cujo modelo mais completo é Maomé², cuja mensagem integra a totalidade das palavras reveladas. Ibn'Arabi propõe que o ser humano é a pupila do olho com que Deus contempla sua criação. Realizar a perfeição é transformar-se em visão divina, tornar-se olho e olhar de Deus. Enquanto microcosmos, o ser humano perfeito, ou o homem universal, é a síntese do macrocosmos. Enquanto escrita, pois toda a existência é uma escrita de sinais divinos que deverão ser decifrados, o ser humano perfeito é a síntese do Livro revelado. Realizar a perfeição é, nesta perspectiva, atualizar no coração, capaz de acolher todas as formas, a consciência de si mesmo enquanto síntese do cosmos e do Livro. Por outro lado, o aperfeiçoamento espiritual consiste em liberar o coração de véus, ataduras ou fixações, pela prática da cortesia, para que acolha com amor a totalidade dos Nomes e as manifestações divinas que lhe são reveladas na incessante renovação do criado, alcançando assim a realização espiritual.

IHU On-Line - Em que sentido esse místico compreende a realização espiritual?

Pablo Beneito - A noção de 'realização' espiritual, em árabe *taḥaqquq*, remete ao conceito de *Haqq*. Já me referi à realização da condição do ser humano completo. Agora podemos falar da relação entre *Realidade* (*Haqq*) e *criação/ser humano* (*khalq*). Ibn'Arabi chama, com frequência e assim como outros sufis, Deus pelo seu nome *al-Haqq*, a Verdade, a Re-

alidade. O termo também se aplica ao Corão, chamado de "a Verdade", e pode também significar 'direito'. Por outro lado, o termo *khalqse* é usado para designar tanto o processo de criação, como o criado em geral ou o ser humano em particular enquanto criação por excelência e finalidade da criação. No sufismo, assim como em outras correntes de caráter místico, o conhecimento superior – que é unitivo e integrador – reside na capacidade de restabelecer na consciência profunda a unidade dos contrários. Deus e a criação se apresentam na dialética criativa dos contrários como polos opostos. Ibn'Arabi, usando a terminologia islâmica em uso, refere-se ao cosmos enquanto criação como "aquilo que não é Deus". A relação de polaridade se estabelece, pois, entre Ele e não Ele.

Segundo explica em diversas passagens das suas obras, Ibn'Arabi toma de um dos seus predecessores na Via, Ibn'Barrajān de Sevilha³, a expressão *al-ḥaqq al-makhlūq bi-hi*, inspirada por sua vez em diversos versículos corânicos (por exemplo, C. 16:3, onde se diz: "Ele criou os céus e a terra pela Realidade", ou seja, 'para' e 'por meio de' a Realidade). A citada expressão, atribuída ao sufi sevilhano, significa "a Realidade pela qual a criação acontece". Ibn'Arabi trata este termo em alguns contextos como sinônimo de Hálito criador do Omnicompassivo. É a divina Realidade realizando os efeitos de seus Nomes, mostrando-se sob a aparência de criação no espelho do cosmos. *Haqq* é a Realidade contemplando-se no espelho da criação (*khalq*), que é apenas seu reflexo. A imagem desdobra-se na percepção, mas a Realidade é apenas uma.

Pois bem, a partir de uma possível perspectiva, a visão tem duas modalidades: a vista física ordinária (*basar*), exterior, ligada à dimensão criatural da existência fenomênica, e a vista interior ou clarividência (*baṣīra*), o *insight*, visão espiritual do coração que é o órgão da Imaginação criativa,

visão associada à faculdade da desvelação e capaz de perceber o sentido, a Realidade, o inteligível nas formas sensíveis. O que eu quero mostrar é que, segundo Ibn'Arabi, há, na economia espiritual do universo, duas formas bem diferenciadas de perceber a realidade: a visão daqueles que só reconhecem o que percebem com a vista exterior no domínio do contingente e a visão daqueles que são dotados da faculdade da desvelação, graças à qual reconhecem a realidade essencial daquilo que contemplam. A visão natural dos primeiros, limitada à dimensão da criação enquanto *khalq*, em que o espaço e o tempo são lineares e tudo está sujeito à causa e efeito, não reconhece a presença da divina Realidade na criação. No entanto, a visão com o 'olho do coração', que caracteriza os verdadeiramente dotados de visão interior, permite aos contemplativos adentrar no mundo das imagens subsistentes, no mundo mais sutil da Imaginação criadora, que não é limitada pela linearidade espaço-temporal nem pela causalidade mecânica e que dá um conhecimento mais direto das realidades espirituais. Para além dessa dimensão intermediária do intermundo, a visão interior pode inclusive elevar-se até a contemplação de realidades espirituais supraformais.

Conhecer verdadeiramente a Realidade é, de certo modo, atualizar na visão, na vivência, esta ambivalência da manifestação em virtude da qual o criado é aparentemente criação (*khalq*), mas essencialmente Realidade (*haqq*). O discurso racionalista que opera por meio de oposições irreconciliáveis, segundo o qual se algo é isto não pode ser o contrário, não pode por princípio acolher esta concepção mística da união dos opostos, fundamento suprarracional de toda mística.

A vista que percebe apenas a criação enquanto *khalq* imaginando que se trata de uma realidade autônoma é, para Ibn'Arabi, uma vista velada pelo véu da aparência. É uma vista fixada no reflexo. Mas o *khalq* não tem existência e realidade própria, já que é uma espécie de projeção evanescente. No entanto, quem pode ver o outro lado do espelho tem uma dupla visão: pode perceber o *khalq* enquanto *khalq*, como mundo das distinções e da separação, e pode ao mesmo

² Muhammad ou Maomé: líder religioso e político árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão. Não é considerado pelos muçulmanos como um ser divino, mas sim um ser humano; contudo, entre os fiéis, ele é visto como um dos mais perfeitos seres humanos. (Nota da IHU On-Line)

³ Ibn'Barrajan ou Abu-l-Hakam (1058 ou 1078-1141): nascido em Sevilha, foi um dos maiores pensadores Sufi. Espalhou seus ensinamentos durante a primeira metade do século XII. Morreu em uma prisão em Marrakesh devido ao temor do sultão local por sua influência. (Nota da IHU On-Line).

tempo contemplar a criação enquanto *haqq*, o mundo enquanto receptáculo da Realidade essencial unifica, isto é, enquanto teofania do Único, lugar de manifestação dos efeitos dos Nomes e Atributos de Deus. Desde esta visão, não há coisa alguma na criação que não seja expressão da Realidade. Cada ser criado é a Unidade do Real, da Verdade divina.

Ibn'Arabi explica que a função do ser humano enquanto véu de Deus, a quem revela e oculta ao mesmo tempo, é precisamente manter o estatuto da ambivalência que caracteriza a criação, que é Ele e não é Ele, é e não é. O ser humano consciente preserva com cortesia espiritual os segredos do mundo da multiplicidade, atendendo às necessidades dos seres criados enquanto criaturas, ao mesmo tempo que com essa mesma cortesia contempla em seu interior a Unidade essencial da Realidade que guia seus atos, sabendo que unicamente Ele se manifesta no criado. O homem, radicalmente transformado pela assunção de sua verdadeira visão, é então a pupila do olho com que Deus se contempla a si mesmo no espelho da criação, o lugar em que Deus se conhece a si mesmo.

Uma fórmula islâmica propõe que a justiça consiste em “dar a cada coisa o *haqq* que lhe corresponde”, seu direito. À luz do que foi exposto até aqui, pode-se perfeitamente interpretar que a arte por excelência, entre os hermenêutas do Livro da divina Obra, consiste no desenvolvimento da capacidade de conceder a cada coisa o estatuto que, em virtude da sua realidade essencial, isto é, enquanto *haqq*, lhe corresponde, ou seja, em restituir a cada ser sua condição de nome divino. A realização espiritual (*tahaqquq*) consiste então em atualizar a condição essencial de *haqq* inerente à natureza humana original.

IHU On-Line - Quais são as maiores intuições de sua metafísica do sufismo?

Pablo Beneito – Ibn'Arabi é um dos maiores expoentes da metafísica da Unidade múltipla. Seu pensamento funda-se no princípio da Unicidade essencial do Ser. O Ser é um só, mas Seus Nomes e Atributos são múltiplos, infinitos. O Ser absoluto, incondicio-

nado e ilimitado, tem, no entanto, em sua incomparável transcendência, a capacidade de adotar as formas de todas as determinações da existência, de modo que é ao mesmo tempo transcendente e imanente e, enquanto Manifesto, podemos conhecê-lo positivamente através da sua autor-revelação no criado. Ibn'Arabi remete sempre à Unidade, mas reconhecendo o estatuto da diversidade de suas manifestações que são divinas epifanias. Esta articulação integradora da relação entre a Unidade e a diversidade que conduz o mestre andaluz a afirmar a verdade de todas as crenças é um dos seus grandes ensinamentos. Em qualquer caso, sua ingente obra oferece tão variadas e penetrantes intuições que, para dizer a verdade, não cabe resumi-las nem sistematizá-las.

IHU On-Line - De que forma a mística sufi traz uma iluminação para o ser humano se compreender como parte do Todo, do Universo, e não na condição antropocêntrica em que se compreende nos últimos séculos?

Pablo Beneito - Voltemos ao tema do ser humano completo. Numa perspectiva macrocômica, todo o universo é um único ser humano: o ser humano universal. Num sentido análogo, Ibn'Arabi explica que todos os seres humanos são partes constitutivas do ser humano completo. Há, pois, uma unidade da humanidade. Diz literalmente: “O cosmos em sua integridade é um único ser humano: este Homem único é o amado e todos os indivíduos do cosmos são os membros ou órgãos deste Homem macrocômico”⁴.

Numa perspectiva microcômica, enquanto síntese da existência e ‘cópia’ ou reflexo da Realidade, o ser humano é manifestação do Todo. Assim que é parte indissociável da totalidade e expressão viva da totalidade das partes. Em certo sentido, o cosmos é antropocêntrico, dado que o homem é a finalidade e o sentido da criação. Não obstante, o homem é teocêntrico, pois seu próprio centro, a *Kaaba* do seu coração, é teomorfo. Como o princípio constante subjacente de

tudo ensinamento sufi é a Unidade, os sufis vivem com a consciência permanente de que todas as criaturas são expressões providenciais do divino amor, sinais portentosos do Livro aberto da existência.

IHU On-Line - Em que medida é possível pensar a comunhão do ser com o Universo a partir da mística de Ibn'Arabi?

Pablo Beneito - A comunhão do Ser com o universo, como comentamos antes, pode ser simbolizada com a comunhão que se dá entre quem se contempla em um espelho e seu próprio reflexo. Pois bem, o universo é a manifestação do Ser, mas o Ser, em virtude da natureza misteriosa da sua Essência incognoscível, transcende qualquer determinação, ao mesmo tempo que, como se assinalou, está presente em toda manifestação. O ser humano, por sua vez, contempla-se no espelho do cosmos, que lhe devolve seu reflexo. Toda manifestação procede de uma mesma origem e expressa uma mesma e única Realidade. Amor, amante e Amado são, em última instância, um só.

IHU On-Line - A fragilidade do ser humano é uma categoria importante em seu pensamento? Em que sentido?

Pablo Beneito - Da maneira como se dá em nossas línguas latinas, a ideia de fragilidade não se apresenta como uma categoria particularmente significativa no pensamento de Ibn'Arabi. Categorias muito presentes e significativas que convidam à prática da chamada cortesia espiritual (*adab*) seriam ‘sutileza’ e ‘delicadeza’. A consciência protetora ou respeito reverente (*taqwà*) leva a manter uma atitude de escuta sutil e delicada atenção que permitem uma constante adequação interior à manifestação incessantemente renovada da realidade. Por outro lado, a fragilidade, entendida de modo existencial, expressa-se na obra de Ibn'Arabi em termos de insuficiência ou impermanência.

IHU On-Line - Como aparecem a insuficiência e a impermanência humana em Ibn'Arabi?

Pablo Beneito – Ibn'Arabi faz referência frequentemente à absoluta

⁴ Nota do entrevistado: ver P. Beneito, *El lenguaje de las alusiones*, Murcia, 2005, p. 159.

indigência ontológica do ser humano que contrasta, por outro lado, com sua condição de vice-regente de Deus na terra, conhecedor dos nomes de todas as coisas. Carente de autonomia, totalmente dependente da divina Realidade autossustentada, o ser humano é uma aparência⁵ que, em última instância, não tem verdadeira existência por si mesmo. Sua total necessidade, sua pobreza radical, distingue o servo do seu Senhor. Assim como tantos outros pensadores da *koiné* mediterrânea, Ibn'Arabi recorre com frequência à imagem do espelho – símbolo da visão de todo o criado e, portanto, de todo processo criador – para significar a relação que guardam entre si as dimensões constitutivas da nossa realidade humana: nossa relação com o Criador e nossa relação com o cosmos. Ibn'Arabi considera a criação como um processo teofânico. Tudo quanto aparece no mundo da manifestação é, em última instância, epifania da divina Realidade ilimitada, absoluta, incondicionada, que tem a capacidade de adotar as formas de todas as determinações da existência ao mesmo tempo que as transcende. Simultaneamente imanente e transcendente, Deus está assim plenamente presente, autorrevelando-se, em todas as coisas por Ele criadas. Assim, Deus é autossustentado e necessário, ao passo que o cosmos e o ser humano não têm existência própria: só existem em virtude da existência que o Criador lhes confere. Pois bem, o espelho constitui uma imagem privilegiada desta relação de dependência e indigência ontológica: quando a divina Realidade (*al-Haqq*) se mostra no espelho da criação (*al-jalq*), o reflexo realiza as imagens dos seres criados; mas, se a Realidade se retirasse e deixasse de se mostrar, a criação desaparecería, pois enquanto mero reflexo não pode subsistir por si mesmo. Tudo é radicalmente impermanente, salvo a divina Realidade que é eternamente subsistente.

IHU On-Line - Qual é o espaço do eu na mística de Ibn'Arabi e como se pode pensar a questão do aniquila-

⁵ Nota do Entrevistado: 'Adamzāhir, diz Ibn'Arabi em *Las contemplaciones de los misterios*, Murcia, 1996, cap. I.

mento do ser a partir da experiência mística?

Pablo Beneito - Para Ibn'Arabi todo processo de aniquilamento (*fanā'*) está sempre e necessariamente acompanhado da consequente subsistência (*baqā'*). Em última instância o eu limitado do ser humano perfeito aniquila-se na subsistência do Eu Supremo incondicionado, mas esse Eu que adota a forma de todas as determinações mantém a aparência do eu limitado, de modo que o místico fica perplexo na vivência ambivalente das pessoas divinas no mistério do reflexo.

IHU On-Line - Como distinguir a experiência mística presente nas tradições religiosas ocidentais com respeito às religiões do Oriente?

Pablo Beneito - Na minha opinião, não se pode pensar a experiência mística, nem nenhuma outra experiência, com as categorias de 'tradições ocidentais' e 'tradições orientais', assim como são empregadas em nosso tempo em sentido vulgar, quando se fala de tradições religiosas ou outras. Autores como Edward Said⁶ em sua obra *Orientalismo* estudaram amplamente o emprego da categoria 'oriental' mostrando os prejuízos e reduções que entraña. Judaísmo ou cristianismo são orientais ou ocidentais? Para mim, Oriente e Ocidente só existem como conceitos de certos discursos condicionados. Por outro lado, sem entrar em distinções geográficas, considero que o fluxo de experiências, pensamentos e conhecimentos entre os seres humanos foi tão constante e tão intenso que as diversas tradições estão, em geral, profundamente interconectadas. Para mim é muito esclarecedor estabelecer analogias e comparar tipos de experiências claramente afins entre espiritualidades das mais diversas tradições. Com frequência, vemos que místicos de tradições diferentes participam de

⁶ Edward Wadie Said (1935-2003): teórico literário americano, conhecido como crítico e ativista da causa palestina. É autor de, entre outros, *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989); *Cultura e Imperialismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995); *Cultura e Política* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2003); e *Reflexão sobre o Exílio e Outros Ensaios* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003). (Nota da IHU On-Line)

uma mesma corrente ou de uma inspiração semelhante e compartilham mais experiências entre si, em virtude dos seus estados, intuições e percepções, do que com outros correligionários do seu entorno.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Pablo Beneito - Gostaria apenas, para concluir, de convidar os interessados em saber mais sobre este célebre místico, pensador e poeta do al-Andalus⁷, maior expoente das ciências do sufismo, considerado por seus discípulos intérprete por excelência da revelação e "Selo" da Santidade muhammadi, para ler sobre ele e sua obra no sítio da *Muhyiddin Ibn'Arabi Society* – Latina (www.ibnarabisociety.es), que inclui um bom número de textos em português..

Leia mais...

- *Rûmî: um mestre do encontro*. Entrevista especial com Pilar Garrido e Pablo Beneito Arias na **IHU On-Line** nº 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon222>;
- *Por uma religião da "paz perpétua"*, por Abdelwahab Meddeb, artigo de Abdelwahab Meddeb publicado nas **Notícias do Dia**, de 13-09-2008, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1cLN2MZ>;
- *Por toda parte, o segredo de Deus*, entrevista com Faustino Teixeira publicada na Edição 407, disponível em <http://bit.ly/1hdzHhk>;
- Liberação e diálogo dá tema à tese vencedora do Prêmio Soter-Paulinas, texto publicado nas **Notícias do Dia**, de 17-07-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1c6AiSy>.

⁷ *al-Andalus*: nome dado à península Ibérica pelos seus conquistadores islâmicos do século VIII, tendo o nome sido utilizado para se referir à península independentemente do território politicamente controlado pelas forças islâmicas. (Nota da IHU On-Line)

Para Heschel, “igualar a religião a Deus é idolatria”

A psicóloga Maria Cristina Guarnieri, que estuda a obra de A. J. Heschel, considera que a religião deve desafiar a ciência a encarar os limites da razão e sua incapacidade de explicar a totalidade da existência

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS

“**R**eligião, para Heschel, é uma resposta ao mistério; e a fé, a certeza de que há um sentido além do mistério. A religião para Heschel, portanto, seria uma resposta para as principais questões humanas. A crise, segundo o autor, se instala justamente quando desqualificamos estas questões e, por isso, a religião perde sua importância. A tarefa de uma filosofia da religião seria, nesse sentido, redescobrir as questões para as quais a religião poderia ser uma resposta, aprofundando a investigação em relação à consciência humana, aos ensinamentos, à deliberação das tradições religiosas e, principalmente, contribuir para uma metaética: uma profunda reflexão sobre nossos feitos. Para ele, apenas por sua vontade, o ser humano pode se tornar o mais destrutivo dos seres; em suas palavras: ‘o nascimento de uma criança é um mistério; matar milhões de pessoas é, apenas, uma questão de destreza e perícia’”, pondera Maria Cristina Guarnieri.

A psicóloga, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, investiga a filosofia da religião na obra de Abraham Joshua Heschel. “Heschel manteve, com grande habilidade, a tensão entre sua tradição religiosa e uma posição política, pois entendia que a posição do religioso na sociedade moderna era de denunciar,

criticar e se posicionar contra a injustiça, em nome da reverência a Deus e da sua imagem no mundo, o ser humano. Para ele, não podemos nos manter alheios das atrocidades cometidas contra o próximo, pois, quando desumanizo o outro, desumanizo a mim mesmo, o que o leva a dizer que nossa maior ameaça, hoje, é a insensibilidade diante do sofrimento do outro”, afirma Maria Cristina Guarnieri. “Para ele [Heschel], não existe verdade sem humildade, nem certeza sem contrição, o que ele entende estar faltando onde mais se precisa delas: na teologia. A religião é um meio, não um fim, e igualar a religião a Deus é idolatria”, enfatiza a entrevistada.

Maria Cristina Guarnieri é psicóloga, possui mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. É professora no Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa – IJEP e no curso de Psicologia e Religião na Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP. É coordenadora e editora da revista *Agnès: caderno de pesquisa em teoria da religião* e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Mística e Santidade – Nemes, vinculado à PUC-SP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste a filosofia do judaísmo de A. J. Heschel¹?

¹ Abraham Joshua Heschel (1907-1972): rabino nascido na Polônia, de origem judaica hassídica (tinha entre seus ascendentes várias lideranças ligadas ao movimento hassídico do leste europeu). Estudou na Universidade Humboldt, Alemanha, e viveu nos Estados Unidos. Esteve ao lado de Martin Luther King em manifestações pela igualdade de direitos entre brancos e negros. É autor de *O Schabat: seu significado para o homem*

Maria Cristina Guarnieri - A filosofia do judaísmo, para Heschel, é basicamente uma filosofia que busca compreender a religião a partir dela própria, que busca o que ela tem a nos

moderno (São Paulo: Editora Perspectiva, 2012), obra que, no contexto da espiritualidade judaica, introduz a ideia de uma “arquitetura da santidade”, surgida, não no espaço, mas no tempo: o judaísmo seria uma religião da temporalidade, com significações relacionadas à eternidade. (Nota da IHU On-Line)

ofertar, especialmente em considerar o que Deus quer de nós. A filosofia da religião deve, portanto, aprofundar a reflexão sobre a religião, um esforço de autoesclarecimento e de autoexame, isto é, um esforço em analisar o conteúdo religioso, assim como de examinar, minuciosamente, a atitude religiosa. Já a religião, segundo o autor, deve ser um desafio para a filosofia, e não só um objeto de exame ou pesquisa. Ela deve ser inspiradora ao próprio autoexame da filosofia, pois

a razão, quando questiona a religião, questiona a ela mesma, realiza uma autocrítica que permite, segundo o autor, analisar suas próprias premissas, objetivos e autoridade. Não é uma questão de fornecer uma base racional para a religião, mas sim de observar que há uma referência transcendente ao ato de raciocinar. É necessário, segundo Heschel, distinguir a ignorância do sentido de mistério, observar que a ciência é incapaz de explicar a totalidade da existência, que a razão tem limites, embora a fé seja dependente da razão para um discernimento mais apurado e útil para a nossa existência concreta.

É na tensão entre os pensamentos bíblico e grego que Heschel sustentará sua filosofia da religião e elevará o pensamento bíblico como categoria crítica sobre os valores do homem moderno. Sua filosofia da religião sustenta a interação entre a filosofia e a tradição sapiencial². Heschel lê os primeiros rabinos e isso influencia toda a sua reflexão filosófica. O pensamento que marca a filosofia hescheliana nos apresenta que estar diante de Deus é estar sem tranquilidade e sem autonomia, é estar em uma desconfortável tensão que caracteriza a experiência religiosa – esse ‘desconforto’ dá-se em virtude de o sujeito ser confrontado com questões existenciais profundas, as quais ele poderá responder ou fugir e se eximir. Heschel afirma que há dois tipos de pensamentos: o pensamento conceitual e o pensamento situacional. O primeiro tem por objeto os conceitos da mente, e o outro, a situação do ser humano. O pensamento conceitual é um ato da razão, que nos possibilita conhecer, definir ou explicar o mundo. Já o situacional envolve uma expe-

2 **Sapiencial:** relativo à sabedoria. Denominam-se assim os livros das Sagradas Escrituras cujo objetivo central é transmitir aos fiéis o saber necessário para a vida cotidiana. Em sua maioria, foram escritos em linguagem poética, fazendo uso de metáforas, com as quais ensinam como alcançar a sabedoria – entendida não como acumulação de conhecimento, mas como o bom senso no discernimento das situações, adquirido por meio da meditação e reflexão sobre a experiência concreta da vida. Assim, os livros sapienciais refletem sobre problemas que povoam o cotidiano daquelas pessoas que buscam o caminho da realização e felicidade. Estão entre os livros sapienciais: *Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico* (Ben Sirac). (Nota da IHU On-Line)

riência interior e é necessário quando se precisa fazer um esforço para compreender os problemas sobre os quais delimitamos toda nossa existência. Se a atitude do pensador conceitual busca a imparcialidade, a do pensador situacional é a de preocupação, pois necessita compreender a situação em que se encontra.

IHU On-Line - Quais as relações do pensamento de Heschel com a mística para uma abertura ao sagrado?

Maria Cristina Guarnieri - Heschel cresceu em ambiente religioso; seus pais descendiam de *rebbe hassídicos*³ e ele próprio afirma que seu pensamento sofreu a influência de dois mestres, com visões de mundo opostas: Baal Shem Tov⁴ e Menahem Mendel de Kotzk [ou Kotzer]⁵. Do primeiro, o hassidismo se

3 **Rebbes hassídicos:** famílias de linhagem considerada nobre na cultura judaica. O hassidismo (ou judaísmo chassídico, chassidismo, judaísmo hassídico) é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade por meio da internalização do misticismo judaico e da reflexão sobre a vida interior e a integridade. Essa vertente não deixou de existir ao longo de praticamente toda a história judaica. Atualmente, no entanto, o termo “hassidismo” se restringe ao movimento iniciado na primeira metade do século XVIII, na Europa Oriental, pelo rabino Israel Ben Eliezer, mais conhecido como Baal Shem Tov, em oposição ao judaísmo legalista ou talmúdico, mais intelectualizado. (Nota da IHU On-Line)

4 **Baal Shem Tov** (ou **Baal Shem** (ou Mestre do Bom Nome): rabino fervoroso, criador da versão moderna do movimento hassídico. Viveu seus últimos 20 anos em Mezibizh, pequena cidade da província de Podolia, Ucrânia. Era conhecido pela postura misericordiosa e pelos ensinamentos que visavam despertar nos homens a alegria, o êxtase, a admiração e a espontaneidade diante da obra de Deus. Atribuiu-se a ele os poderes da cura e de afastamento de espíritos negativos, os quais ele teria enfrentado usando como arma a fé e a alegria de viver. Baal Shem Tov ia de aldeia em aldeia levando o alívio aos doentes e divulgando seus ensinamentos e acabou por reunir seus seguidores em torno de um corpo doutrinário sistematizado, constituindo o hassidismo como uma disciplina de natureza religiosa. O elemento central do movimento é a *devekut*, isto é, a união mística com Deus – uma metodologia espiritual que tem como meta libertar o ser humano dos reveses da vida terrena. O hassidismo admite a *Shekhiná*, ou seja, a presença divina em cada vida, como uma prova da compaixão de Deus pelo ser humano e por todas as suas criaturas. (Nota da IHU On-Line)

5 **Menahem Mendel de Kotzk** (ou Kot-

zer): uma das lideranças mais significativas do hassidismo no século XIX. Opunha-se à visão de Baal Shem Tov, criador do movimento, já que apresentava uma visão mais severa a respeito da natureza humana, marcada pelas imperfeições do homem e pelos sofrimentos ocasionados por estas, e uma busca implacável pela justiça austera. Denunciava a mentira e a falsidade nas intenções humanas. Seus ensinamentos alertavam para o perigo da felicidade ilusória, em contraposição à tristeza da qual ele sabe, que conhece. As orientações de Kotzer despertavam para a necessidade da humildade e para a presença da dor e da dúvida na vida dos homens. Sua ira o conduziu ao conceito do *tikun olam*, a redenção do Cosmos. (Nota da IHU On-Line)

Heschel lê os primeiros rabinos, e isso influencia toda a sua reflexão filosófica. Ele, como outros na modernidade – Cohen, Lévinas⁶ e Rosenzweig⁷

6 **Emmanuel Lévinas** (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição número 277 da *IHU On-Line*, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOI>. (Nota da IHU On-Line)

7 **Franz Rosenzweig** (1886-1929): filósofo judeu nascido na Alemanha, é autor

—, volta-se para a literatura talmúdica, algo que antes era reservado apenas aos talmudistas. Mas será no estudo da Torá, com as lendas dos rabinos e mestres, e na influência do hassidismo que sua filosofia se constituirá. Os *hassidim* praticavam o *daven* (oração meditativa) cujo objetivo era a união mística com Deus (*devekut*). O homem piedoso, o *hassidim*, foi colocado em oposição ao rabino, o intelectual talmúdico. O *hassidim* é aquele que está embriagado por Deus, algo que é alcançado pelo *daven* — a natureza existe em Deus, sem Deus nada existe. “O mundo é um véu que, se retirado, só há Deus. O mundo do espírito é a eternidade, o mundo aqui e agora é vaidade”⁸. Sua reflexão seguirá a experiência consciente de Deus e como esta altera o seu pensar sobre o mundo; é um filósofo que pensa sob o olhar de Deus.

IHU On-Line - Em que aspectos a convivência de Heschel com Martin Luther King⁹ possui, além de contornos políticos, contornos místicos?

Maria Cristina Guarnieri - Heschel encontrou Martin Luther King em 1963 pela primeira vez, em uma Conferência Nacional de Cristãos e Judeus. Tornaram-se amigos e, a partir desse momento, Heschel passa a participar ativamente na questão dos direitos civis nos Estados Unidos. Ele participa, em 1965, da marcha pelos direitos civis dos negros, ao lado de Martin Luther King, no Alabama, o que pode ser visto em fotos da época, dado sua presença na primeira fila junto aos demais líderes da manifes-

tação. Sua filha, Suzana Heschel, nos conta que, pouco antes de começar a marcha, um serviço foi realizado em uma pequena capela, onde seu pai teria lido o Salmo 27: “O Eterno é a luz que me guia e a fonte de minha salvação; a quem então temerei?”. Para Heschel, a marcha era um movimento religioso, que fica claro em seu famoso comentário na época: “Quando marchei com Martin Luther King em Selma, Alabama, senti que minhas pernas rezavam”. Ele dizia sentir nesse ato uma consciência do Sagrado, de sua responsabilidade individual pelo coletivo apreendida com os profetas.

Na realidade, Heschel reúne com esse encontro questões políticas-sociais e fundamentos éticos religiosos. Podemos dizer que três são os motivos que o fazem ligar suas convicções religiosas com o movimento social e político: a própria perda pessoal com o genocídio nazista, a descoberta que a indiferença ao mal é pior que o mal em si mesmo e o estudo dos profetas. Heschel trabalhou em seu doutorado com os profetas. Para ele, a qualidade mais importante do profeta é a sensibilidade para com o mal e a iniquidade. Seu pensamento é marcado por sua sensibilidade à experiência emocional que tem como ideia central o *pathos* divino. Esse conceito sugere que o ser humano tem capacidade para transcender, abrir-se para o infinito e para o inefável, mas que também é buscado pelo transcendente. O profeta é aquele que sabe o que Deus quer, ele dá testemunho do *pathos* de Deus, que é onde se dá o encontro entre o ser humano e Deus, pois Ele, ao revelar-se ao profeta, não revela Sua essência, mas sim Sua presença. Nesse sentido, o profeta é um exemplo e, com eles, afirma Heschel, ele aprendeu que deveria participar dos problemas humanos, principalmente dos humanos que sofrem.

Heschel manteve, com grande habilidade, a tensão entre sua tradição religiosa e uma posição política, pois entendia que a posição do religioso na sociedade moderna era de denunciar, criticar e se posicionar contra a injustiça, em nome da reverência a Deus e da sua imagem no mundo, o ser humano. Para ele, não podemos nos manter alheios das atrocidades cometidas contra o pró-

ximo, pois, quando desumanizo o outro, desumanizo a mim mesmo, o que o leva a dizer que nossa maior ameaça, hoje, é a insensibilidade diante do sofrimento do outro. Com essas ponderações, Heschel não pretende defender uma união entre Estado e instituição religiosa, mas afirmar a oração como uma voz pela misericórdia, um clamor pela justiça, que deveria ser espalhada no mundo. Heschel entende que a oração é algo particular, um serviço do coração, mas que a preocupação e a compaixão, nascidas da oração, devem dominar a vida pública.

Para Heschel, orar significa um lamento pela misericórdia de Deus; louvar torna Deus presente em sua misericórdia, em sua grandeza e esplendor. O ser humano reza e se coloca na relação como objeto de Deus, e esse é seu objetivo, tornar-se digno de ser lembrado por Deus: a verdadeira tarefa do homem não é a de conhecer Deus e sim de ser conhecido por Ele. Heschel nos fala que a reza não pode nos salvar, mas nos torna dignos de sermos salvos. A presença de Deus é ausência de desespero, não só por essa constituir uma auto-análise, mas sim por algo muito caro ao judaísmo: um posicionamento em direção a Deus. Portanto, segundo Heschel, rezamos porque é enorme a desproporção entre a miséria humana e a compaixão humana. Viver é um desafio e rezamos para saber como responder a esse desafio; viver é sagrado, portanto precisamos rezar para saber como responder à questão vital que nos anima: como ser e como não ser.

IHU On-Line - A partir do legado de Heschel, que provocações a mística apresenta para as propostas de abertura inter-religiosa?

Maria Cristina Guarnieri - Há um ensaio muito interessante chamado *Nenhuma religião é uma ilha*, que foi originalmente elaborado como discurso inaugural no Union Theological Seminary, no qual Heschel desenvolve a ideia de que a interação entre judeus e cristãos é urgentemente necessária para desenvolver uma espiritualidade capaz de remover traços pagãos que idolatram e idealizam conceitos que resultam em regimes despóticos como o nazismo. Para ele, nenhuma religião é uma ilha, pois es-

de uma obra importante na qual se destacam *Der Stern der Erlösung* (A estrela da redenção) e *Judentum und Christentum* (Judaísmo e Cristianismo). Trabalhou com Martin Buber na tradução da Bíblia hebraica para o alemão. Confira a entrevista que Ricardo Timm de Souza concedeu à **IHU On-Line**: *Rosenzweig e uma nova compreensão da ideia de sujeito*, disponível em <http://bit.ly/GCaglu>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ HESCHEL, Abraham Joshua. *Passion for truth*. Woodstock: Jewish Lights Publishing, 1995.

⁹ **Martin Luther King** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não violência e de amor para com o próximo. É a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz, o que ocorreu em 1964, pouco antes de seu assassinato. (Nota da **IHU On-Line**)

tamos todos comprometidos um com o outro, a traição espiritual de um afeta a fé de todos. Para ele, enquanto resistirmos, como representantes de fé, ao movimento ecumênico, outro movimento cresce em extensão, influencia e atinge o mundo todo: o niilismo. Segundo ele, o objetivo principal das reflexões nesse ensaio é encontrar uma base religiosa capaz de facilitar a comunicação e a cooperação com temas importantes da modernidade, com as inquietações morais e espirituais, com a paz e com manter viva a presença de Deus. Apesar das profundas diferenças entre as religiões, da necessidade que cada uma delas tem de manter a sua própria identidade, Heschel compreendia que, como humanos, temos uma base comum: a consciência de que Deus é o mesmo para todos, acima das particularidades das diferentes tradições. A humanidade, para ele, não é uma abstração.

Heschel usa a Bíblia como crítica à insensibilidade humana. A responsabilidade pelo outro é apreendida na narrativa religiosa com os profetas. Os profetas nos lembram do interesse de Deus pela situação dos seres humanos. Se profano o outro, profano a mim mesmo e, se o ser humano é a imagem e semelhança de Deus, profano também o nome de Deus. Para Heschel, o pré-requisito mais importante para o ecumenismo é a fé. Mas não sem perceber que a fé só cresce na intimidade e se respeitada a individualidade de cada religião, para que ela não seja profanada e não se corra o risco de sincretismo. A finalidade da comunicação religiosa, para ele, é enriquecimento mútuo e acréscimo de respeito e reconhecimento. Para Heschel, a “voz de Deus chega ao espírito em uma variedade de formas, em uma multiplicidade de linguagens. Uma mesma verdade pode ser interpretada e expressa de muitas maneiras” (*Nenhuma religião é uma ilha*). Para ele, não existe verdade sem humildade, nem certeza sem contrição, o que ele entende estar faltando onde mais se precisa delas: na teologia. A religião é um meio, não um fim, e igualar a religião a Deus é idolatria.

IHU On-Line - Tendo em consideração o conjunto de sua obra, como

podemos compreender o significado da fé, da divindade das ações e da sacralidade do tempo?

Maria Cristina Guarnieri - Fé é ato, algo que acontece e não tem explicação. A fé é um momento de comunhão entre a alma do ser humano e a glória de Deus. A fé é um ato do espírito, pois é ele que tem o poder de reconhecer a superioridade do divino, para perceber o transcendente, para amar o mistério. O mistério como a própria condição de existir, uma categoria ontológica, que nos leva a agir como reverência, pois esta é a forma de existência em harmonia com o mistério. A reverência nos aproxima do amor e da alegria e é, também, a raiz da fé. Quando somos guiados pela reverência, somos dignos da fé. A fé é uma resposta a Deus que não pode ser copiada, pois original em cada alma, para quem vive na consciência do inefável. A divindade das ações são aquelas que são comandadas pela Torá: a prática dos *mitsvot*, que vão atualizar no homem a imagem divina. A Torá é um modo de vida e, para Heschel, é necessário o esforço de aproximar cada judeu do estudo da Torá para que a Aliança se restabeleça entre Deus e Israel. Fazer o que Deus manda é o primeiro passo para reencontrar o caminho da fé no Deus vivo. A observância faz o sujeito sair de si mesmo, da obsessão de realizar a própria vontade, as próprias satisfações e necessidades individuais. A observância é, ao mesmo tempo, uma resposta a Deus, um modo de deixá-lo agir na história humana. Pelas obras humanas, Deus transcendente faz sentir sua presença na imanência, e o humano torna-se parceiro de Deus na grande obra da redenção. O homem é redimido pelo Amor; o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro. “Viver é o que o homem faz como tempo de Deus, o que o homem faz com o mundo de Deus.”¹⁰

O propósito das *mitsvot* é aprimorar o homem, dado que a alma é aprimorada pelos atos sagrados. Cumprir uma *mitsvot* é desfazer-se de si mesmo; é ir além de nossas próprias necessidades e iluminar o

mundo. O propósito está vinculado à parceria entre homem e Deus, isto é, ao cumprir uma *mitsvot*, desempenhamos uma ação, cuja iluminação emana de Deus. Os *mitsvot* são a chave para abrir os portões da fé – nas palavras do próprio Heschel, pontos de espiritualidade, de eternidade no fluxo da temporalidade. Para Heschel, o tempo é a única coisa que possuímos e, portanto, característica essencial da existência. Mas é a coisa mais frágil que existe, pois é uma sucessão de instantes perecíveis o que nos leva, paradoxalmente, a uma certeza: nunca possuímos a única coisa que temos. Heschel nos lembra que o tempo precisa de categorias para ser pensado, dado que o tempo em si não oferece permanência. Duas diferentes categorias são citadas por ele: processo e evento – temporalidade e eternidade. Os processos são relações causais de ocorrências previsíveis, seguem uma regra. Os eventos são acontecimentos singulares que dizem respeito à relação de Deus com o ser humano, que se dá no presente. Visto como temporalidade, a essência do tempo é separação, isolamento, pois dois instantes nunca podem estar juntos, nem podem ser contemporâneos. Como eternidade é comunhão, união, é onde podemos adorar, amar, é quando um dia vale para toda a eternidade.

IHU On-Line - Em que medida fé e piedade são categorias diferentes em Heschel?

Maria Cristina Guarnieri - A piedade é um modo de vida, uma orientação do interior humano para a santidade. Piedade é fé traduzida em vida. O homem piedoso é aquele que é determinado por sua fé, que tem seu coração aberto e atraído para Deus, ele se deixa ser penetrado e atuado pelo sagrado. A piedade é a realização e a verificação do transcendente na vida humana, situa-se no subjetivo e nasce da iniciativa humana. É precedida pela fé, um esforço para colocar em prática as ideias da fé, realizar a fé, buscando a vontade de Deus. Piedade é a fidelidade à vontade de Deus, o que faz do homem piedoso aquele que sabe que seu destino é servir, por livre escolha, pois esse é o sentido de sua existência, que reconcilia o

¹⁰ HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em Busca do Homem*. São Paulo: Editora Arx, 2005.

passageiro com o permanente, a temporalidade com a eternidade. O que resulta na visão de que morrer é um privilégio justamente porque este ato é a reciprocidade por parte do ser humano do presente recebido por Deus: a vida.

IHU On-Line - E como podemos compreender a consciência do inefável e da alteridade nesse pensamento?

Maria Cristina Guarnieri - O inefável, segundo Heschel, não é criado por nós, é encontrado por experiência própria. Sem a ideia de inefável seria impossível explicar a diversidade humana como tentativa de representar o mundo. O inefável é considerado como universal que só pode ser indicado, e é essa indicação que é passível de comunicação. O inefável não pode ser definido, dele só podemos dizer aquilo que ele não representa. Porém, enquanto conteúdo, aponta para algo que tem sentido, mas que não pode ser expresso, apenas experimentado, geralmente a partir do temor ou da reverência. A religião começa com o sentido do inefável, que começa com a interrogação de Deus e a resposta de cada ser humano. O divino, segundo Heschel, é identificado como uma mensagem que revela unidade onde vemos diversidade, paz onde nos envolve a discórdia. Deus significa que ninguém está só, que a essência do temporal é o eterno, que o inefável é um sentido que nos eleva a um plano em que a presença de Deus pode ser desafiada, mas não negada, onde a única atitude é a fé, onde Deus significa união de todos os seres em santa alteridade.

IHU On-Line - Qual é a contribuição desse pensador para uma cultura da paz e da espiritualidade?

Maria Cristina Guarnieri - A parceria com Deus é uma tese hescheliana para assinalar um ponto fundamental: que a vida é um presente, que temos responsabilidade de sermos dignos de ser lembrados por Deus. A maior ameaça que estamos sofrendo hoje, segundo o autor, é a insensibilidade diante do sofrimento do outro. “Tudo que nos resta é ficar horrorizados com a perda do nosso senso de horror”. E talvez esse seja o alerta mais importante para a vigília

constante de nossas ações, principalmente quando nos dirigimos ao outro humano, que também foi feito como nós, à imagem de Deus. Pelas obras humanas, Deus transcendente faz sentir sua presença na imanência, e o humano torna-se parceiro de Deus na grande obra da redenção. O homem é redimido pelo Amor; o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro. A vida é uma parceria entre Deus e o Homem na luta pela justiça, pela paz e pela santidade. É por necessitar do ser humano que Deus fez um pacto com ele por todos os tempos, um vínculo que une Deus e ser humano e no qual ambos estão comprometidos. Na realidade, a humanidade é dependente do como cada um de nós trata o outro. Os direitos e deveres humanos não se sustentam apenas com uma ideia ou uma declaração; é necessário que o ser humano faça de si mesmo um parceiro de Deus, parceria esta que se manifesta em suas ações.

IHU On-Line - Em que aspectos a religião e a consciência religiosa se dão no encontro da pergunta de Deus com a resposta do homem?

Maria Cristina Guarnieri - Para Heschel, o objetivo do ser humano religioso é tornar-se digno de ser lembrado por Deus, de ser conhecido por Ele. Deus é uma suposição ontológica para Heschel, não sendo possível haver um pensamento sobre Deus sem a premissa da realidade da existência de Deus. O ser humano em sua singularidade é tomado a partir da ideia de milagre e mistério, onde toda a existência é uma dádiva e uma dívida, pois é nesta consciência que percebemos que algo é exigido de nós: “somos exigidos a admirar, a respeitar, a pensar e a viver de um modo que seja compatível com a grandeza e o mistério da vida” (*Deus em busca do homem*). A existência é um mistério. E o mistério é compreendido pelo autor como categoria de pensamento, que pressupõe a presença de Deus e um meio de perceber o mundo. O mistério não serve para a mente especuladora, mas sim para que sejamos confrontados constantemente por ele e, ao mesmo tempo, para que sejamos indagados sobre as nossas ações. Religião, para Heschel,

é uma resposta ao mistério; e a fé, a certeza de que há um sentido além do mistério. A religião para Heschel, portanto, seria uma resposta para as principais questões humanas. A crise, segundo o autor, se instala justamente quando desqualificamos estas questões e, por isso, a religião perde sua importância. A tarefa de uma filosofia da religião seria, nesse sentido, redescobrir as questões para as quais a religião poderia ser uma resposta, aprofundando a investigação em relação à consciência humana, aos ensinamentos, à deliberação das tradições religiosas e, principalmente, contribuir para uma metaética: uma profunda reflexão sobre nossos feitos. Para ele, apenas por sua vontade, o ser humano pode se tornar o mais destrutivo dos seres; em suas palavras: “o nascimento de uma criança é um mistério; matar milhões de pessoas é, apenas, uma questão de destreza e perícia”.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Maria Cristina Guarnieri - Apenas que faz parte da condição humana a presença da ambiguidade, ou como fala Heschel, de viver em polaridades. A polaridade imagem-pó revela a natureza profunda do homem: ele é formado da matéria mais baixa, porém, conforme a imagem mais elevada. Para Heschel, devemos amar o ser humano porque este foi feito à imagem de Deus. Isso significa que cada ser humano deve considerar a si próprio muito precioso para ser desperdiçado pelo pecado. Preciosidade é um conceito que caracteriza a dignidade da condição humana. Para Heschel, ninguém é substituível, o que está relacionado com outro conceito – a singularidade, que diz que todo ser é original, único e sempre uma nova possibilidade. Para Heschel, ser “criado à semelhança de Deus” é um segredo divino, ao passo que “criado do pó” refere-se ao diálogo entre Deus e o ser humano. Quando Deus criou o ser humano, Ele o fez à sua semelhança, o que, segundo a tradição judaica, é uma afirmação fundamental sobre a natureza e o significado do homem. O ser humano, ao ser uma imagem de Deus, torna-se o lugar da lembrança de Deus: seu significado e sua missão

O trânsito da mística no espaço do conhecimento

Ricardo Fenati sustenta que a mística é uma das formas humanas de estar no mundo e que, portanto, é preciso fazer circular os conhecimentos sobre o tema

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

“Se entendermos por filosofia moderna a que tem início com Descartes, a relação entre mística e filosofia é claramente marcada por uma oposição. Se a filosofia moderna assinala o império da consciência, o entendimento da consciência como uma espécie de tribunal de última instância diante do qual devem ser examinadas nossas ideias e nossa experiência da existência, não se pode esperar que a mística sobreviva a esse tribunal uma vez que ela supõe, liminarmente, a relativização da consciência, o reconhecimento dos limites da consciência, pelo menos tal como entendida ao longo da modernidade filosófica”, aponta Ricardo Fenati, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Para o professor, à medida que admitimos que a mística é uma das formas humanas de estar no mundo, é necessário articular formas para que ela circule no espaço público do conhecimento. “Isso é um desafio a ser enfrentado. Que o encontro entre filosofia e mística é importante, não tenho dúvidas. E adianto dois motivos: de um lado, esse encontro favorece-

ria à ampliação da vizinhança da filosofia, hoje muito restrita às ciências e, de outro, lembraria à filosofia que a experiência da racionalidade não é uma reiteração incessante, mas o reconhecimento permanente de uma alteridade”, sustenta.

No entendimento de Fenati, seria produtivo que estudos evidenciassem interpenetração entre esses campos. “De um lado, vale a pena examinar pressuposições de natureza religiosa presentes em teorias científicas e, de outro, investigar a presença de ideias provenientes da ciência no campo religioso. Num e noutro caso, encontraremos material significativo, o que quer dizer que pretender uma distância radicalizada entre os dois campos é tolice, já que, nos dois casos, estão presentes traços de uma mesma aventura, a dos humanos”, destaca.

Ricardo Fenati graduou-se e fez mestrado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, cuja dissertação debruçou-se sobre o tema *O mal-estar na epistemologia*, a partir de Gaston Bachelard.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em linhas gerais, quais são as grandes correntes de compreensão da mística até nossos dias, nas relações com a filosofia moderna?

Ricardo Fenati - Vou me ater apenas a uma das dimensões da pergunta. Se entendermos por filosofia moderna a que tem início com Descartes¹, a relação entre mística e filosofia

é claramente marcada por uma oposição. Se a filosofia moderna assinala o império da consciência, o entendi-

famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

mento da consciência como uma espécie de tribunal de última instância diante do qual devem ser examinadas nossas ideias e nossa experiência da existência, não se pode esperar que a mística sobreviva a esse tribunal uma vez que ela supõe, liminarmente, a relativização da consciência, o reconhecimento dos limites da consciência, pelo menos tal como entendida ao longo da modernidade filosófica. Não me parece ser o caso de haver uma oposição de princípio entre mística e filosofia, mas, tal como enten-

1 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido

dida ao longo da modernidade, salvo algumas exceções, a consolidação da filosofia enquanto disciplina levou ao alijamento da mística enquanto experiência de decifração do mundo.

IHU On-Line - Como se pode perceber a dimensão mística na filosofia moderna?

Ricardo Fenati - Penso que se pode falar da dimensão mística na filosofia sempre que se tenha em conta a percepção de que o esforço de fundamentação exaustiva da razão não tem como ser levado a termo. Há autores, ao longo da filosofia moderna, que sinalizam nessa direção. De forma distinta, Pascal², Kierkegaard, Schopenhauer³ e Nietzsche, entre outros, podem ser arrolados como exemplos de uma crítica destemida às pretensões de um racionalismo sem medidas. A dimensão mística repercute no campo da filosofia sempre que a razão, ou melhor, um certo desenho da razão, é posto em causa. A ideia de repercussão faz sentido na medida em que a mística funciona como uma interrogação que obriga a razão a se movimentar. Contrariamente a isso, se consiste unicamente de um afastamento radical da razão, já não se trataria de repercussão, mas de apagamento da experiência, a da razão, o que já não seria mais filosofia. Convém lembrar que falamos da mística, tal como se coloca na pergunta, na sua fronteira com a filosofia. É claro que esse espaço será descrito de forma distinta conforme o autor em questão.

2 **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

3 **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

“Se a filosofia moderna assinala o império da consciência não se pode esperar que a mística sobreviva”

IHU On-Line - De que forma filosofia e mística podem estabelecer um diálogo em nosso tempo? Qual seria a importância desse encontro?

Ricardo Fenati - Há aqui pontos de mais difícil abordagem, decorrentes menos da natureza da mística ou da filosofia do que do modo como o saber está organizado entre nós. Filosofia entre nós é um campo de conhecimento, em tudo semelhante a outros campos, como a física ou a linguística. Prova-o o sistema universitário: disciplinas, instâncias de avaliação, titulação, agências de fomento e assim por diante. Não é muito claro como a mística enquanto uma experiência de decifração da realidade possa fazer parte dessa dinâmica. Mas se consideramos a mística uma das formas humanas de estar no mundo e um instrumento, e aqui essa palavra é inadequada, de decifração da realidade, precisamos de algum modo fazer com que ela circule no espaço público de conhecimento. Isso é um desafio a ser enfrentado. Que o encontro entre filosofia e mística é importante, não tenho dúvidas. E adianto dois motivos: de um lado, esse encontro favoreceria a ampliação da vizinhança da filosofia, hoje muito restrita às ciências e, de outro, lembraria à filosofia que a experiência da racionalidade não é uma reiteração incessante, mas o reconhecimento permanente de uma alteridade.

IHU On-Line - Qual é a importância da discussão acadêmica acerca da mística?

Ricardo Fenati - Como foi apontado na resposta à pergunta anterior, deveríamos estudar formas de inclusão da temática da mística no sistema acadêmico. E isso de forma consequente, o que não será fácil. Não se trata de encontrar um gueto ou ilha onde a mística seja suportada ao modo de uma suposta tolerância institucional. Por outro lado, não é o caso de anular a diferença própria da mística. Como se vê, o caminho não é claro. Mas há, aqui e ali, experiências em curso e talvez seja o caso de reuni-las e ver, tendo em conta o que já está sendo feito, que caminhos podem ser percorridos.

IHU On-Line - Por que a mística é compreendida por alguns como “fuga do mundo”? Qual é o seu verdadeiro significado e o que ela tem a desvelar para as pessoas do nosso tempo?

Ricardo Fenati - Por duas razões. Em alguns casos, porque, de fato, a mística é entendida como uma recusa do mundo, como uma perda do interesse em quaisquer das questões postas pela mundanidade, como um refúgio capaz de nos proteger das tarefas postas diante de nós. O que é um erro, um gnosticismo que tenta, ilusoriamente, apagar o nosso pertencimento ao mundo. Em outros casos, por mera ignorância e desconhecimento de que a mística é uma forma de penetração aguda na experiência da existência. Também aqui se pode falar de um gnosticismo com sinal invertido que pretende, também ilusoriamente, apagar nosso pertencimento ao que, através do mundo, nos transcende. Essa tensão que distingue a mística do gnosticismo, ou seja, a tensão entre o que une e aproxima e o que divide e distancia ainda resta por ser examinada. O que a mística tem a dizer ao nosso tempo é o que ela sempre assinalou: que a existência humana, longe de ser uma paixão inútil, pertence a um excesso, que somos, é certo, uma insuficiência, mas de quem é espera-

do que seja capaz de uma escuta, de ouvir um rumor ao mesmo tempo estranho e familiar.

IHU On-Line - Algumas pessoas contrapõem erroneamente fé e ciência, bem como mística e filosofia. Qual é o sentido dessa contraposição e quais são os limites dessa compreensão?

Ricardo Fenati - Vou alterar um pouco a pergunta e procurar responder tendo em vista as relações entre religião e ciência. Não penso que religião e ciência sejam opostas, mas não é fácil demarcar os respectivos campos e tarefas. E, é claro, as transgressões foram, são e serão constantes. O que justifica os cuidados com a distinção entre os domínios. Entretanto, a racionalidade, entendida na amplitude que lhe é própria, não convive bem com estratégias que, a pretexto de salvaguardar identidades, desembocam no isolamento. Acredito que seria benéfico o incentivo a estudos que evidenciassem a interpenetração entre esses campos. De um lado, vale a pena examinar pressuposições de natureza religiosa presentes em teorias científicas e, de outro, investigar a presença de ideias provenientes da ciência no campo religioso. Num e noutro caso, encontraremos material significativo, o que quer dizer que pretender uma distância radicalizada entre os dois campos é tolice, já que, nos dois casos, estão presentes traços de uma mesma aventura, a dos humanos. O que há de novidade hoje é que, em decorrência dos problemas de natureza ética trazidos pelo avanço das ciências, a tensão na fronteira entre religião e ciência é, agora, muito aguda. O que torna o problema posto pela pergunta acima mais do que atual.

IHU On-Line - Em que aspectos a mística pode inspirar o sujeito contemporâneo a desenvolver outra relação com a vida, com os saberes e até mesmo com o cosmos?

Ricardo Fenati - A mística assinala nossa insuficiência, nosso per-

““De um lado, vale a pena examinar pressuposições de natureza religiosa presentes em teorias científicas e, de outro, investigar a presença de ideias provenientes da ciência no campo religioso”

tencimento a uma realidade que surge para nós como um dom, e não como uma obra nossa. Disso decorre a impossibilidade de pensarmos a nós mesmos como senhores diante de um universo sem quaisquer direitos, sem outro sentido que o decorrente de nossa atividade. Do ponto de vista de nossas relações com a natureza, o que é hoje uma questão grave, o reconhecimento da dimensão mística favorece uma certa prudência, uma relação com o universo que não seja a de meros predadores. Penso, também, que a mística, ao lembrar o mistério de que somos constituídos, nos leva a ver a existência, a existência de cada um de nós, como um exercício, doloroso e estimulante, ao mesmo tempo impossível e possível de adesão à vida e de autorreconhecimento. O que é contrário à banalização que hoje assistimos, a essa dissolução no imediato e a essa perda de si que, tão erroneamente, chamamos de vida prática ou vida concreta.

IHU On-Line - Qual é a importância do silêncio da experiência mística? Nesse sentido, como compreender a célebre frase de Wittgenstein?

Ricardo Fenati - A recomendação de Wittgenstein⁴ para que, em vista dos limites da linguagem diante de certas questões, nos calemos, deve ser entendida como uma estratégia para que não sigamos adiante com instrumentos de compreensão insuficientes. Portanto, trata-se de um reconhecimento de limites nossos, e não da negação de uma dimensão da realidade. O silêncio é, aí, o modo da escuta de uma presença, que não se oferece a nenhum outro modo de percepção. Um autor, Santiago Kovadloff⁵ (*O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2003), distingue entre o silenciado e o silencioso, lembrando que o silenciado é o que poderia ser dito, é um confinamento, uma ocultação. O silencioso é outra coisa, não é uma maquiagem, não encontra equivalência na palavra e provém de um fundo irreduzível. Penso que esse autor tem razão: o silêncio, no sentido apontado por ele, e é o que ocorre na mística, não é o reconhecimento de uma cessação, de um fim de caminho; é, ao contrário, o prosseguimento, por outras vias, da convivência com o Sentido que nos invade.

⁴ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <http://bit.ly/16N89fV>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista *IHU On-Line* 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/1UCopl>. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Santiago Kovadloff (1942): ensaísta, poeta e tradutor. Graduado em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires com tese sobre o pensamento de Martín Bube. Suas obras foram traduzidas para o hebraico, português, alemão, italiano e francês. (Nota da IHU On-Line)

O percurso da mística no cristianismo

Bernard McGinn, especialista na história do pensamento cristão, expõe o trajeto e as características da mística nesta religião

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: MOISÉS SBARDELOTTO

“Embora alguns estudiosos da religião tenham resistido a aplicar os termos ‘místico’ e ‘mística’ a outras religiões, nos estudos contemporâneos, a mística tem sido adotada como um termo geral da arte para descrever uma importante dimensão do fenômeno da religião”, defende o teólogo Bernard McGinn. No entanto, ainda que presença fundamental em inúmeras religiões, McGinn afirma que é justamente no cristianismo que os termos “místico” e “mística” foram desenvolvidos.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele que é especialista na história do cristianismo recupera que embora a Bíblia não use exatamente estes termos, muitos de seus textos falam sobre a relação de amor de Deus pelo seu povo, sobre o anseio de ver a face de Deus e sobre sentir a presença divina. Trechos que falam sobre “ser em Cristo” e “tornar-se um com Jesus e seu pai”, assim como a própria ascensão ao céu. É esta experiência do inefável que caracterizaria as bases do pensamento místico.

“Logo o termo “místico” foi usado para caracterizar todo o significado interior da vida cristã – rituais místicos como o Batismo e a Eucaristia, oração mística e contemplação de Deus e, finalmente, teologia mística, que era vista não apenas como uma forma de *ensino*, mas também de *vida* em busca de uma consciência mais profunda da presença de Deus.” Caracterizam a mística cristã uma base fundamentalmente bíblica, sempre eclesial e centralizada na figura de Cristo. “Experimentar Jesus como presente na vida pessoal sempre foi central para a mística cristã”, relata ele.

Bernard McGinn possui licenciatura em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana e doutorado na mesma área na *Brandeis University*. Atualmente ocupa a cátedra Naomi Shenshine Donnelley, na Divinity School da Universidade de Chicago. Trabalha especialmente com a história do cristianismo e do pensamento cristão, com ênfase no período medieval. É autor dos sete volumes que compõem a obra *History of Christian mysticism in the West*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as principais peculiaridades do misticismo cristão?

Bernard McGinn – A mística, como eu a entendo, é aquele elemento na religião que busca encontrar um contato profundo e transformador com Deus. Assim, a mística não é o todo da religião, mas existe em relação a outros aspectos das tradições religiosas: instituições, doutrinas, práticas, normas éticas, etc. Nesse sentido, a mística é uma parte de muitas tradições religiosas. Os termos “místico”

[*mystical*, adjetivo] e “mística” [*mysticism*, substantivo], no entanto, foram desenvolvidos no cristianismo. Embora alguns estudiosos da religião tenham resistido a aplicá-los a outras religiões, nos estudos contemporâneos a mística tem sido adotada como um termo geral da arte para descrever uma importante dimensão do fenômeno da religião.

As peculiaridades da mística cristã fazem parte do desenvolvimento da fé cristã ao longo dos últimos dois milênios. Acima de tudo, o desejo de

experimentar um profundo sentimento da presença de Deus é encontrado em toda a Bíblia, tanto na Bíblia hebraica (ou Antigo Testamento, como os cristãos passaram a chamá-lo pelo século II d.C.), como nos escritos que formaram o Novo Testamento. Embora a Bíblia não use as palavras “místico” ou “mística”, muitos textos falam sobre a relação de amor de Deus pelo seu povo, sobre o anseio de ver a face de Deus e sobre sentir a presença divina. No Novo Testamento, há passagens, especialmente na literatura joa-

nina e paulina, sobre “ser em Cristo” e “tornar-se um com Jesus e seu Pai”, e também sobre visões e ascensões ao céu. Isso foi fundamental para a mística cristã. Assim, a mística cristã é sempre bíblica em sua base.

A Bíblia, no entanto, nem sempre é clara ou fácil de interpretar, especialmente porque os cristãos consideravam o Antigo Testamento como uma profecia velada do Novo Testamento. Por isso, para os cristãos, a Bíblia contém um significado espiritual interior escondido sob a superfície do texto e destina-se a alimentar a vida dos fiéis. O uso do adjetivo “místico” na Igreja Primitiva começou no século II d.C., como uma forma de descrever o sentido oculto dos textos bíblicos. Esses sentidos místicos revelavam as profundezas dos mistérios de Deus e tornavam-nos acessíveis à comunidade dos fiéis. Logo o termo “místico” foi usado para caracterizar todo o significado interior da vida cristã – rituais místicos como o Batismo e a Eucaristia, oração mística e contemplação de Deus, e, finalmente, teologia mística, que era vista não apenas como uma forma de *ensino*, mas também como uma forma de *vida* em busca de uma consciência mais profunda da presença de Deus. Assim, emerge uma segunda característica: a mística cristã é sempre eclesial.

Os dois mistérios fundamentais da fé cristã também formam as características essenciais da mística cristã. O mais antigo movimento de Jesus cresceu entre os judeus, que acreditavam que Jesus de Nazaré era o Messias designado divinamente, que tinha vindo para redimir os seres humanos e para iniciar o reino de Deus por meio da sua Paixão e Ressurreição. A cristologia que rapidamente se desenvolveu afirmou que Jesus Cristo não era apenas um ser humano, mas também era totalmente divino, embora apenas no século V d.C. as fórmulas dogmáticas relativas a essa união de Deus e do homem foram totalmente resolvidas. Experimentar Jesus Cristo como presente na vida pessoal sempre foi central para a mística cristã, embora isso tenha sido entendido de muitas maneiras. Os Evangelhos mostravam como Jesus havia revelado o seu Pai Celestial ao mundo e também havia prometido enviar o Espírito San-

“Os dois mistérios fundamentais da fé cristã também formam as características essenciais da mística cristã”

to para continuar a sua obra. Assim, a crença em Deus como uma Trindade de pessoas foi fundamental para o cristianismo e também para a mística cristã. A mística cristã é sempre necessariamente trinitária, embora o papel da Trindade apareça em uma grande variedade de formas e com diferentes ênfases entre os místicos.

IHU On-Line - Em termos gerais, quais seriam suas origens e surgimento? O que pode ser caracterizado como o crescimento e o florescimento do misticismo?

Bernard McGinn – Eu concebo a mística cristã como um processo em que três ou quatro grandes etapas gradualmente construíram uma tradição complexa que consiste em muitos elementos. Essas etapas ou camadas são sucessivas, mas também inter-relacionadas, no sentido de que estágios iniciais continuam vivendo e interagindo com os desenvolvimentos subsequentes. A primeira grande etapa de explícita mística cristã pode ser chamada de *Mística Monástica*, porque, a partir do século III até o século XII d.C., a mística foi principalmente realizada entre homens e mulheres monásticos. Por volta de 1200 d.C., vemos a emergência de um novo estágio de mística (eu a chamo de *Nova Mística*), em que novas formas de vida religiosa (por exemplo, mendicantes e beguinhas), assim como laical, criaram novas formas de mística, geralmente na língua vernácula. A Nova Mística se voltou para um público amplo e foi um fenômeno diverso, que envolveu tanto o período final da Idade Média (1200-1500) e o início da modernidade (1500-1650). Ela encontrou ex-

pressão não só entre os católicos, mas também entre alguns protestantes. No fim do século XVII, começou uma terceira etapa, que eu chamo de *Crise da Mística*. Nesse momento e até o fim do século XIX, a mística foi atacada e criticada tanto dentro da Igreja (por exemplo, a Controvérsia Quietista¹), quanto fora dela (por exemplo, na cultura e no pensamento do Iluminismo). A questão que permanece é se durante o século passado vimos o nascimento de uma quarta etapa, a do *Renascimento da Mística*.

IHU On-Line - Nesse sentido, como podemos compreender o misticismo na Alemanha Medieval e quais são suas ramificações para o misticismo que se seguiu a esse período?

Bernard McGinn – Apesar do significativo papel da mística na Itália, na Inglaterra e, em menor medida, na França, as terras de língua alemã (incluindo os reinos de língua holandesa) foram as áreas mais produtivas para a mística nos primeiros séculos da época da Nova Mística (meados do século XIII e meados do século XV). As razões não são exatamente claras, mas o transbordamento da literatura mística na Alemanha e a subsequente influência desses escritores, principalmente vernáculos, foram imensos (por exemplo, Eckhart, Tauler², Suso³, Ruusbroec⁴). Os estudos modernos também revelaram importantes místicas femininas (por exemplo, Mechthild⁵, Gertrude⁶, etc.).

¹ **Quietismo:** movimento espiritual de tendência mística, derivado da *quietude* - forma de oração contemplativa e, ao mesmo tempo, meta de vida espiritual. (Nota da IHU On-Line)

² **Johann Tauler** (1300-1361): frade dominicano alemão e um dos grandes místicos do cristianismo. (Nota da IHU On-Line).

³ **Henrique Suso, Heinrich Seuse ou Amandus:** místico e teólogo germânico, declarado beato em 1831 pelo Papa Gregório XVI. Ele e Tauler foram discípulos de Mestre Eckhart. (Nota da IHU On-Line).

⁴ **John of Ruysbroeck ou Jan van Ruusbroec** (1293-1381): místico flamengo beatificado em 1903 pelo Papa Pio X. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **Mechthild de magdeburgo** (1207-1294): mística medieval conhecida por sua mística do afeto. (Nota da IHU On-Line)

⁶ **Santa Gertrudes de Helfta ou Santa Gertrudes, a Grande** (1256-1302): beneditina, mística e teóloga alemã. Foi beatificada em 1677 pelo Papa Clemente XII.

A mística germânica não é fácil de caracterizar, mas pode-se dizer que Eckhart e Ruusbroec foram as mentes mais originais e influentes. A insistência de Eckhart no desapego e na aniquilação, a fim de atingir o campo da união em que Deus e a alma são um só, foi poderosa durante séculos. Isso também foi verdade para a mística da “vida comum” de Ruusbroec, na qual o fiel é convidado a compartilhar o dinamismo da atividade e do gozo interior da vida da Trindade.

IHU On-Line - Quais são as possíveis aproximações entre a mística de Marguerite Porete e do Mestre Eckhart?

Bernard McGinn – Marguerite Porete foi uma beguina francesa executada como herege em Paris, em 1310, por continuar disseminando o seu livro, *O espelho das almas simples e aniquiladas*. Esse livro é uma das obras-primas da Nova Mística, apresentando uma profunda teologia negativa e uma ousada doutrina

(Nota da IHU On-Line)

“A mística germânica não é fácil de caracterizar, mas pode-se dizer que Eckhart e Ruusbroec foram as mentes mais originais e influentes”

de como a alma pode se tornar totalmente una com Deus através da aniquilação do eu e, especialmente, da vontade. Eckhart entrou em contato com Marguerite Porete e o seu ensinamento (ele voltou a Paris pouco depois da sua morte). Surpreendentemente, Eckhart não parece ter ficado

excessivamente perturbado com o ensinamento dela e até usou algumas de suas expressões sobre aniquilação mística em seus sermões, especialmente no Sermão 52.

IHU On-Line - A partir da mística de Porete, qual é a importância da compreensão da aniquilação da vontade de alma, que a leva de volta a um estado preestabelecido de união com Deus?

Bernard McGinn – Marguerite Porete, assim como Eckhart, ensinava que a alma mantém a sua união original, ou preexistente, com Deus, mesmo que ela também tenha uma existência individual, ou real, no mundo criado. A realização dessa “união virtual” preexistente em Deus era importante para ambos os pensadores, assim como para outros místicos medievais. Assim, os seres humanos possuem a capacidade de se tornarem unidos a Deus, porque eles já são – e desde toda a eternidade – um com o Deus, em cuja intenção criadora eles encontram a sua verdadeira realidade.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

A mística “sopra onde quer”

Carlos Roberto Drawin analisa nossa relação com a experiência mística, a banalização do uso do termo e o desapego da mesma a modelos paradigmáticos específicos de crença e prática religiosa

POR MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS

“Nossa época – que alguns denominam como “hipermoderna” e que tem sido filosoficamente caracterizada como “pós-metafísica” – seria especialmente propiciadora da experiência mística? Ou ocorreria justamente o contrário, na medida em que o enfraquecimento dos sistemas de crença e da estabilidade institucional produziria não a destituição subjetiva, mas antes o recrudescimento do *ensimesmamento* e do fechamento narcísico no eu. A metafísica não traria no seu prefixo (meta) o signo da transcendência que acabou sendo esquecido por uma sociedade cada vez mais crispada num presente sem passado e sem futuro? Nossa época tida por pós-metafísica não seria aquela da banalização e da degradação da mística como uma experiência puramente emocional e aprisionada nas fantasias e ilusões do *homo psychologicus*?”, questiona Carlos Roberto Drawin.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o psicólogo e filósofo lembra que há certa degradação no uso da palavra “mística” nos dias atuais, tendo em vista que ela “passa a ser aplicada a qualquer tipo de intensa vivência emocional ou adesão cega, a qualquer tipo de situação ou atividade”. “Não

há um tipo paradigmático de místico como se pudéssemos estabelecer uma espécie de controle pedagógico da experiência, pois esta consiste justamente na inconsistência daquilo que sobrevém e escapa ao nosso planejamento disciplinar e pragmático. Mas esse ‘soprar onde quer’ da experiência implica em total arbítrio psicológico. Por quê? Porque a sua irrupção não pode ser previamente determinada, mas uma vez ocorrida pressupõe abertura, aceitação e acolhimento de quem a padece. Talvez se possa falar de um padecimento com consentimento e este pressupõe certo descentramento, certa disponibilidade para a destituição subjetiva. Nesse sentido, a experiência em si mesma não pode ser controlada, não resulta de um trabalho consciente e disciplinado, e pode ocorrer onde não se espera e faltar onde se a deseja e prevê”, complementa.

Carlos Roberto Drawin é psicólogo e filósofo, possui mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e é atualmente professor do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que consiste uma experiência mística?

Carlos Roberto Drawin - Essa é uma pergunta que não posso responder por três razões bem simples. A primeira deriva da própria pergunta ao indicar que aquilo que chamamos “mística” não é um objeto de estudo, do qual se pode aproximar com procedimentos metodológicos adequados, mas uma experiência simultaneamente radical e singular. Por isso, o discurso acerca da experiência mística deve ser feito, antes de tudo,

por aquele que vive a experiência. Esse caráter singular, que diz respeito a uma trajetória única e que não pode ser facilmente generalizada a outras experiências semelhantes, e radical, que atinge a raiz mesma do ser, do sujeito que faz a experiência, suscita grande mal-estar em todas as pessoas que se apegam à necessidade do controle racional e objetivo dos discursos. Poderíamos dizer que esse mal-estar dos intelectuais em relação à mística acaba por levar a certa degradação no uso da palavra, que passa a ser aplica-

da a qualquer tipo de intensa vivência emocional ou adesão cega, a qualquer tipo de situação ou atividade. Assim, alguém que se entrega com paixão a um esporte ou a uma arte pode ser designado como alguém entregue à “mística do futebol” ou da “música”.

Esse uso banal e degradado da suposta “experiência mística” parece complementar a reticência com que ela é recebida no domínio do pensamento crítico. Essa é a segunda razão que torna difícil responder à questão. De um lado, eu nunca vivi algo que

pudesse ser considerado, com alguma pertinência, uma “experiência mística” e, portanto, falta-me o requisito essencial para falar sobre ela; por outro lado, respeito profundamente os testemunhos dos que a viveram e os considero como expressões muitíssimo elevadas da vida e da cultura humanas; por isso, repudio a degradação tanto da palavra quanto da experiência a que se refere. Por outro lado, essas considerações implicariam em relegar a experiência ao silêncio? Ora, se a experiência mística se encontra nas mais diversas tradições religiosas e espirituais, então ela tem um verdadeiro alcance universal e deve-se admitir, por conseguinte, o seu profundo enraizamento antropológico. Assim, sendo o homem eminentemente um ser de linguagem, nenhuma de suas experiências fundamentais poderia ficar simplesmente relegada ao silêncio.

Os reiterados testemunhos dos místicos, ao insistirem em expressar a sua experiência, atestam esse paradoxo. Por que paradoxo? Porque se trata de uma experiência que, por seu caráter singular e radical, se choca com os limites da linguagem em sua função primordialmente comunicacional, como se se tratasse de uma experiência que não coubesse nos parâmetros de nossa fala comum, de nossa *dóxa*, e nela ecoasse como um grito de rebelia no âmago de nossa finitude. Essa é uma terceira razão que torna difícil, senão impossível, responder em que “consiste” a experiência mística, uma vez que, ao remeter à “consistência”, pretendemos falar de “algo” que pode ser determinado, definido, bem circunscrito e que possa ser apreendido como uma essência, como o núcleo ontológico de uma diversidade de fenômenos que a filosofia grega denominava como *eidōs*. Não obstante, a grande dispersão semântica dos discursos acerca da experiência mística, que estão sempre intimamente enredados em diferentes tradições religiosas e culturais, parece desafiar todas as tentativas de submetê-la a uma redução eidética. Novamente o mesmo paradoxo se impõe: estaríamos, no que se refere à mística enquanto experiência antropológica fundamen-

tal, destinados à incomensurabilidade das linguagens e dos referenciais simbólicos?

Não tenho a menor pretensão de responder a essas difíceis interrogações, porém não vou me furtar de emitir a minha própria opinião de *outsider*: se parece impossível apreender objetivamente a experiência mística e isso decorre justamente de seu caráter irredutivamente experiencial como algo que “precede” a elaboração discursiva, por outro lado esse mesmo caráter de experiência remete àquilo que é dado originariamente a um sujeito. Ou, falando fenomenologicamente, não se pode negar a mística como um dado pré-predicativo irredutível que se apresenta como uma “*intuição doadora originária*”, e enquanto tal, retomando as palavras de Husserl¹, dever ser aceita como um conhecimento legítimo, pois “tudo que nos é oferecido originariamente na ‘intuição’ (por assim dizer, em sua efetividade de carne e osso) deve ser simplesmente tomado tal como se dá, mas também apenas nos limites dentro dos quais ele se dá”². Nesse sentido, podemos e devemos falar acerca da experiência mística ao invés de *mistificá-la* e, portanto, podemos e devemos perguntar por suas condições de possibilidade.

IHU On-Line - Normalmente, quem vivencia uma experiência como esta?

Carlos Roberto Drawin - Como a experiência mística se dispersa na diversidade das tradições culturais e das vidas pessoais, pode-se dizer que, em princípio, não há um tipo de crença ou prática religiosa ou de personalidade

que possa ser considerado como sua autêntica expressão. Não há um tipo paradigmático de místico como se pudessemos estabelecer uma espécie de controle pedagógico da experiência, pois esta consiste justamente na inconsistência daquilo que sobrevém e escapa ao nosso planejamento disciplinar e pragmático. Mas esse “soprar onde quer” da experiência implica em total arbítrio psicológico. Por quê? Porque a sua irrupção não pode ser previamente determinada, mas uma vez ocorrida pressupõe abertura, aceitação e acolhimento de quem a padece. Talvez se possa falar de um padecimento com consentimento e este pressupõe certo descentramento, certa disponibilidade para a destituição subjetiva. Nesse sentido, a experiência em si mesma não pode ser controlada, não resulta de um trabalho consciente e disciplinado, e pode ocorrer onde não se espera e faltar onde se a deseja e prevê. Nada sabemos, no entanto, de sua ocorrência sem o consentimento que dela dá testemunho e a torna conhecida, e, para isso, o trabalho é árduo, pois nada parece ser mais difícil para todos nós do que a destituição subjetiva, ou seja, alcançar o desapego da própria imagem e fazer a travessia da estrutura imaginária de nossa vida.

IHU On-Line - Em que medida imanência e transcendência se entrelaçam no paradoxo da razão metafísica?

Carlos Roberto Drawin - Quando na resposta anterior falei em estrutura imaginária da vida, quis com isso dizer que só podemos construir a nossa identidade através de imagens, ou seja, através daquilo que projetamos socialmente como sendo o nosso “eu”: as escolhas, crenças, as relações, as posses e tudo aquilo que nos permite nos definir para os outros e nos certificar de nós mesmos. Aqui, no contexto dessas considerações, podemos chamar de imanência justamente esse estar “colado” na própria imagem na intenção ou na busca de uma quase coincidência consigo mesmo. Essa colagem imaginária é uma condição estrutural de nossa subjetividade e nos assegura a nossa nor-

¹ Edmund Husserl (Edmund Gustav Albrecht Husserl, 1859-1938): matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nascido em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da IHU On-Line)

² Conforme *Ideias*, Volume I, §24 (Nota do entrevistado).

malidade social. Dela faz parte não apenas os nossos sentimentos, mas também as nossas crenças mais arraigadas. Ora, se a experiência mística é o que sobrevém apesar de nós mesmos, então consenti-la implica no distanciamento de si e no por em questão a imanência de nossa vida e de nossas certezas. Podemos chamar de transcendência esse movimento de ruptura interna da imanência e, como se trata de um movimento, de um distanciamento, de uma dinâmica de perda, não é difícil perceber o quanto a disponibilidade para a transcendência é desestabilizadora não apenas do nosso “eu”, mas também de nossos vínculos sociais. Daí a desconfiança que a experiência mística suscita nos grandes sistemas de crença e nos estáveis arranjos institucionais. Uma desconfiança compreensível, pois se trata de uma ameaça a nossos penosos esforços de normalização.

Desse modo, se considerarmos a metafísica como um sistema de crenças autossuficiente, dotado de estrita logicidade, referido a um fundamento último inquestionável e abrangendo a totalidade do real, então existiria uma profunda incompatibilidade entre a metafísica e a experiência mística. Não obstante, essa concepção estereotipada da metafísica faz jus à longa e extremamente complexa tradição da metafísica ocidental? Uma tal concepção não seria também incompatível com o impulso que sustenta o filosofar como reconhecimento da não posseção do saber e perquirição do que está sempre além da clausura de nossas certezas? Não é essa a figura do filosofar que foi metaforizada no eros platônico³? A célebre caracteriza-

3 **Platônico**: referente a Platão, filósofo ateniense que viveu entre 427 e 347 a.C. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a teoria das ideias e a dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da *IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em . (Nota da *IHU On-Line*)

“Se a experiência mística se encontra nas mais diversas tradições religiosas e espirituais, então ela tem um verdadeiro alcance universal”

ção heideggeriana da metafísica como ontoteologia não precisaria ser matizada, mas até mesmo questionada em sua aplicação ao conjunto da tradição ocidental? São perguntas muito difíceis e que eu não tenho nenhuma condição de oferecer uma resposta, mas que aqui são formuladas apenas para indicar um problema ou lançar uma suspeita. Nossa época – que alguns denominam como “hípermoderna” e que tem sido filosoficamente caracterizada como “pós-metafísica” – seria especialmente propiciadora da experiência mística? Ou ocorreria justamente o contrário, na medida em que o enfraquecimento dos sistemas de crença e da estabilidade institucional produziria não a destituição subjetiva, mas antes o recrudescimento do *ensimesmamento* e do fechamento narcísico no eu. A metafísica não traria no seu prefixo (meta) o signo da transcendência que acabou sendo esquecido por uma sociedade cada vez mais crispada num presente sem passado e sem futuro? Nossa época tida por pós-metafísica não seria aquela da banalização e da degradação da mística como uma experiência puramente emocional e aprisionada nas fantasias e ilusões do *homo psychologicus*?

IHU On-Line - A partir desse paradoxo, como podemos compreender a razão enquanto incapaz de “falar sobre Deus”?

Carlos Roberto Drawin - Certamente “Deus”, em sua absoluta transitividade como “puro existir” (ipsum

esse), não pode ser fixado, objetivado e apreendido na trama conceitual produzida pela razão. Não podemos, todavia, deixar de insistir no discurso sobre Deus ou no discurso de Deus no qual, de acordo com a sabedoria ínsita da própria ideia de “Revelação”, os genitivos subjetivo e objetivo se entrelaçam: falamos Dele, porque Ele nos fala. Nesse caso, não podemos deixar de recordar a clássica distinção entre “razão/entendimento” (ratio) e “inteligência” (intellectus), pois, enquanto a razão identificada pelo entendimento analisa, fixa e define, a razão desdobrada na “inteligência espiritual” dialetiza e transcende. Por isso mesmo, como mostrou o Pe. Henrique Vaz em seu magistral ensaio intitulado *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, uma das vertentes perenes dessa tradição é justamente a da “mística especulativa”, enquanto “prolongamento da experiência metafísica em termos de intensidade experiencial [...] como a face do pensamento filosófico voltada para o mistério do Ser”⁴.

IHU On-Line - A partir de sua pesquisa sobre o paradoxo da finitude e da psicanálise freudiana, que nexos podem ser estabelecidos com a mística?

Carlos Roberto Drawin - O tema é difícil de ser abordado de modo sucinto. Dessa forma, me restrinjo a quatro observações sumárias. A primeira delas consiste em distinguir as crenças de Freud⁵, formadas no con-

4 VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Experiência Mística e Filosofia na Tradição Ocidental*. São Paulo: Edições Loyola, 2000. p. 30. (Nota do entrevistado)

5 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da *IHU On-Line*, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa

texto filosófico do cientificismo austro-alemão, o que eu chamo de “dóxa freudiana” e a sua criação conceitual sedimentada na teoria psicanalítica, o que eu chamo de “episteme psicanalítica”. Freud era ateu, sem dúvida, mas a teoria psicanalítica não o é necessariamente. A segunda observação distingue a teoria e a prática, pois cada análise é única e não uma reprodução daquilo que está previsto na teoria. Pode-se mesmo dizer que cada análise em sua singularidade acaba por questionar, de alguma forma, as convicções do analista, e abala as proposições teóricas que foram tomadas como seu ponto de partida. A terceira observação, a meu ver muito importante, diz respeito à separação entre a direção do processo analítico e a adesão a qualquer tipo de crença ou de experiência religiosa. A análise acolhe as crenças e experiências, mas não as dirige para um objetivo predefinido. No final do processo, um crente pode se descobrir ateu e um ateu pode se converter em crente. A quarta observação está vinculada ao que foi colocado na terceira pergunta: a análise contribui decisivamente para o que foi designado como “destituição subjetiva”, pois a ética que a conduz – que não se identifica com a crença pessoal do analista – leva o sujeito a se confrontar com a falta que o habita. Nesse sentido, a psicanálise nos religa à nossa incontornável finitude e se posiciona criticamente em relação às *mistificações* provenientes da arrogância antropocêntrica.

IHU On-Line - Há em Schopenhauer⁶ um enlace entre pessimismo, sabedoria e mística?

sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

6 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na meta-

“Se a experiência mística é o que sobrevém apesar de nós mesmos, então consentir-lá implica no distanciamento de si e no por em questão a imanência de nossa vida e de nossas certezas”

Quais são seus traços fundamentais?

Carlos Roberto Drawin - Apesar da grande ambivalência da relação de Freud com a filosofia, creio que Schopenhauer tenha sido o filósofo que mais contribuiu para o nascimento da psicanálise. A sua influência estava presente, mesmo sem a leitura direta de seus textos, tanto na atmosfera intelectual vienense, quanto no ambiente científico da medicina alemã. O clima pessimista do pensamento de Schopenhauer, convergente com o pensamento psicanalítico, se contrapõe ao otimismo iluminista e recusa o racionalismo – no sentido em que, na resposta à quarta questão, foi caracterizado o entendimento moderno – como solução ética para os problemas da humanidade. A solução para o sofrimento humano se encontraria, por um lado, não na ética racional do dever, como em Kant⁷, mas na ética

física alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

7 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no roman-

da compaixão, do reconhecimento de que a separação entre os indivíduos e seus interesses é mera ilusão; por outro lado, o seu enfrentamento só é possível através da ascese, da negação da vontade de viver. Neste último sentido, pode-se falar de certa aproximação de Schopenhauer em relação a doutrinas que de alguma forma expressam a experiência mística, tanto da doutrina neoplatônica do “além do ente” (epékheina) quanto da fórmula védica da negação do princípio de individuação (“Isso és tu!”). Segundo o filósofo alemão: “quem consegue enunciar tal fórmula para si mesmo com claro conhecimento e firme convicção íntima, referindo-se a cada ser com o qual entra em contato, decerto assegura-se de toda virtude e bem-aventurança e se encontra no caminho reto da redenção”⁸.

Leia mais...

- *Um mestre*. Entrevista com Carlos Roberto Drawin sobre a vida e a obra do Pe. Libânio, publicada na edição 394 da IHU On-Line, de 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/1dGAgxM>

tismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em Formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

8 SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005. p. 476. (Nota da IHU On-Line)

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda assuntos relacionados ao pensamento místico



- *Delicadezas do Mistério. A mística hoje.* IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon133>;
- *Teilhard de Chardin - Cientista e místico.* IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>;
- *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.* IHU On-Line nº 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon222>;
- *Francisco. O santo.* IHU On-Line nº 238, de 01-10-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon238>;
- *Jesus e o abraço universal.* IHU On-Line nº 248, de 17-12-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon248>;
- *Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico.* IHU On-Line nº 282, de 17-11-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon282>;
- *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas.* IHU On-Line nº 309, de 28-09-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon309>;
- *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos.* IHU On-Line nº 313, de 03-11-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon313>;
- *O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística.* IHU On-Line nº 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon385>;
- *Mística. Força motora para a gratuidade, compaixão, cortesia e hospitalidade. Cadernos IHU em Formação nº 31,* disponível em <http://bit.ly/ihuem31>.

Confira outras edições da **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda assuntos relacionados à religião:

- *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência.* IHU On-Line nº 224, de 20-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon224>;
- *Projeto de Ética Mundial. Um debate.* IHU On-Line nº 240, de 22-10-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon240>;
- *O novo ateísmo em discussão.* IHU On-Line nº 245, de 26-11-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon245>;
- *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã.* IHU On-Line nº 280, de 03-11-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon280>;
- *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II.* IHU On-Line nº 297, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon297>;
- *As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.* IHU On-Line nº 302, de 03-08-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon302>;
- *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin.* IHU On-Line nº 304, de 17-08-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon304>;
- *Novas comunidades católicas: a busca de espaço.* IHU On-Line nº 307, de 08-06-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon307>;
- *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades.* IHU On-Line nº 308, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>;
- *Para onde vai a Igreja, hoje?* IHU On-Line nº 320, de 21-11-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon320>;
- *Pentecostalismo no Brasil. Cem anos.* IHU On-Line nº 329, de 17-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon329>;

- *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade.* IHU On-Line nº 347, de 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon347>;
- *Espiritismo: um fenômeno social e religioso.* IHU On-Line nº 349, de 01-11-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon349>;
- *Mater et Magistra, 50 anos: Os desafios do Ensino Social da Igreja hoje.* IHU On-Line nº 360, de 09-05-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon360>;
- *O ecumenismo hoje. Uma reflexão teoecológica.* IHU On-Line nº 370, de 22-08-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon370>;
- *J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos.* IHU On-Line nº 394, de 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon394>;
- *A grande transformação do campo religioso brasileiro.* IHU On-Line nº 400, de 27-08-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon400>;
- *Concílio Vaticano II. 50 anos depois.* IHU On-Line nº 401, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon401>;
- *Igreja, Cultura e Sociedade.* IHU On-Line nº 403, de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon403>;
- *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate.* IHU On-Line nº 404, de 05-10-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon404>;
- *Religiões e religiosidades, hoje. Significados e especificidades.* IHU On-Line nº 407, de 05-11-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon407>;
- *Sementes ao vento: a diáspora das religiões brasileiras no mundo.* IHU On-Line nº 424, de 24-09-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon424>;
- *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo.* IHU On-Line nº 425, de 01-07-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon425>;
- *Laicidade e secularização. A fratura entre os reinos de Deus e de César.* IHU On-Line nº 426, de 02-09-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon426>

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

Tweets

- Seguindo
- Seguidores
- Favoritos
- Listas

Siga IHU

Nome completo

E-mail

Senha

Inscriva-se

Tweets

IHU @_ihu 29 m
Beneficiários do Bolsa Família no Vale do Sinos permanecem na linha da pobreza extrema bit.ly/ZuJuo3
Expandir

IHU @_ihu 59 m
O mundo financeiro, altamente instável e fascinante bit.ly/Zs3lJu
#blogihu
Expandir

IHU @_ihu 1 h
Tráfico de pessoas. A forma contemporânea de escravidão humana bit.ly/117SEJP

Ver todas as fotos e vídeos

**Tema
de
Capa**

**Destaques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Perfil

Roberto Romano, uma vida atravessada pela história

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Roberto Romano nasceu na pequena cidade de Jaguapitã, no Norte do Paraná, próximo à divisa com São Paulo. Filho da comunhão de uma família paulista que ia em direção ao Sul e de uma família gaúcha que seguia em direção ao Norte, cresceu em uma região predominantemente rural. A aura de tranquilidade que cerca a vida no campo não se traduzia em realidade na pequena cidade na qual Romano nasceu e cresceu, onde desde a infância aprendeu a conviver com a violência. “A região onde vivia quando pequeno era muito violenta, com grilagem, bandagem, etc., o que levou meus familiares a retornarem a São Paulo. Havia também muitas doenças, a principal delas chamada Moisés Lupion¹, que era governador do Paraná na

época e que tratava muito mal os professores e muito bem as empreiteiras, como é o caso até hoje”, conta Romano, cuja mãe era professora.

De volta a São Paulo, Roberto Romano, juntamente com sua família, foi morar na cidade de Marília, no sudoeste do Estado, onde fez o ginásio, equivalente ao ensino médio, e entrou em contato com o professor e filósofo católico Ubaldo Pupi², que liderava as pessoas católicas de esquerda da região. “Entrei para a Juventude Estudantil Católica – JEC com 16 ou 17 anos, quando ocorreu a tragédia do Golpe Militar de 1964. Houve muita perseguição política na cidade, e o professor Ubaldo foi preso e perdeu o emprego na faculdade”, explica.

Regime Militar

O militarismo no Brasil começava a espalhar sua forma de governo sobre o país, e os efeitos de um dos períodos mais sombrios de nossa história começavam a emergir. Em Marília, o Bispo Dom Bressane de Araújo³,

apesar de conservador, nas palavras de Roberto Romano, era muito culto e não aceitava a campanha de perseguição contra os religiosos católicos de sua diocese. “Sempre que alguém ia delatar outrem na Igreja, o bispo dizia: Meu filho, faça uma declaração no cartório e depois me devolva”, relata Romano, e diz que depois de um tempo ninguém mais apareceu para fazer denúncias.

Dominicanos

Quando Romano estava às vésperas de completar 20 anos, muito identificado com a realidade dos dominicanos, considerou que tinha vocação religiosa e foi para Juiz de Fora, em Minas Gerais, no Convento dos Dominicanos, onde permaneceu até 1967. Depois disso retornou a São Paulo, para se preparar ao noviciado, quando fez vestibular para o Instituto de Filosofia e Teologia de São Paulo, iniciativa que tentou reunir as ordens em um curso de Teologia e Filosofia. “Não fiquei muito satisfeito com o curso de Filosofia. Havia dominicanos que faziam Filosofia na Universidade de São Paulo – USP. Aí pedi autorização para fazer vestibular lá”, esclarece.

¹ Moisés Wille Lupion de Troia (1908-1991): foi um empresário e político brasileiro que governou o Paraná por duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

² Ubaldo Pupi: professor de filosofia, teve formação católica desde o ensino de base, dedicando-se aos estudos de Santo Tomás de Aquino, linha que adotou ao ingressar no Instituto Católico da Universidade de Paris e à qual se manteve fiel durante toda a sua trajetória. (Nota da IHU On-Line)

³ Dom Hugo Bressane de Araújo (1898-1988): nasceu na cidade de Machado, Minas Gerais, e foi ordenado presbítero

em 1923, em Campanha, Minas Gerais. Foi eleito bispo de Bonfim, Bahia, em 1935, com apenas 37 anos; recebeu a ordenação episcopal em 16 de fevereiro do ano seguinte. Foi o primeiro Bispo da diocese de Marília, em 1954, onde permaneceu até o ano de sua morte, em 1988, já como Bispo emérito. (Nota da IHU On-Line)

Prisão e morte

O ano em que Romano fez vestibular para Filosofia na USP coincidiu com o assassinato de Carlos Marighella⁴, em 1969. Na época os dominicanos eram muito próximos ao movimento Ação Popular⁵, criado por Betinho⁶, que se pretendia socialista. No entanto, após uma série de debates internos, parte do grupo decidiu-se por um tipo de postura marxista, o que levou os dominicanos a se aproximarem da Ação Libertadora Nacional - ALN⁷,

4 Carlos Marighella (1911-1969): político e guerrilheiro brasileiro, um dos principais organizadores da luta armada para a implantação do Comunismo no Brasil e contra o regime militar a partir de 1964. Preso no Presídio Especial de São Paulo, Marighella foi torturado pela polícia de Filinto Müller. Na noite de 04-11-1969, Marighella foi surpreendido por uma emboscada na alameda Casa Branca, na capital paulista. Foi morto a tiros por agentes do DOPS, em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury. (Nota da IHU On-Line)

5 Ação Popular (AP): movimento político, criado antes de 1964, cujo inspirador foi o P. Lima Vaz. A AP foi extinta pela ditadura militar e se transformou, na clandestinidade, em Ação Popular Marxista-Leninista. Para entender melhor a AP, depois APML, vale a pena ler o longo depoimento de Herbert de Souza, o Betinho, publicado na sua volta do exílio, em 1979. (Nota da IHU On-Line)

6 Herbert de Souza (1935-1997): sociólogo responsável por uma das maiores campanhas contra a fome que o Brasil já teve. Acreditava que só a participação cidadã seria capaz de mudar o país. Na década de 1960, atuou como liderança nacional dos grupos de juventude católica que representavam as aspirações de transformação social, depois reforçadas com o Concílio Vaticano II. Exerceu funções de coordenação e assessoria no Ministério da Educação e Cultura e na Superintendência de Reforma Agrária, além de elaborar estudos sobre a estrutura social brasileira para a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), da ONU. Com o Golpe de 1964, passou a atuar na resistência contra a Ditadura Militar, dirigindo organizações de cunho democrático de combate ao regime. Foi exilado político de 1970 a 1979, ano em que retornou ao país. Envolveu-se inteiramente nas lutas sociais e políticas, sempre se propondo a ampliar a democracia e a justiça social. Seu nome foi um dos símbolos da campanha pela anistia. (Nota da IHU On-Line)

7 Ação Libertadora Nacional (ALN): foi uma organização política de ideologia socialista que participou da luta armada contra a ditadura militar no Brasil. O grupo surgiu no fim de 1966, com a saída de Carlos Marighella do Partido Comunista Brasileiro, após sua participação na conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade - Olas, em Havana, Cuba. Em seu programa de ação

criada, justamente, por Marighella e que aceitava os religiosos.

“O Ivo Lesbaupin⁸ foi preso. Quando ele disse que ia para o Rio de Janeiro, o clima já estava pesado, pedi-me que caso ele não aparecesse em tantos dias era para ligar para seus pais”, conta. “Passaram os dias e ele não apareceu. Eu pedi ao superior do convento para ir até o Rio de Janeiro para saber notícias dele. O telefone do convento estava grampeado. Quando eu cheguei no Convento do Leme, chamei um colega para irmos até a casa do pai do Ivo, e na porta mesmo fomos presos pelo Centro de Informações da Marinha – Cenimar”, complementa.

Dias de escuridão

A relação de Romano com a ALN era muito tênue, como ele mesmo conta, resumia-se a ajudar as pessoas a fugirem, mas não tinha nenhum vínculo formal com o movimento. “Fui levado e interrogado, mas não tinha

a Ação Libertadora Nacional se definia da seguinte forma: “*Todos nós somos guerrilheiros e não homens que dependem de votos de outros revolucionários ou de quem quer que seja para se desempenharem do dever de fazer a revolução. O centralismo democrático não se aplica a Organizações revolucionárias como a nossa.*” (Nota da IHU On-Line)

8 Ivo Lesbaupin: professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Graduado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, é mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ e doutor em Sociologia pela Université de Toulouse-Le-Mirail, da França. É autor e organizador de diversos livros, entre os quais *Igreja: comunidade e massa* (São Paulo: Paulinas, 1996); e *O desmonte da nação: balanço do governo FHC* (Petrópolis: Vozes, 1999). Concedeu as entrevistas “*Não há mudanças nas estruturas geradoras da desigualdade*”, disponível em <http://bit.ly/1jNgB42>; *A Vale do Rio Doce e o neoliberalismo no Brasil*, publicada no sítio do IHU em 13-08-2007, disponível em <http://bit.ly/1J5Fo58>; e “*Derrotar o Serra nas urnas e depois a Dilma nas ruas*”, disponível em <http://bit.ly/1bDoYLZ>. A solução é a “*economia verde*”, artigo de Ivo Lesbaupin publicado nas Notícias do Dia, de 04-03-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/19N8NI5>; “*Não há mudanças nas estruturas geradoras da desigualdade*”, entrevista com Ivo Lesbaupin publicada na edição 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/19sKVwZ>; *Risco de volta da direita?*, artigo de Ivo Lesbaupin publicado nas Notícias do Dia, de 03-11-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/18uOPXx>; (Nota da IHU On-Line)

muito que dizer, pois não tinha trato com a ALN. Fui transferido do Rio de Janeiro para São Paulo, onde encontrei o Ivo na cela do Departamento de Ordem Política e Social - DOPS⁹ com o rosto totalmente esfacelado. Só o reconheci porque ele usava a mesma camisa xadrez canadense de quando saiu do convento. Quando o vi, pensei – Eu conheço essa camisa”, recorda Romano.

Repressão

Quando estava em São Paulo, Romano encontrou Frei Betto¹⁰, que havia sido preso no Rio Grande do Sul e foi encaminhado ao Dops paulista. “Fiquei mais ou menos dois meses no Dops, depois fomos para o presídio Tiradentes¹¹. Meses depois, Frei Tito¹²,

9 Departamento de Ordem Política e Social - Dops: criado em 1924, foi o órgão do governo brasileiro utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na ditadura de 64, cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder. (Nota da IHU On-Line)

10 Carlos Alberto Libânio Christo ou Frei Betto (1944): é um escritor e religioso dominicano brasileiro, filho do jornalista Antônio Carlos Vieira Christo e da escritora e culinária Maria Stella Libânio Christo. Adepto da Teologia da Libertação, é militante de movimentos pastorais e sociais, tendo ocupado a função de assessor especial do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva entre 2003 e 2004. Foi coordenador de Mobilização Social do programa Fome Zero. (Nota da IHU On-Line)

11 Presídio Tiradentes: foi um presídio na cidade de São Paulo que abrigou presos políticos na Era Vargas e no Regime Militar. Foi inaugurado em 1852 e desativado em 1972, pouco antes que as obras do metrô abalassem sua estrutura e fosse demolido. (Nota da IHU On-Line)

12 Frei Tito de Alencar Lima (1945-1974): religioso dominicano nascido em Fortaleza. Envolvido no compromisso político, assumiu a direção da Juventude Estudantil Católica em 1963 e foi morar em Recife. Em outubro de 1968, foi preso por estar participando de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna. Foi fichado pela polícia e tornou-se alvo de perseguição da repressão militar. No início de 1970, Frei Tito foi torturado nos porões da “Operação Bandeirantes”. Em 1971, foi deportado para o Chile e, sob a ameaça de novamente ser preso, fugiu para a Itália. De Roma foi para Paris, onde encontrou refúgio entre os dominicanos. Traumatizado pela tortura que sofreu, Frei Tito submeteu-se a um tratamento psiquiátrico. Seu estado era instável. No dia 10 de agosto de 1974, um morador dos arredores de Lyon encontrou o corpo de Frei Tito, suspenso por uma corda. Uma foto de Frei Tito de Alencar Lima é a última

que havia sido muito torturado, tentou suicídio. Até que houve uma greve de fome para diminuir o rigor da repressão”, recorda.

Desespero

A conjugação entre inexperiência, desespero e dor levou Roberto Romano a tentar suicídio. “A situação ficou de tal modo insuportável que eu, inexperiente e tolo, tentei suicídio. Fui socorrido por Dom Paulo Evaristo¹³, a quem devo a vida”, relata. “Depois disso fomos ouvidos pela segunda auditoria militar, e o Ivo, o Fernando¹⁴ e o Betto foram transferidos para o presídio de Presidente Venceslau. E eu fui liberto em um regime em que a pessoa é solta, mas tem que assinar um livro toda semana. Aí voltei para a universidade e continuei o curso de Filosofia, ainda como dominicano”, explica. Após o julgamento, Romano foi absolvido por absoluta falta de provas, sendo que recentemente recebeu um documento em que o Esta-

ma imagem do documentário *Ato de Fé*, que trata da relação dos frades dominicanos com a Aliança Libertadora Nacional (ALN). O filme foi exibido no dia 19 de maio de 2005, último dia do Simpósio Internacional *Terra Habitável: um desafio para a humanidade*, promovido pelo IHU. Com direção de Alexandre Rampazzo e produção de Tatiana Polastri, o filme já foi comentado nas páginas da *IHU On-Line*, por Amir Labaki na edição 113, de 30 de agosto de 2004, e por Jurandir Freire Costa, na 137ª edição, de 18 de abril de 2005. (Nota da *IHU On-Line*)

13 Dom Paulo Evaristo Arns (1921): é um frade franciscano, sacerdote católico brasileiro, quinto arcebispo de São Paulo, tendo sido o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Atualmente é arcebispo-emérito de São Paulo e protopresbítero do Colégio Cardinalício. Entre 1979 e 1985, coordenou com o Pastor Jaime Wright, de forma clandestina, o projeto *Brasil: Nunca Mais*. Este projeto tinha como objetivo evitar o possível desaparecimento de documentos durante o processo de redemocratização do país. O trabalho foi realizado em sigilo e o resultado foi a cópia de mais de um milhão de páginas de processos do Superior Tribunal Militar (STM). Contudo, este material foi microfilmado e remetido ao exterior diante do temor de uma apreensão do material. Em ato público realizado dia 14 de junho de 2011, foi anunciada a futura repatriação, digitalização e disponibilização deste acervo para todos os brasileiros. (Nota da *IHU On-Line*)

14 Frei Fernando de Brito: frei dominicano, nascido em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais. Hoje desenvolve seus trabalhos no litoral norte do estado da Bahia. Foi preso e torturado durante o regime militar. (Nota da *IHU On-Line*)

“Além dos donos (dos jornais), há essas pessoas que decidem sem o menor critério e que os donos nem sabem o que está acontecendo”.

do brasileiro informa que lhe concedeu anistia e reconhece o regime de exceção praticado pelos governantes da época.

A Igreja e o Regime

Romano conta que ao final da ditadura militar passou-se a veicular que a Igreja como um todo resistiu e defendeu os direitos humanos. “Houve corajosíssimos cardeais, bispos, religiosos e leigos que agiram quase profeticamente em defesa dos direitos humanos e da fé cristã no sentido autêntico, Dom Paulo foi um deles, assim como Dom Tomás Balduino¹⁵”, pondera.

Um dos exemplos lamentados por Romano foi um episódio ocorrido no presídio de Tiradentes, em que Dom Vicente Scherer¹⁶ foi visitar os

15 Dom Tomás Balduino (1922): bispo e teólogo católico brasileiro, bispo-emérito de Goiás e assessor da Comissão Pastoral da Terra. Pertence à Ordem dominicana. Nascido em Goiás, estudou filosofia no seminário dos dominicanos em São Paulo. Ordenou-se presbítero em 1948. Seus estudos de Teologia foram efetuados em Saint Maximin, na França, onde concluiu o mestrado em 1950. Fez pós-graduação em Antropologia e Linguística pela Universidade de Brasília. Em 2006, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Católica de Goiás por sua luta pela cidadania e direitos humanos e, em 2008, recebeu o prêmio *Reflections of Hope*, da Oklahoma City National Memorial Foundation, como exemplo de esperança na solução das causas que levam à miséria de tantas pessoas em todo o mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

16 Dom Vicente Scherer (1903-1996): cardeal brasileiro. Foi ordenado padre em 1926, em Porto Alegre. Recebeu ordenação episcopal em fevereiro de 1947. Entre os anos de 1946 e 1981, foi arce-

dominicanos e junto com os religiosos havia um preso da ALN que tinha sido alvejado nas pernas por tiros de metralhadora. “Esse detento estava com a perna engessada e necrosando. Dom Scherer viu tudo. Quando ele foi embora, Frei Betto escreveu-lhe uma carta pedindo que intercedesse para que o preso fosse encaminhado ao hospital, e a resposta foi dramática: ‘não podemos fazer quase nada porque ele é terrorista, pegou em arma e tem que receber a punição necessária’. Esta é uma atitude que não é de um cristão, é uma atitude pesada”, considera.

Visitas

Segundo Romano, Dom Paulo nunca assumiu uma posição política, mas sempre esteve presente com os religiosos. Após a tentativa de suicídio, Dom Paulo visitava Roberto Romano com alguma frequência no presídio, até que um dia teve uma surpresa desagradável, quando outro monsenhor foi visitá-lo. “Eu estranhei quando Dom Paulo não veio, pois ele sempre vinha. Aí o monsenhor que veio me visitar disse: ‘nós decidimos que o Dom Paulo não pode vir’. Mas nós quem? Não tive resposta”, recorda.

Após o episódio de tentativa de suicídio, Romano foi internado no Hospital Militar. Dom Paulo o visitou várias vezes. “A ida de Dom Paulo ao hospital era muito significativa, pois era um claro recado de que ele sabia onde eu estava, com quem eu estava e como eu estava. Isso era um aviso direto para qualquer tentativa mais truculenta que existia na polícia naquela época.”

Insensibilidade eclesial

A instabilidade política e a falta de sensibilidade para entender a complexidade do momento histórico que o Brasil vivia levaram representantes da Igreja a posturas discutíveis. “Chegou a um ponto que Dom Agnelo¹⁷ estava de tal modo insensível ao que estava acontecendo que ele fazia

bispo de Porto Alegre. (Nota da *IHU On-Line*)

17 Dom Agnelo Rossi (1913-1995): foi um prelado católico brasileiro, décimo sexto bispo de São Paulo, sendo seu quarto arcebispo e segundo cardeal. (Nota da *IHU On-Line*)

campanha para desmentir a imagem do Brasil. Isso foi acentuando de tal modo que o Papa Paulo VI percebeu o erro e tomou uma posição; chamou o Cardeal para Roma e nomeou D. Paulo como arcebispo metropolitano de São Paulo”, conta Romano. “Se o Estado precisa da legitimidade para ser obedecido, a Igreja precisa muito mais para ser aceita, sobretudo aquilo que é fundamental à Igreja, que é servir às pessoas, o desejo de pacificar, consolar, proteger”, complementa.

Pena de morte

“Chamávamos o Frei Guilherme de Nery Pinto¹⁸ de ‘a revolução na cela’, porque ele estava a par de tudo o que acontecia na teoria e no mundo, sem mesmo sair do convento. Ficávamos horas conversando com ele e trocando ideias sobre tudo. Quando saiu o catecismo¹⁹ com João Paulo II²⁰ ele dava margem à admissão de pena de morte, embora não fosse exatamente como a imprensa publicou na época, mas mesmo assim era uma coisa muito complicada do ponto de vista doutrinário”, relata Romano.

Na ocasião Frei Guilherme ficou muito bravo com o fato, pois em sua avaliação a possibilidade de anuir à pena de morte era um retrocesso muito significativo. Romano, então, sugeriu que ele escrevesse um texto para publicar no jornal Folha de São Paulo. Durante cerca de cinco meses Frei Guilherme e Roberto Romano escreveram o texto, que passou por muita reflexão e edição até que chegasse na versão a ser publicada. Romano levou, pessoalmente, o artigo

ao editor do jornal, que preferiu não publicar. “O editor perguntou se o texto era importante e se Frei Guilherme era importante. Eu respondi que ele era um dos nomes mais importantes do Brasil, e mesmo assim ele não publicou. O que demonstra uma tolice jornalística”, descreve Romano, que depois acabou publicando o artigo em um jornal da periferia de São Paulo. “As pessoas dizem que os donos das grandes empresas jornalísticas são os piores, mas penso que a coisa é um pouco mais que isso. Além dos donos, há essas pessoas que decidem e que os donos nem sabem o que está acontecendo. Decidem sem o menor critério e sem a menor tentativa de entender o que está acontecendo. Quando se fala em liberdade de expressão, tem que saber quem se está defendendo; às vezes, a pauta do editor é pior que a do dono do jornal”, avalia.

Cotidiano

Os anos mais combativos contra o Estado na luta pelos direitos humanos deram lugar a um período mais ameno na vida de Roberto Romano, pelo menos no que tange às ações mais diretas. Nos últimos anos Roberto Romano tem dedicado seu tempo às atividades acadêmicas de aula e pesquisa. Atualmente vive em São Paulo, capital, no bairro Jardim Paulistano, que como ele mesmo define “não é rico como o Jardim Europa, nem pobre como os outros jardins”.

“Eu e minha mulher gostamos muito de ir ao cinema, ir ao teatro e visitar as pessoas. Agora que me aposentei, estamos com plano de passar um período em Boston, nos Estados Unidos”, conta. Casado com Maria Sylvia de Carvalho Franco²¹, socióloga, autora do livro *Os homens livres na ordem dos escravocratas* (São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, 1969) e egressa da turma de Florestan Fernandes²². “Por ocasião do regime militar, ela foi transferida para a Filosofia

na USP, onde ajudou a manter firme o Instituto”, destaca, orgulhoso. Roberto Romano tem dois enteados, Luíza Moreira, que é professora nos Estados Unidos, e Roberto Moreira, cineasta e professor na USP. Duas netas, uma de vinte anos e outra de sete, completam o núcleo familiar.

Por debaixo dos cabelos brancos de Romano há uma vida cheia de histórias, de luta e de resignação resistente, de estudos e de esforço compreensivo da realidade social, de passado e de presente. Aos 67 anos de idade, Roberto Romano atravessou boa parte de sua vida lutando contra violência, sem violência. Ele parece ser um daqueles exemplos vivos de que o presente só faz sentido quando visto pelas lentes do passado.

Leia mais...

- *O governo do Brasil retoma a ética conservadora e contrária à democracia, o que exige da Igreja o papel vicário.* Entrevista especial com Roberto Romano publicada nas **Notícias do Dia**, de 14-01-2008, disponível em <http://bit.ly/ihu140108>
- *De ditadores a imperadores com pés de barro.* Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 269; de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon26>
- *Nilismo e mercadejo ético brasileiro.* Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 354; de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon354>
- *Filosofia não é, necessariamente, sistema.* Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon379>
- *“Somos absolutistas anacrônicos. Vivemos sempre sob o regime do favor, dos privilégios, da não república”.* Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line** nº 398, de 13-08-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon398>
- *A gênese golpista da Constituição.* Entrevista com o professor Roberto Romano à **IHU On-Line**, edição 428, de 30-09-2013, disponível em <http://bit.ly/19N712L>

¹⁸ **Frei Guilherme Nery Pinto:** religioso da Ordem de São Domingos, conhecido por sua discrição no modelo de ser. Sempre se manteve longe dos apelos midiáticos da mídia e das formações acadêmicas. Era conhecido por quem se aproximava dele como “Frei Guilherme, a revolução na cela”, por seu comportamento reflexivo e recluso. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁹ **Catecismo:** o Catecismo da Igreja Católica surgiu após a Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos em comemoração ao vigésimo ano de encerramento do Concílio Vaticano II, em 25 de janeiro de 1985. (Nota da **IHU On-Line**)

²⁰ **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu o Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Maria Sylvia Carvalho Franco:** professora titular aposentada de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. (Nota da **IHU On-Line**)

²² **Florestan Fernandes** (1920-1995): sociólogo e político brasileiro. Foi duas vezes deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores. (Nota da **IHU On-Line**)

A Vingar, Punir, Perdoar – A literatura como espaço de “possíveis jurídicos”

O jurista e filósofo François Ost discorre sobre as relações do Direito entre vingança, perdão e punição no âmbito da literatura

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Para o jurista e filósofo belga François Ost, nem a vingança, nem o perdão fazem parte da esfera do Direito. “Somente a punição, no sentido de uma sanção imposta por um tribunal público, é jurídica. A vingança é infrajurídica, e o perdão, suprajurídico”, afirma. “A vingança tende, potencialmente, para a acusação, e esta para a violência incontrolada, ao passo que o perdão tende potencialmente a atrair para o dom, o abandono (das ofensas) e, finalmente, o amor, que, como se diz, ‘não conta’”. Estes elementos, no entanto, estão em constante relação e permeiam uns aos outros em diferentes proporcionalidades e equivalências.

Ost enxerga a literatura como um espaço que “nos convida a pensar os possíveis jurídicos”, para além da visão jurídica tradicional. “Ao alimentar os nossos imaginários coletivos, ela torna pensáveis e às vezes desejáveis, alternativas ao direito positivo, e, nesse caso, seu papel civilizador torna-se fundamental”. Neste vasto campo de possibilidades, as relações de troca constante entre vingança, perdão e punição mais uma vez se desvelam. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o jurista desenvolve parte deste raciocínio.

As tragédias gregas, por exemplo, seriam terrenos férteis para narrativas de vingança e justiça, num momento em que Atenas “assentava as bases daquilo que seria a democracia”. Shakespeare, Balzac, Kafka e tantos outros grandes autores da literatura universal seriam igualmente provocativos, questionando a figura humana, o papel do homem diante da sociedade e a própria estrutura das leis. No entanto, não apenas os clássicos transmitem mensagens relevantes. “O que chamamos de “literatura”? O romance popular, o *thriller* e a literatura oral certamente não deveriam ser descartados. E onde fixar o limite entre o relato jornalístico de um fato qualquer e um grande romance extraído das mesmas circunstâncias?”, questiona ele.

François Ost possui graduação em Direito e em Filosofia pela *Université Catholique de Louvain* – UCL e doutorado em Direito pela mesma universidade. Atualmente é professor das Faculdades Universitárias de Saint-Louis em Bruxelas, na Bélgica. É também presidente da Academia Europeia de Filosofia do Direito e é um dos pioneiros no estudo da hermenêutica jurídica no campo das relações entre Direito e Literatura.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a relação que pode ser estabelecida entre vingança, punição e perdão sob uma perspectiva do Direito?

François Ost - Na perspectiva do direito, somente a punição, no sentido de uma sanção imposta por um tribunal público, é jurídica. A vingança é infrajurídica, e o perdão, suprajurídico. A vingança tende, potencialmente, para a acusação, e esta para a violência incontrolada, ao passo que o

perdão tende potencialmente a atrair para o dom, o abandono (das ofensas) e, finalmente, o amor, que, como se diz, “não conta”.

Contudo, a figura intermediária da sanção legal não é totalmente estranha a estas duas lógicas antagônicas; ela comporta, com efeito, uma dimensão retributiva não eliminável. E, ao contrário, podemos notar que o adágio da antiga lei do talião, “olho por olho, dente por dente”, comporta

uma dimensão de equivalência e de justa medida que já representa um progresso considerável em relação à vingança. É este mesmo princípio de equivalência e de proporcionalidade que se encontra na dimensão retributiva da sanção penal e na dimensão compensatória da sanção civil.

No outro extremo do espectro, não podemos negar que a dimensão do perdão inspira, às vezes, o juiz ou as vítimas no quadro dos modos

alternativos de justiça (conciliação, mediação). Nota-se a este respeito que o desejo essencial das vítimas é o reconhecimento de seu estatuto de vítima e a realidade das ofensas sofridas, mais do que a sanção da vítima. Uma solução intermediária consiste na condenação apenas simbólica do autor da falta (declaração de culpabilidade e estigmatização moral na ausência de outras sanções). Mas, eu repito, no sentido jurídico do termo, somente a sanção é estritamente legal. A vingança e o perdão são um universo privado e pré ou pós-jurídico.

IHU On-Line - Quais são as relações fundamentais que podem ser apontadas entre Direito e Literatura tomando em consideração essas três categorias?

François Ost - Na minha concepção, expressa especialmente no livro *Contar a lei. As fontes do imaginário jurídico* [São Leopoldo: Unisinos, 2005], a literatura nos convida a pensar os “possíveis jurídicos”. Ao alimentar os nossos imaginários coletivos, ela torna pensáveis, e às vezes desejáveis, alternativas ao direito positivo, e, nesse caso, seu papel civilizador torna-se fundamental (penso especialmente nas análises do filósofo francês Cornelius Castoriadis¹, consagradas àquilo que ele chama de “imaginário social instituinte”).

Assim, por exemplo, a passagem da vingança privada à justiça do terceiro foi magistralmente experimentada por Ésquilo² em sua tragédia *Eumênides*, realizada em Atenas no século VI a.C., num momento em que a cidade grega assentava as bases daquilo que seria a democracia. Nesta peça, um matricida, Orestes³, é, pela primeira vez, arrancado dos braços da

vingança familiar e divina, encarnada pelas terríveis Erinias⁴, e julgado por um júri composto por cidadãos atenienses ao final de uma troca regrada de argumentos e de um voto majoritário. A revolução assim operada é considerável: ela assinala a entrada no universo do Direito, uma vez que se cessa de fazer justiça com as próprias mãos e se entrega a resolução do litígio a um terceiro imparcial. Do outro lado da cadeia, a literatura pode também defender a ultrapassagem da justiça estatal e sua entrada no universo do *ágape*, do amor que não conta; livra-se então da lógica da compensação e dá-se ou perdoa-se, sem esperar retorno. Uma obra como *Ressurreição* (São Paulo: Casac Naify, 2013), de Tolstói⁵, inscreve-se nesta veia evangélica que coloca com força a seguinte questão: “quem somos nós para julgar?”.

IHU On-Line - Que obras são emblemáticas em estabelecer um nexo mais profundo entre esses dois campos do conhecimento?

François Ost - Essa escolha é, evidentemente, pessoal, tão numerosas são as obras literárias que entram em diálogo com o direito. De resto, o *corpus*, ou cânon, literário que serve de base para a corrente “direito e literatura” não é objeto de uma determinação fixa ou definitiva. O que chamamos de “literatura”? O romance popular, o *thriller* e a literatura oral certamente não deveriam ser descartados. E onde fixar o limite entre o relato jornalístico de um fato qualquer e um grande romance extraído das mesmas circunstâncias?

Feita esta precisão, eis algumas obras que alimentaram muito o meu

trabalho: algumas páginas da Bíblia (a Lei no Sinai, a sua relação com o *Protágoras* de Platão⁶), quase toda a tragédia grega (*Antígona*⁷ pela resistência à injustiça, *Eumênides*⁸ pela passagem da vingança à justiça), *Robinson Crusoe*⁹ (por pensar o individualismo moderno, e suas traduções jurídicas, a propriedade e o contrato), *Fausto*¹⁰ e *Don Juan*¹¹ (pelas figuras transgressoras do sujeito moderno), e depois também Shakespeare¹² (seria

6 **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e o *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon194>. Leia, também, a edição 294 da *IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon294>. (Nota da *IHU On-Line*)

7 **Antígona**: figura da mitologia grega, filha de Édipo e Jocasta. A versão clássica do mito sobre Antígona é descrita na obra *Antígona*, do dramaturgo grego Sófocles, um dos mais importantes escritores gregos da Antiguidade. (Nota da *IHU On-Line*)

8 **Eumênides**: Tragédia grega de autoria de Ésquilo, parte da trilogia Oresteia. (Nota da *IHU On-Line*)

9 **Robinson Crusoe**: Romance escrito por Daniel Defoe, publicado em 1719. (Nota da *IHU On-Line*)

10 **Fausto**: Protagonista de uma popular lenda alemã de um pacto com o demônio, baseada no médico, mágico e alquimista alemão Dr. Johannes Georg Faust (1480-1540). O nome Fausto tem sido usado como base de diversos romances de ficção, o mais famoso deles do autor Goethe, produzido em duas partes, tendo sido escrito e reescrito ao longo de quase sessenta anos. A primeira parte - mais famosa - foi publicada em 1806 e a segunda, em 1832 - às vésperas da morte do autor. Considerado símbolo cultural da modernidade, Fausto é um poema de proporções épicas que relata a tragédia do Dr. Fausto, homem das ciências que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles, que o enche com a energia satânica insufladora da paixão pela técnica e pelo progresso. (Nota da *IHU On-Line*)

11 **Don Juan Tenório**: Personagem da obra de José Zorilla, escrito em 1844. Era conhecido como um sedutor inverterado de mulheres. (Nota da *IHU On-Line*)

12 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cul-

1 **Cornelius Castoriadis** (1922-1997): filósofo, economista e psicanalista francês de origem grega. É defensor do conceito de autonomia política. (Nota da *IHU On-Line*)

2 **Ésquilo** (525 a. C. - 456 a. C.): poeta trágico grego. É considerado como o fundador da tragédia. Terá escrito 79 tragédias (segundo alguns autores cerca de 90), das quais se conservaram apenas sete tragédias completas (para além de inúmeros fragmentos dispersos de outras). (Nota da *IHU On-Line*)

3 **Orestes**: Filho do rei Agamemnon e da rainha Clitemnestra na mitologia grega. Após sua mãe e o amante assassinarem seu pai, fugiu para Focácia onde cresceu. Retornou mais tarde e, a mando de Apolo, matou a mãe. (Nota da *IHU On-Line*)

4 **Erinias ou Fúrias**: Eram personificação da vingança, conhecidas por perseguir aqueles que matavam seus familiares.

5 **Liev Tolstói** (1928-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista e, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerre e Paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstói), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da *IHU On-Line*)

necessário citar tudo; retenho, especialmente, sua reflexão contínua sobre “os dois corpos do rei”), Balzac¹³ (sua *Comédia Humana* é uma exploração crítica do Código Civil de 1804¹⁴), Kafka¹⁵ (cuja vida e escritos são uma batalha permanente com a Lei). Seria necessário, além disso, evocar Cervantes¹⁶, Melville¹⁷, Tolstoi, Dostoiévski¹⁸ e tantos outros.

IHU On-Line - Quais foram as principais mudanças pelas quais passou o conceito de justiça até nossos dias?

tura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da IHU On-Line) 13 **Honoré de Balzac** (1799-1850): dramaturgo francês, autor do conjunto de romances *Comédia Humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da IHU On-Line)

14 **Código Civil Francês** ou **Código Napoleônico**: Código outorgado por Napoleão I que entrou em vigor em 21 de março de 1804. Embora não tenha sido o primeiro a ser criado, é considerado o primeiro a obter êxito irrefutável e a influenciar os sistemas legais de diversos outros países. (Nota da IHU On-Line)

15 **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

16 **Miguel de Cervantes e Saavedra** (1547-1616): escritor espanhol, autor de *Don Quixote de La Mancha*. (Nota da IHU On-Line)

17 **Herman Melville** (1819-1891): romancista norte-americano, ensaísta e poeta. Sua obra principal é *Moby-Dick*. (Nota da IHU On-Line)

18 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon384>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon288>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon226>. (Nota da IHU On-Line)

François Ost - Para responder à sua pergunta, é preciso distinguir a justiça como instituição e a justiça como virtude ou como valor. Enquanto instituição, podemos dizer que ao longo dos séculos a justiça se racionalizou, profissionalizou e ampliou. Ela foi se libertando progressivamente das suas origens mágicas (as provas ordálicas ou “julgamentos de deus” cederam lugar às provas materiais, e os raciocínios argumentados substituíram as palavras encantatórias, as imprecações e as maldições). Ela também deixou de ser exercida pelos mais velhos e sábios. Como Max Weber¹⁹ mostrou, ela tornou-se progressivamente o apanágio de juristas profissionais, especialistas do processo. Enfim, ela não cessou de ampliar seu campo de aplicação, desde o clã familiar, nas origens, até a nação moderna; e hoje ganhou o mundo inteiro com a Corte Internacional de Justiça ou a Corte Penal Internacional.

Valor

Se olharmos a justiça como virtude ou como valor, é mais difícil evocar sua evolução em poucas palavras, tão múltiplas são as acepções da noção, desde Aristóteles²⁰

19 **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o IHU publicou *Cadernos IHU em formação nº 3*, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*, disponível em <http://bit.ly/ihuon03>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do *I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

20 **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história na-

até Rawls²¹, passando por Santo Tomás²² e Marx²³. Eu percebo, no entanto, um aspecto central na noção, simbolizado pela imagem da balança: é a busca de uma certa igualdade que vê que tratamos de maneira igual todos aqueles que se encontram em situação semelhante. Mas o que é uma “situação semelhante”? Hoje, em regime dos direitos humanos, já não aceitamos mais um sistema de castas, por exemplo, que, no entanto, trata de maneira igual os membros situados

tural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

21 **John Rawls** (1921-2002): filósofo, professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard, autor de *Uma teoria da justiça* (São Paulo: Martins Fontes, 1997); *Liberalismo Político* (São Paulo: Ática, 2000); e *O Direito dos Povos* (Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001), além de *Lectures on the History of Moral Philosophy* (Cambridge: Harvard University Press, 2000). A IHU On-Line número 45, de 02-12-2002, dedicou sua matéria de capa a John Rawls, sob o título *John Rawls: o filósofo da justiça*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon45>. Confira, ainda, o 1º dos *Cadernos IHU Ideias*, intitulado *A teoria da justiça de John Rawls*, de autoria do Prof. Dr. José Nedel e disponível para download em <http://bit.ly/ihuon01>. (Nota da IHU On-Line)

22 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado Doctor Communis ou Doctor Angelicus pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae*, a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

23 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon41>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. (Nota da IHU On-Line)

na mesma casta, porque acreditamos que de acordo com a situação genérica de “seres humanos”, a pertença a uma casta é uma categoria não pertinente e, portanto, discriminatória. Também começamos a considerar que os futuros habitantes do planeta participam da nossa comunidade moral e política e, como tal, as exigências de tratamento igual se aplicam também a eles (poderíamos argumentar, por exemplo, que nós não temos nenhum título para exercer em relação a eles um “direito de maioridade” intergeracional e de privá-los do igual acesso aos recursos vitais).

IHU On-Line - Nesse sentido, a justiça é a mesma para todos?

François Ost - É o desejo da justiça ser a mesma para todos, e progressos consideráveis foram realizados nesse sentido ao longo da história: penso, por exemplo, na luta contra os privilégios de jurisdição, as impunidades (políticas) e os tribunais de exceção; penso também nos esforços realizados para facilitar o acesso dos mais pobres à justiça ou para fornecer a todos tradutores competentes. É preciso, entretanto, muito para que esse desejo seja de fato plenamente realizado (e uma abundante literatura não se furta a denunciar isso — basta evocar as Fábulas de La Fontaine²⁴, Dickens²⁵, Hugo²⁶). No plano filosófico, o francês Jean-François Lyotard²⁷ propõe uma distinção muito útil entre o litígio clássico e aquilo que ele chama

de “diferendo”; no litígio clássico, as partes são evidentemente opostas, mas o litígio encontra uma solução aceitável mesmo para o perdedor, porque foi traduzido numa linguagem jurídica compreensível e significativa para as duas partes.

Ao contrário, em um “diferendo”, o código jurídico da realidade permanece amplamente incompreensível para uma das duas partes, de sorte que a decisão jurídica que intervir aparecerá como uma real violência. Ela terá o sentimento de não ter sido entendida e que seu dano permanece irreparável ou que sua condenação é infundada. É por isso que o filósofo Paul Ricoeur²⁸ tem razão ao enfatizar que a justiça contentou-se em “atribuir a cada um o que é seu” (*suum cuique tribuere*) — nesse caso teria havido uma restituição, mas que reforça a ordem social em vigor, que pode ser muito desigual. Ricoeur explica que além desta “atribuição das partes” de cada um, a justiça deve centrar-se na tentativa de retomar o vínculo social perturbado criando as condições para que cada um possa “fazer (ou novamente) parte” da vida social. Nesta “função longa” da justiça, o objetivo não é mais a simples realização do *status quo ante*, mas a restauração de uma forma de pacificação ou de harmonização social que leva em conta as condições psicológicas e sociais do “diferendo” no sentido de Lyotard.

IHU On-Line - Pensadores como Giorgio Agamben²⁹ acentuam haver

24 Jean de La Fontaine (1621-1695): poeta e fabulista francês. É mais conhecido principalmente pela compilação de fábulas. (Nota da IHU On-Line)

25 Charles Dickens [Charles John Huffam Dickens]: (1812-1870): romancista inglês da era vitoriana. Entre suas obras mais conhecidas estão Oliver Twist e Um Conto de Natal. (Nota da IHU On-Line)

26 Victor Hugo [Victor-Marie Hugo] (1802-1885): escritor e poeta francês de grande atuação política em seu país. Escreveu *Les Misérables* e *Notre-Dame de Paris*, entre diversas outras obras. (Nota da IHU On-Line)

27 Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e ‘os judeus’* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004). (Nota da IHU On-Line)

28 Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo e pensador europeu do período pós-guerra. Estabeleceu uma ligação entre a fenomenologia e a análise contemporânea da linguagem através da teoria da metáfora, do mito e do modelo científico. (Nota da IHU On-Line)

29 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da *Facoltà di Design e arti della IUAV* (Veneza), onde ensina Estética, e do *College International de Philosophie* de Paris. Formado em Direito, foi professor da *Università di Macerata*, *Università di Verona* e da *New York University*, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da*

uma juridicização da vida. Em que medida o Direito se tornou hegemônico, preponderante sobre as outras instâncias da vida em sociedade?

François Ost - Parece-me que a realidade é mais complexa. Se observamos, com efeito, uma juridicização da vida social, notamos, ao contrário, uma invasão do discurso jurídico por discursos, práticas e valores emprestados de outros setores e disciplinas, tais como, por exemplo, do campo financeiro e contábil, ou do setor medicinal e psicológico, para me limitar a esses dois exemplos.

Há, com efeito, normas jurídicas sempre mais numerosas (o famoso tema da “inflação legislativa”) e mais diversificadas, bem como um aumento considerável dos recursos, nos contenciosos mais diversos (penso na disciplina escolar, por exemplo). Mas a questão mais importante, na minha opinião, é saber “quem instrumentaliza quem”: é o direito, com seus conceitos, processos e valores específicos, que se impõe a todos os setores da vida social, ou, ao contrário, é uma lógica gerencial (ou, em outros tempos ou outros lugares, uma lógica religiosa) que se serve do instrumento jurídico para difundir e impor em todas as partes seus próprios cânones? Neste último caso, o retorno ao

experiência e origem da história (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao XIV Simpósio Internacional IHU - Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades. (Nota da IHU On-Line)

direito é justificado por duas funções que se espera do jurídico: aquela do notário ou do escrivão, lavrando os principais atos da vida social, e aquela do guarda impondo, ao contrário, as normas sociais consideradas as mais importantes.

Atualmente, é difícil responder à questão que eu coloco, mas dada sua importância, é necessário que a pesquisa jurídica consagre a este tema grande atenção. Da minha parte, ordeno atualmente uma pesquisa interuniversitária sobre a temática da “concorrência das normatividades” e estou escrevendo um estudo intitulado “A quem serve o direito?”. Neste momento, minha primeira resposta é a seguinte: o direito formula uma ordem de arbitragem e de equilíbrio geral, que impõe, na maioria das vezes, sob coação, moderando múltiplos processos para colocá-lo em discussão.

IHU On-Line - Qual é o papel do Direito na construção do estado de exceção nas sociedades contemporâneas? E como podemos compreender o paradoxo que resulta do estado de exceção?

François Ost - Diante de situações excepcionais e urgentes, suscetíveis de colocar em jogo a própria sobrevivência da nação, o direito se acomoda a “estados de exceção”. A própria convenção europeia dos direitos humanos prevê uma hipótese desse gênero em seu artigo 15. É preciso sublinhar, entretanto, que a execução dos estados de exceção, autorizados sob o adágio *salus patriae suprema lex*, é extremamente perigosa para a democracia e deve ser manejada com grande prudência e sob controle internacional. Eu recorro a este respeito que a frase “nenhuma liberdade aos inimigos da liberdade” é de Saint Just³⁰, o ideólogo de Robespierre³¹, responsável pelo terror que ensanguentou a Revolução Francesa³².

30 Louis-Antoine de Saint-Just (1767-1794): literato, pensador e político revolucionário francês. (Nota da IHU On-Line)

31 Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794): advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa. (Nota da IHU On-Line)

32 Revolução Francesa: nome dado ao

“No sentido jurídico do termo, somente a sanção é estritamente legal. A vingança e o perdão são um universo privado e pré ou pós-jurídico”

Isso não impede que, após a Segunda Guerra Mundial e o surgimento das ideologias totalitárias nos anos 1930, no coração de velhos Estados de direito como a Alemanha, a Itália e a França, as constituições entendessem por bem reagir enfatizando que o estado de direito não devia ser um estado de impotência. Não se aceitava mais, sem reagir, o fortalecimento de partidos cujo programa visava suprimir o regime democrático das liberdades, o mesmo que os partidos usam para se desenvolver.

Há, portanto, efetivamente um paradoxo na execução dos estados de exceção: usa-se uma pequena dose de métodos antidemocráticos para proteger melhor a democracia. É o que eu justifico como “método da vacina”: inocular uma pequena dose

conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alteraram o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência estadunidense (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Égalité, Fraternité*), lema de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da IHU On-Line)

de vírus para fabricar anticorpos e assim se prevenir contra um ataque da doença. Encontramos um outro paralelo nas medidas antitruste, preconizadas pelos mais ardorosos defensores do livre comércio, em vista de proteger a concorrência contra os operadores econômicos sempre levados a expandir o seu império e, assim, através de oligopólios e depois monopólios, dar um golpe fatal ao mecanismo de mercado, o mesmo que permitiu que se desenvolvessem. Se, portanto, os textos jurídicos existentes consagram os estados de exceção, assim como algumas justificativas filosóficas, eu recorro, no entanto, veementemente, que o controle desse “desvio” constitucional é muito delicado e só deveria ser operado por períodos curtos, sob o controle internacional, e no respeito absoluto dos direitos fundamentais.

IHU On-Line - Qual é a atualidade para o Direito da concepção kantiana³³ de autonomia?

François Ost - Do ponto de vista jurídico, eu responderia que esta concepção kantiana está na base do princípio “a convenção legalmente formada tem força de lei” (autonomia da vontade), que inspira o Có-

33 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

digo Civil Francês (o célebre artigo 1134). Apesar de uma proliferação legislativa estatal, esse princípio permanece sendo a base do direito dos contratos e traduz a vontade liberal de reconhecer ao sujeito de direito a capacidade de criar e transferir direitos. Do ponto de vista filosófico, é preciso recordar que esta concepção de indivíduo autônomo (isto é, autor ou coautor das regras que ele subscreve) é a essência mesma do sujeito moderno, inclusive do sujeito político — suposto que subscreveu o contrato social, base do vínculo social. Nossa cultura pós-moderna, que tende a exacerbar esta figura do sujeito-rei, no quadro do individualismo triunfante, apresenta o risco de exagerar ao absurdo esta lógica do sujeito político autor das leis às quais obedece. Absurdo, porque uma lei individual não é uma lei comum, nem um limite às pulsões do indivíduo. Uma lei puramente pessoal, como as psicológicas e também a leitura das obras de Sade³⁴ nos recordam, é a lei à qual aspira ao perverso que quer impô-la sem levar em conta a lei comum.

Nessas condições, um dos maiores desafios do Direito e da Filosofia do Direito contemporâneos é reabilitar os deveres e responsabilidades que permanecem à sombra dos direitos individuais, inclusive dos direitos humanos, quando, no entanto, são indispensáveis para a sua efetividade e, mais amplamente, para o equilíbrio do vínculo social que é feito, ao mesmo tempo, de direitos e deveres. Não somente no sentido formal, segundo o qual o direito de A implica no dever de B, mas no sentido mais fundamental, segundo o qual a minha liberdade *cresce* na mesma pro-

“Ao alimentar os nossos imaginários coletivos, a literatura torna pensáveis e às vezes desejáveis, alternativas ao direito positivo”

porção daquela dos outros, de sorte que a liberdade de todos é a condição da liberdade de cada um (recordemos que o liberalismo nu e cru sustenta, ao contrário, que a minha liberdade termina ali onde começa a do outro). Para mim, existe uma maneira de sair da oposição estéril e artificial entre os direitos e deveres, que é compreender que uns e outros derivam, como recorda a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da *dignidade* humana. De resto, o imperativo categórico da moral kantiana já o precisava: “Age de tal modo que consideres a humanidade tanto na tua pessoa quanto na de qualquer outro sempre como um fim e nunca como simples meio”.

IHU On-Line - Quais são os grandes desafios do Direito tendo em vista questões como os refugiados, o terrorismo e a globalização da miséria?

François Ost - Impossível responder de maneira precisa e concreta a essas questões. No entanto, posso dizer, de maneira geral, que o desafio jurídico mais urgente consiste em encontrar uma força jurídica imaginativa — uma capacidade de utopia de que fomos capazes em outras épocas, logo depois da Segunda Guerra Mundial, por exemplo; o desafio é a capacidade de o direito impor ficções que façam sentido e impor uma visão de vínculo social (para mim: um vínculo solidário e

duradouro). Ficções que, por seu efeito simbólico, pedagógico e performativo, transformam as mentalidades e inspiram as mudanças políticas futuras (conceitos como, por exemplo, o corpo não é mercadoria; a Antártida é patrimônio comum da humanidade). Sem esta mobilização de um imaginário fundador, permaneceremos presos ao pensamento único e aos bloqueios políticos, econômicos e sociais aos quais ele conduz. Eu espero que não necessitemos, como no passado, de uma catástrofe militar, humanitária, sanitária ou ecológica para realizar essa mudança de perspectiva. E observo, de passagem, o vínculo social disto com a literatura que oferece relatos de sentido, às vezes o “romance político” da nação — hoje, o “romance político” da humanidade solidária.

Qual ficção fundadora? Qual visão de mundo? Mais uma vez, não posso entrar na substância dessas questões colocadas. Eu responderia de maneira geral que é próprio do Direito realizar a mediação (o vínculo dialético) entre a força e o bem, entendendo que a força são as relações de força e de interesse que se confrontam no campo político, social e econômico, ao passo que o bem são as diferentes concepções da vida boa que se oferecem a nós. Um direito que se apoiasse exclusivamente sobre a força seria tirânico; um direito apoiado exclusivamente sobre o bem seria impotente — Pascal já observava isso. Nesse papel de mediação, pertence ao direito inventar e tornar aplicáveis compromissos que não sejam, no entanto, comprometimentos. Fazer respeitar em todas as circunstâncias o “núcleo duro” dos direitos humanos, concedendo, como no Canadá, “adaptações razoáveis”, ou uma “margem nacional de apreciação”, como na Europa, são, entre outros, exemplos desta postura de mediação. A aplicação das garantias processuais ligadas ao “processo justo” é outro exemplo. É uma das faixas mais importantes que podemos esperar do direito: visibilizar os conflitos sociais mais que escondê-los, e, na sequência, encontrar uma saída pacífica para eles.

³⁴ Donatien Alphonse François de Sade (Marquês de Sade) (1740-1814): aristocrata francês e escritor libertino. Muitas das suas obras foram escritas enquanto estava em um hospício, encarcerado por causa de seus escritos e de seu comportamento. De seu nome surge o termo médico sadismo, que define a perversão sexual de ter prazer na dor física ou moral do parceiro ou parceiros. Foi perseguido tanto pela monarquia (Antigo Regime) como pelos revolucionários vitoriosos de 1789 e depois por Napoleão. (Nota da IHU On-Line)

O bóson de Higgs como condição necessária para o universo “fértil”

A existência do bóson de Higgs confirma o papel que o campo de Higgs desempenhou bem na fase inicial do universo e representa uma parte final e principal necessária para completar o modelo padrão da física de partículas, acentua William Stoeger

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO: ISAQUE CORREA

Embora a descoberta do bóson de Higgs não possa ser considerada como o início de um novo capítulo na Física, ela completa, de fato, uma longa e importante parte — ao completar e confirmar o modelo padrão da física de partículas. A ponderação é do cientista norte-americano William Stoeger, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, refletindo sobre a condecoração de Peter Higgs e François Englert com o Prêmio Nobel de Física de 2013. “O bóson de Higgs pode ser considerado uma das condições necessárias para que nosso universo seja ‘fértil’, tal como P. George Coyne, SJ, o caracterizou. Para o universo gerar complexidade, e por fim a vida e a consciência, tem de haver química. Para haver química, tem de haver uma variedade de partículas massivas (prótons, nêutrons, elétrons) que podem se combinar para formar os elementos, os quais, por sua vez, se juntam em milhões de modos diferentes para formar moléculas. O campo de Higgs, bem como o bóson de Higgs a ele associado, possibilitou que estas partículas massivas emergissem nos primórdios do universo. Um universo feito somente de partículas sem massa seria muito chato e sem vida!”.

William Stoeger é cientista do Grupo de Pesquisas do Observatório do Vaticano (VORG) e especialista em Cosmologia Teórica, Astrofísica de altas energias e estudos interdisciplinares relacionados com a Ciência, a Filosofia e a Teologia. É doutor em Astrofísica pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Entre 1976 e 1979, foi pesquisador associado ao grupo de física gravitacional teórica da Universidade de Maryland, em *College Park*, Maryland. É membro da Sociedade Americana de Física, de Astronomia e da Sociedade Internacional de Relatividade Geral e Gravitação. Atualmente, leciona na Universidade do Arizona e na Universidade de São Francisco. É também membro do Conselho do Centro de Teologia e Ciências Naturais (CTNS). Publicou, entre outros livros, *As Leis da Natureza — Conhecimento humano e ação divina* (São Paulo: Paulinas, 2002). Em 11-09-2009, dentro da programação do **IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin**, proferiu a conferência *Da evolução cósmica à evolução biológica. Emergência, relacionalidade e finalidade*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Alguns cientistas disseram que o bóson de Higgs¹ não

resolve todas as incógnitas atuais,

e inclusive cria novos problemas. O

¹ **Bóson de Higgs:** partícula elementar bosônica prevista pelo Modelo Padrão de partículas, teoricamente surgida logo após o Big Bang de escala maciça hipotética predita para validar o modelo padrão atual de partícula. Representa a chave para explicar a origem da massa

das outras partículas elementares. Todas as partículas conhecidas e previstas são divididas em duas classes: férmions e bósons (partículas com spin inteiro). O bóson de Higgs foi predito primeiramente em 1964 pelo físico britânico Peter Higgs, trabalhando as ideias de Philip Anderson. Entretanto, desde então não houve condições tecnológicas de buscar a possível

existência do bóson até o funcionamento do Grande Colisor de Hádrons (LHC), em meados de 2008. A faixa energética de procura do bóson vem se estreitando desde então e, em dezembro de 2011, limites energéticos se encontram entre as faixas de 116-130 GeV, segundo a equipe ATLAS, e entre 115 e 127 GeV de acordo com o CMS. Em 04 de julho de 2012,

que a comprovação dessa partícula explica e o que continua em aberto?

William Stoeger - Certamente o bóson de Higgs não resolve todos os problemas atuais da física de partículas e da cosmologia. No entanto, a confirmação experimental de sua existência é um passo central na solidificação e no entendimento das partículas físicas fundamentais, o que é peça-chave para a nossa compreensão detalhada daquilo de que é feito o mundo material. A existência do bóson de Higgs confirma o papel que o campo de Higgs desempenhou bem na fase inicial do universo e representa uma parte final e principal necessária para completar o modelo padrão da física de partículas. Em especial, explica como quarks, léptons e os campos fracos de bóson W e Z adquiriram massas e por que a força nuclear é fraca, assim como a razão pela qual ela tem tal alcance. Sua existência confirma a solução do modelo padrão a estes problemas. Ao mesmo tempo, vários detalhes desta descoberta precisam ser confirmados, e conexões com outros aspectos da física de partículas e da cosmologia precisam ser investigados. Por exemplo, a relação entre o campo de Higgs e a energia do vácuo do universo, junto da possibilidade de que haja uma família de bóson de Higgs.

Gravidade de fora

Questões tais como a forma que os neutrinos adquiriram suas massas muito pequenas também precisam de pesquisa, o que provavelmente nos levará para além do modelo padrão. Por fim, está claro que esta descoberta não é a “palavra final” na física de partículas. O domínio da matéria escura no universo não está explicado, e é quase certo que nos force a olhar a física, o mundo natural, para níveis significativamente mais elevados de energia para obter uma resposta (talvez para as partículas supersimétricas,

cientistas da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear - CERN anunciaram que, ao fim de 50 anos de investigação, descobriram uma partícula nova que pode ser o bóson de Higgs. Sobre o tema, leia a edição 405 da revista *IHU On-Line*, intitulada *O Bóson de Higgs e a elegância invejável do Universo*, de 22-10-2012, disponível em <http://bit.ly/18nGLSZ>. (Nota da *IHU On-Line*)

como descrito abaixo). O modelo padrão da física de partículas, do qual o bóson de Higgs é um elemento-chave, inclui interações envolvendo forças nucleares eletromagnéticas, fortes e fracas. Entretanto, deixa de fora a gravidade. Incluir a gravidade em relação a estas três forças requer quantizar a gravidade e fazer a relação com elas. Isso exigirá um modelo mais fundamental ainda, que vai descrever o mundo mesmo em temperaturas ou energias mais altas. A teoria das supercordas é uma das candidatas para levar isso a cabo, mas ainda não foi adequadamente elaborada.

IHU On-Line - Qual é a importância da comprovação da existência do bóson enquanto partícula que gera a massa das outras partículas?

William Stoeger - Sem o bóson de Higgs e o campo de Higgs a ele associado, nós não só não teríamos mecanismo algum ou explicação qualquer para as massas das partículas mencionadas acima, mas também uma elegante teoria baseada em profundas simetrias sem nenhuma explicação de como tais simetrias fundamentais e importantes são “quebradas” quando em energias mais baixas. Tais assimetrias ditam que todas as partículas deveriam ficar sem energia quando em altas energias. Porém, obviamente, em baixas energias elas adquiriram massa! O que permite essa transição? O campo de Higgs e as partículas associadas a ele fornecem uma resposta.

IHU On-Line - Em que sentido o bóson de Higgs “reivindica” que se reescreva a definição do “nada”?

William Stoeger - Alguns físicos sustentam que o campo de Higgs fornece um caminho para a obtenção de algo a partir do “nada”, no sentido de que ele dota o universo com massa. No entanto, um universo sem massa está longe de um ser “nada”, visto que há campos e partículas com energia e leis da física que descrevem como tais campos e partículas se relacionam e interagem entre si, em particular eles descrevem a forma como se envolvem e se comportam na medida em que a temperatura do universo diminui. A este respeito, um estado de vácuo físico não é “nada”, pois possui energia e se comporta de acordo com as leis

da física quântica. A nadaidade absoluta ou real é a situação em que não há energia, não há tempo-espaco, não há mundo físico — nada existindo.

IHU On-Line - Como podemos compreender o conceito de supersimetria e o que ele implica em uma nova compreensão do Universo?

William Stoeger - A supersimetria nos leva além do modelo padrão da física de partículas sobre a qual estamos debatendo, nos leva para além de considerações envolvendo o bóson de Higgs e o campo de Higgs. Ela postula que cada partícula que conhecemos tem um parceiro supersimétrico. Se a partícula que escolhemos for um férmion (partícula de spin $\frac{1}{2}$, que é constituinte da matéria, como um próton ou nêutron), então o seu parceiro supersimétrico será um bóson (uma partícula spin integral, que é basicamente o encarregado da interação entre os férmions). A supersimetria deve ser um passo no sentido de incluir a gravidade para a unificação de todas as quatro forças fundamentais. Muitos físicos suspeitam — e esperam — que as partículas supersimétricas remanescentes do momento preciso após o Big Bang sejam os constituintes da matéria escura (e *não* da energia escura), que parece predominar no universo. Muitos deles esperam que tal partícula supersimétrica (especialmente a partícula de menor massa, um neutralino) possa ser detectada via experimentos feitos no Grande Colisor de Hádrons² (ou Lar-

² Grande Colisor de Hádrons (Large Hadron Collider - LHC): acelerador de partículas do CERN, é o maior e o de maior energia existente do mundo. Seu principal objetivo é obter dados sobre colisões de feixes de partículas, tanto de prótons a uma energia de 7 TeV (1,12 microjoules) por partícula, ou núcleos de chumbo a energia de 574 TeV (92,0 microjoules) por núcleo. O laboratório localiza-se em um túnel de 27 km de circunferência, bem como a 175 metros abaixo do nível do solo na fronteira franco-suíça, próximo a Genebra, Suíça. Está em operação desde setembro de 2008. Um dos principais objetivos do LHC é tentar explicar a origem da massa das partículas elementares e encontrar outras dimensões do espaço, entre outras coisas. Uma dessas experiências envolve a partícula Bóson de Higgs. Procura-se, também, a existência da supersimetria. Experiências que investigam a massa e a fraqueza da gravidade serão um equipamento toroidal do LHC e do Solenoide de Múon Compacto

ge Hadron Collider – LHC, em inglês). Mas até o momento não se encontrou nada, e um bom número de possibilidades já foram descartadas. Até agora não há, absolutamente, evidência experimental alguma para sustentar a supersimetria.

IHU On-Line - Qual é a relação da descoberta do bóson com a ideia de universo fértil, como aquela defendida por George Coyne?

William Stoeger - O bóson de Higgs pode ser considerado uma das condições necessárias para que nosso universo seja “fértil”, tal como P. George Coyne, SJ, o caracterizou. Para o universo gerar complexidade, e por fim a vida e a consciência, tem de haver química. Para haver química, tem de haver uma variedade de partículas massivas (prótons, nêutrons, elétrons) que podem se combinar para formar os elementos, os quais, por sua vez, se juntam em milhões de modos diferentes para formar moléculas. O campo de Higgs, bem como o bóson de Higgs a ele associado, possibilitou que estas partículas massivas emergissem nos primórdios do universo. Um universo

“A nadidade absoluta ou real é a situação em que não há energia, não há tempo-espço, não há mundo físico – nada existindo”

feito somente de partículas sem massa seria muito chato e sem vida!

IHU On-Line - Em que medida a comprovação da existência do bóson de Higgs pode ser considerada um novo capítulo da Física?

William Stoeger - Longe de ver a descoberta do bóson de Higgs como o início de um novo capítulo na Física, ela completa, de fato, uma longa e importante parte — ao completar e confirmar o modelo padrão da física de partículas. É claro, como mencionei acima, há muito mais trabalho a ser feito para confirmar e esclarecer aspectos cruciais do bóson de Higgs e do campo de Higgs. É claro também que, na medida em que completamos um importante capítulo na Física, somos levados a iniciar outros novos. Um destes envolve a exploração de possíveis conexões entre o campo de Higgs, o vácuo e a energia do vácuo (a constante cosmológica de Einstein⁴).

4 Albert Einstein (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiado com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da Revista *IHU On-Line*, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://migre.me/16Mto>. A TV Unisinos produziu, a pedido do IHU, um vídeo de 15 minutos em função do Simpósio Terra Habitável, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. Leia, ainda, a edição 130 da *IHU On-Line*, de 28-02-2005, intitulada *Einstein: 100 anos depois do Annus Mirabilis. João Paulo II.*

Outro explora se há supersimetria em energias além daquelas onde foi encontrado o bóson de Higgs; outro ainda estuda de que são constituídas as partículas interagentes pesadas e lentas e a matéria escura que predomina no cosmos. Nenhuma das partículas que até então descobrimos preencheu esta lacuna. As partículas de matéria escura são, evidentemente, relíquias da física primordial que cai do lado de fora do modelo padrão, razão pela qual muitos físicos especulam dizendo que elas podem ser supersimétricas.

IHU On-Line - Por outro lado, em que sentido a existência do Boson de Higgs estabelece um novo ponto de diálogo entre fé e ciência?

William Stoeger - Embora a descoberta do campo de Higgs e do bóson de Higgs seja uma realização extraordinária, ela de fato não estabelece diretamente uma nova área de diálogo entre a fé e a ciência. É útil perceber que, de um ponto de vista teórico, esta descoberta foi esperada durante os últimos 40 ou 50 anos. E a maioria das pessoas engajadas no diálogo entre a teologia e a ciência supõe que uma versão do modelo padrão da física de partículas esteja correta. Ademais, achados específicos novos na ciência física ou biológica muito dificilmente têm impacto direto na teologia. É o caráter geral e a história dos mundos físico e biológico (por exemplo, a física quântica, histórias cósmicas e evolutivas), tal como revelados pelas ciências, que assim o fazem.

IHU On-Line - Qual é a importância da transdisciplinaridade, do diálogo entre os saberes para o avanço da ciência, como no caso de uma teoria unificadora?

William Stoeger - Ao refletir sobre descobertas centrais na Física e em outras ciências, fica claro que elas são o resultado de extensa colaboração e diálogo entre grandes e diversificados grupos de especialistas. Imaginação

Balço e perspectivas, disponível em <http://migre.me/16Mur> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://migre.me/16MuZ>. (Nota da IHU On-Line)

(CMS). Elas irão envolver aproximadamente 2 mil físicos de 35 países e dois laboratórios autônomos — o JINR (Joint Institute for Nuclear Research) e o CERN. (Nota da IHU On-Line)

3 **George Coyne**: matemático com doutorado em Astronomia. Foi diretor do Observatório do Vaticano por 25 anos. Em 2009, recebeu o prêmio Van Biesbroeck da Associação Americana de Astronomia por relevantes serviços prestados. Defensor do darwinismo, trabalha com o diálogo entre fé e ciência, na Universidade do Arizona, localizada na cidade de Tucson, Estados Unidos. No dia 03-10-2012, proferiu na Unisinos a conferência *Implicações da evolução científica para as semânticas da fé cristã*. À noite, às 19h30min, participou com Marcelo Gleiser da mesa redonda *Fé e ciência: um diálogo possível?* Ambas as atividades integraram o XIII Simpósio Internacional IHU Igreja, cultura e sociedade. **A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica**. Confira as entrevistas concedidas por George Coyne à *IHU On-Line*: *O Universo fértil e as três bailarinas*, edição 405, de 22-10-2012, disponível em <http://bit.ly/18kGnrs>; *O caso de um Deus newtoniano*, edição 403, de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/18kG6EV>; *Fé e ciência: um diálogo em construção*, edição 304, de 17-08-2009, disponível em <http://bit.ly/oH8w3t>; *Teilhard e a teoria da evolução*, edição 143, de 30-05-2005, disponível em <http://migre.me/11DRM>. (Nota da IHU On-Line)

bem informada e persistência são também ingredientes essenciais em tal empreitada. Na medida em que nos esforçamos no sentido de estabelecer novas conexões entre áreas separadas da Física ou outras ciências — na busca por teorias de confirmação que unifiquem o nosso conhecimento e compreensão —, a pesquisa e o diálogo interdisciplinar formam um complemento essencial para o trabalho intenso focado em determinadas subespecialidades.

IHU On-Line - Em que sentido a descoberta do bóson de Higgs altera as pesquisas em cosmologia, como as que o senhor desenvolve em seus estudos?

William Stoeger - A descoberta do bóson de Higgs, embora importante, não tem impacto direto na maior parte do trabalho que é, hoje, feito em cosmologia — certamente não na pesquisa que eu, no momento, desenvolvo. Há um modelo padrão na cosmologia, de acordo com o qual o universo vem se expandindo, esfriando e desenvolvendo estruturas desde o Big Bang. O campo de Higgs e o bóson de Higgs adequam-se naturalmente dentro desse modelo, porém não o afetam diretamente. Por muitos anos, os cosmologistas tinham como pressuposto que o modelo padrão da física de partículas, incluindo o papel do campo de Higgs, estava correto. Pode acontecer que, conforme vamos sabendo mais sobre o campo de Higgs, que existem conexões entre ele e o problema da energia do vácuo, assim como sobre a matéria escura, possa haver um impacto direto em alguns dos detalhes da história e da composição do universo que nós, no presente momento, não compreendemos.

IHU On-Line - Como a comunidade científica recebeu a decisão do Prêmio Nobel de Física de 2013 ter sido destinado a Peter Higgs⁵ e François Englert⁶?

5 Peter Ware Higgs (1929): físico teórico britânico e professor emérito da Universidade de Edimburgo. Foi laureado com o Nobel de Física de 2013, juntamente com François Englert, pela descoberta do mecanismo de Higgs. Higgs é conhecido por sua proposta de 1960 de quebra da simetria na teoria “eletrofraca”, explicando a origem da massa das partículas elementares em geral e, em particular, dos bósons W e Z. O assim chamado mecanismo de Higgs teve vários inventores além de Higgs, e prevê a existência de uma nova partícula, o bóson de Higgs (muitas vezes descrita como “a mais procurada partícula na física moderna”). Identificado pelo CERN, o bóson de Higgs teve sua existência oficialmente anunciada para o mundo em 04 de julho de 2012. O mecanismo de Higgs é tido como um ingrediente importante no modelo padrão de partículas físicas, sem a qual as partículas não teriam massa. Inspirado no bóson de Higgs, a revista *IHU On-Line* preparou a edição 405, de 22-10-2012, intitulada *O Bóson de Higgs e a elegância invejável do Universo*, disponível em <http://bit.ly/18nGLSZ>. (Nota da IHU On-Line)

6 François Englert (1932): físico belga. Foi laureado com o Nobel de Física de 2013, juntamente com Peter Higgs, pela descoberta do mecanismo de Higgs. Englert obteve a graduação em engenharia mecânica e elétrica em 1955 na Université Libre de Bruxelles (ULB), onde obteve um doutorado em Física em 1959. Depois trabalhou até 1961 na Universidade Cornell com Robert Brout, sendo no final professor assistente. Voltou para Bruxelas, onde se tornou professor. Robert Brout também o visitou como professor. Juntos dirigiram, a partir de 1980, a seção de física teórica. Em 1998 tornou-se professor emérito. Independentemente de Peter Higgs (e Carl Richard Hagen, Gerald Guralnik e Tom Kibble), descobriu em 1964 o atualmente denominado mecanismo de Higgs, que confere massa de acordo com a teoria de gauge mediante quebra de simetria em analogia com a física do estado sólido através de um campo escalar (campo de Higgs). A este mecanismo é

William Stoeger - Eu realmente não prestei muita atenção à reação da comunidade científica em relação à decisão de conceder, com o Prêmio Nobel, os cientistas Peter Higgs e François Englert pela teoria do mecanismo de Higgs e sua recente confirmação. Passaram-se quase 50 anos desde que eles a propuseram. Levou tanto tempo para, de fato, se encontrarem provas seguras. Nesse ínterim, milhares de físicos contribuíram para a exploração e o refinamento da teoria, assim como para sua confirmação. Sei que a maioria dos cientistas concorda que o prêmio, embora dado a dois dos promotores da teoria, é, na verdade, um reconhecimento a todos aqueles que tiveram contribuições substanciais para com ela e para com a descoberta do bóson de Higgs ao longo dos anos.

Leia mais...

- *Astrofísica, cosmologia e a busca de Deus no universo. Notícias do Dia*
26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/1eYZNE8>
- “Sem a evolução cósmica não haveria evolução biológica”. Revista *IHU On-Line* 306, de 31-08-2009, disponível em <http://bit.ly/18nGoIO>

atualmente atribuído no modelo padrão a massa das partículas elementares. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O ordenamento jurídico do *Apartheid*

Fica: Sanele Sibanda analisa a organização do Poder Judiciário na África do Sul e a existência de dois sistemas legais distintos para regular as populações nativas e os colonizadores brancos

POR LUCIANO GALLAS / TRADUÇÃO: ANA CAROLINA AZEVEDO

“O despotismo descentralizado implicou o estabelecimento do Estado colonial como sendo bifurcado. Onde, por um lado, havia um governo central, com direitos e liberdades subordinados diretamente a um governador nomeado ou eleito quase invariavelmente por colonizadores brancos (cidadãos), ao passo que, por outro lado, havia um estado nativo descentralizado, habitado por indivíduos com pouco ou nenhum dos direitos e liberdades, governado indiretamente por chefes nomeados pela administração colonial e mantido por indígenas africanos ou nativos (indivíduos)”, avalia Sanele Sibanda. Conforme ele adverte, “é preciso ter muito cuidado para garantir que, ao reformar o direito consuetudinário, não se esteja reproduzindo a forma de Estado bifurcado que deu origem ao despotismo descentralizado, característico de uma época ultrapassada”.

Desta forma, o direito consuetudinário, ao invés de preservar uma tradição cultural e os costumes de um povo, pode ser utilizado para enraizar o legado colonial, perpetuando a marginalização e a exploração. “O BAA [*Black Administration Act* - Ato de Administração Negra, promulgado em 1927] foi projetado

para ser abrangente em alcance, regulando assuntos administrativos, judiciais e substanciais, tais como a nomeação dos chefes, o estabelecimento de tribunais e suas jurisdições, como também questões determinantes do estatuto jurídico, registro e posse de terras, casamento e sucessão. Em geral, o BAA foi o principal instrumento para firmar um sistema uniforme de regra indireta na África do Sul, pelo qual os líderes tradicionais tornaram-se agentes do Estado na administração dos assuntos daqueles que foram nomeados para governar”, comenta Sibanda, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “O BAA foi uma peça eficaz da legislação ao atingir sua finalidade de engessar a divisão problemática de negros e brancos na África do Sul”, completa ele.

Sanele Sibanda é advogado. Atualmente, é professor da Faculdade de Direito da Universidade de Witwatersrand, em Johannesburg, África do Sul, onde já lecionou as disciplinas de Introdução ao Direito Constitucional, Direito do Seguro, Pessoas e Direito de Família e Direito Administrativo, além de realizar pesquisas sobre o tema do direito consuetudinário

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O Zimbábue, seu país natal, e a África do Sul, onde você leciona, na Universidade de Johannesburg, adotam um sistema jurídico misto formado tanto sob a influência do direito romano-germânico quanto da lei comum (*common law*) britânica? Como se dá esta organização jurídica sob a influência de dois sistemas distintos?

Sanele Sibanda - Os sistemas jurídicos na África do Sul e no Zimbábue

baseiam-se no direito romano-holandês, que é bastante diferente do sistema romano-germânico predominante na América Latina. A tradição jurídica romano-holandesa é predominante no sul da África (África do Sul, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia). Isto é resultado do colonialismo holandês no século XVII, principalmente na África do Sul, o qual trouxe consigo a tradição jurídica do direito romano-holandês. A colo-

nização subsequente da África do Sul pela Grã-Bretanha introduziu a tradição da *common law* inglesa. A mistura resultante das tradições estabeleceu as bases desse sistema jurídico que predomina na África do Sul e no Zimbábue. Claro, ao dizer isto, não devemos esquecer que, antes da independência política de ambos os países, o sistema legal que estava descrevendo era reservado basicamente aos habitantes brancos que tinham chegado

em consequência do colonialismo. Os africanos, por outro lado, já tinham seus próprios sistemas jurídicos, baseados no direito consuetudinário.

O sistema legal da África do Sul sob a influência dessas duas tradições retoma do direito romano-holandês muitos de seus princípios fundamentais substantivos em áreas como propriedade, contrato, delito (ato ilícito) e direito de família; enquanto isso, a tradição da *common law* formou grande parte dos seus princípios processuais, como lei de prova, processo civil e processo penal. Outra faceta importante, tirada da tradição da *common law* inglesa, refere-se ao papel dos tribunais e do sistema *entrincheirado do precedente*. Em muitas maneiras, os desenvolvimentos jurídicos do Zimbábue costumaram dar continuidade àqueles da África do Sul, que fazem referência às relações muito próximas dos dois países no que concerne ao estabelecimento colonial, parte do projeto de construção de Império da Grã-Bretanha.

IHU On-Line – O que pode ser dito sobre a ação dos tribunais no ordenamento jurídico da África do Sul?

Sanele Sibanda – Os julgamentos em tribunais e as opiniões judiciais são extremamente importantes; cruciais, na verdade. Mais uma vez, refiro-me à tradição da *common law*: pronunciamentos judiciais da lei são uma importante fonte de direito por causa do sistema de precedentes. Assim como são uma importante fonte de direito, são essenciais para dar significado às nossas leis. Isto se dá porque o que é decidido por um juiz, em qualquer caso único, tem o poder de vincular todos os outros juízes quanto à sua interpretação da lei. A única abordagem disponível para derrubar uma decisão dessas seria com o êxito de um recurso emitido a um tribunal, superior ou não. Se falhar por interpor, a única outra maneira de rever a decisão judicial seria por meio de uma intervenção legislativa do Parlamento. Isso dá poder aos tribunais, no que concerne ao ato de conceder algo semelhante à finalidade, no que concerne ao significado ou, pelo menos, à interpretação da lei. Isto, portanto, é algo incrivelmente importante dentro do sistema jurídico sul-africano. Este

é exatamente o caso na instância do Tribunal Constitucional.

Hoje, o Tribunal Constitucional é a corte superior em todos os assuntos desde a Emenda Constitucional número 17, que estendeu a competência deste tribunal, a fim de abranger questões que julgue de interesse da Justiça. Com base na primazia e na supremacia da Constituição, o Tribunal Constitucional, portanto, desempenha um papel central em guiar o desenvolvimento da *common law* na África do Sul. Isso acarretou na interpretação da *common law*, por parte do Tribunal, de forma a desenvolver conceitos profundamente enraizados no direito romano-holandês de uma maneira a garantir que eles comportassem ou estivessem de acordo com a Constituição. Agindo assim, o Tribunal Constitucional justificou que isto servisse de referência para a ideia de que a Constituição estabeleça “um sistema de valor normativo objetivo” e uma ordem na qual todas as leis e certa conduta possam ser examinadas por seu cumprimento da Constituição. Aliado ao sistema bem *entrincheirado do precedente*, o lugar dos tribunais e das opiniões judiciais na África do Sul é sagrado, no qual a lei se desenvolve de maneira incremental, ou até mesmo lenta, dependendo de onde a pessoa se posiciona na sociedade sul-africana.

IHU On-Line – De que forma o direito consuetudinário coexiste com a organização jurídica moderna nas sociedades africanas?

Sanele Sibanda - Historicamente, vários sistemas de direito consuetudinário ou indígena precederam a introdução da *common law* colonial de forma imposta na África do Sul. Claro que, com o advento do colonialismo e o *entrincheiramento da dominação europeia*, o lugar e o espaço para o direito consuetudinário tornou-se controverso e impugnado. Diretamente falando, a polêmica e a contestação fazem referência ao reconhecimento ou não de parte do direito consuetudinário pela política colonial oficial. Aqui, o reconhecimento refere-se ao fato de o direito consuetudinário ser ou não considerado parte do sistema jurídico nacional, embora com uma base racial estreita de aplicabilidade,

onde foi reconhecido. A África do Sul é uma daquelas colônias em que os colonizadores decidiram que o direito consuetudinário deveria ser reconhecido.

Portanto, 1927 marcou um ponto notório na história jurídica sul-africana. Este foi o ano em que o *Black Administration Act* - BAA [Ato de Administração Negra] foi promulgado em lei. O efeito de promulgação deste ato era criar um sistema jurídico duplo na África do Sul: o BAA estabeleceu um sistema separado e inferior de Justiça para os africanos e reservou o sistema da *common law* principalmente para os brancos.

O BAA foi projetado para ser abrangente em alcance, regulando assuntos administrativos, judiciais e substanciais, tais como a nomeação dos chefes, o estabelecimento de tribunais e suas jurisdições, como também questões determinantes do estatuto jurídico, registro e posse de terras, casamento e sucessão. Em geral, o BAA foi o principal instrumento para firmar um sistema uniforme de regra indireta na África do Sul, pelo qual os líderes tradicionais tornaram-se agentes do Estado na administração dos assuntos daqueles que foram nomeados para governar.

O BAA foi uma peça eficaz da legislação ao atingir sua finalidade de engessar a divisão problemática de negros e brancos na África do Sul. O BAA habilitou comissários nativos e líderes tradicionais para atuarem com alguns limites, deixando pouco espaço para duvidar que o direito consuetudinário era de fato um sistema inferior de leis que tirou mais que deu para aqueles que se sujeitaram a ele. O BAA acabou por prejudicar e evidenciar a própria legitimidade da autoridade tradicional. Foi esta execução deliberada e bem orquestrada da institucionalização de subordinação da vida dos negros que está no coração do famoso livro do professor Mahmood Mamdani¹, *Citizen and Subject – Contemporary Africa and the Legacy of Late*

¹ Mahmood Mamdani (1946): cientista político de origem hindu-ugandense. É diretor do Instituto Makerere de Pesquisa Social, de Uganda e professor de Antropologia, Ciência Política e Estudos Africanos na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

Colonialism (Princeton: Princeton University Press, 1996). Para qualquer um que tenha um interesse maior nas políticas subjacentes à política colonial, sobre o direito consuetudinário e a liderança tradicional no Sul da África e na África Central, este continua sendo um livro importante no que tange à maneira com que revela as muitas continuidades entre o que aconteceu durante os períodos do colonialismo e pós-independência.

Neste aspecto, um conceito importante apresentado por Mamdani é o do despotismo descentralizado. O despotismo descentralizado implicou o estabelecimento do Estado colonial como sendo bifurcado. Onde, por um lado, havia um governo central, com direitos e liberdades subordinados diretamente a um governador nomeado ou eleito quase invariavelmente por colonizadores brancos (cidadãos); ao passo que, por outro lado, havia um estado nativo descentralizado, habitado por indivíduos com pouco ou nenhum dos direitos e liberdades, governado indiretamente por chefes nomeados pela administração colonial e mantido por indígenas africanos ou nativos (indivíduos).

Na África do Sul, devido à história contaminada do direito consuetudinário sob o colonialismo, durante a transição do Estado de Apartheid para a democracia, não era óbvio que o direito consuetudinário sobreviveria como parte da infraestrutura legal do Estado. Muitos tinham uma visão cética quanto ao que constituiria um cenário constitucional revitalizado, pois manteria um sistema de leis principalmente aplicável apenas a um agrupamento racial. Alguns questionamentos foram feitos, tal como a necessidade de se ter um sistema jurídico dual, porém desigual (tal como se poderia alegar). Além disso, os céticos ergueram preocupações quanto à falta de práticas democráticas nas estruturas correntes, para não mencionar seu controle pelos homens mais velhos, com a exclusão das mulheres e jovens da comunidade. Apesar de tais preocupações e receios, os redatores da Constituição decidiram, em sua sabedoria, que era conveniente assegurar o contínuo reconhecimento do direito consuetudinário na Constituição. O efeito dessa inclusão

foi integrar o direito consuetudinário formalmente e sob condições equânimes, como parte do sistema jurídico sul-africano.

No que tange à sua inclusão substantiva dentro do sistema jurídico mais amplo, isso gerou mais perguntas do que respostas. Por exemplo, uma questão importante que frequenta a discussão é sob que forma o direito consuetudinário foi, afinal, reconhecido? Teria sido sob o chamado direito consuetudinário organicamente vivo ou sob a versão oficial estatista? A resposta a essa pergunta tem implicações profundas e de longo alcance para toda uma série de temas, tais como o tema da igualdade de gênero, das práticas democráticas e até mesmo o tema da própria legitimidade do edifício do direito consuetudinário.

IHU On-Line – No direito consuetudinário, a quem cabe a ação de fazer cumprir a lei e as decisões de julgamentos?

Sanele Sibanda - Em geral, os responsáveis pela aplicação da lei e pelas decisões dos julgamentos são o líder tradicional e os membros de sua corte, apoiados, onde for necessário, por agentes públicos, como a polícia. O papel dos líderes tradicionais na aplicação da lei, na adjudicação das disputas e na supervisão da execução das ordens não é geralmente visto como controverso em comunidades harmonicamente estruturadas. No entanto, onde há desarmonia, o papel central desempenhado pelos líderes tradicionais pode tornar-se bastante controverso se considerarmos as outras funções que eles executam ou supervisionam dentro de suas respectivas comunidades. Os líderes tradicionais estão envolvidos na elaboração das leis, na distribuição dos recursos, na atribuição de responsabilidades e títulos e, mais importante, na resolução de questões sobre o acesso à terra. A possibilidade de controvérsia aqui é bastante óbvia. Por exemplo, a quem um membro da comunidade se dirige quando entra em desacordo com o líder tradicional, já que ele próprio é um membro da comunidade, embora superior em categoria?

IHU On-Line – Há possibilidade de uma aproximação entre o direito

consuetudinário e o pensamento descolonial, tendo-se em vista que a *common law* sul-africana baseou-se no direito romano-holandês e no direito inglês originados na Europa?

Sanele Sibanda - Esta é uma pergunta muito difícil de responder, o que nos leva a especular sobre alguns assuntos. Dentre eles, o mais importante é: por que o direito consuetudinário foi prontamente incorporado (reconhecido), justo quando se estava negociando a atual forma de distribuição democrática? Outros já haviam argumentado que a incorporação do direito consuetudinário ocorreu devido ao seu potencial de contribuição para a integração dos valores e da cultura africana dominantes no interior do sistema jurídico da África do Sul. O professor T. W. Bennett, um importante estudioso do direito consuetudinário, afirmou que, de um ponto de vista constitucional, “o reconhecimento e aplicação do direito consuetudinário (...) assenta-se no direito à cultura”. Em apoio a essa tese, ressalta que a Carta de Direitos Sul-Africana contém duas disposições de direitos culturais distintos. A seção 30 cria o direito ao uso da linguagem e à participação na vida cultural por livre escolha e é caracterizado como um direito individual, ao passo que a seção 31 cria o direito das pessoas pertencentes a comunidades culturais, religiosas ou linguísticas a desfrutar de suas práticas culturais e é geralmente caracterizado como um direito coletivo. Embora essas disposições não façam nenhuma referência ao direito consuetudinário, ambos os direitos são geralmente afirmados como dando suporte à incorporação do direito consuetudinário. Essa é uma visão algo benigna que pode ser defendida apenas por uma análise de tipo formal e legalista, que não considera a forma na qual o direito consuetudinário se “desenvolveu” desde sua “constitucionalização”.

Tanto quanto seja possível uma aproximação, isso depende, com efeito, de por quais razões se acredita que ocorreu a incorporação do direito consuetudinário. Uma visão menos benigna questiona sobre quem se beneficiou com a incorporação constitucional do direito consuetudinário. Teria sido para o benefício daquelas pessoas que vivem de acordo

com o direito consuetudinário? De-sejaria essa seção da sociedade sul-africana, ou mesmo necessitaria, a incorporação do direito consuetudinário dentro do quadro constitucional, para que ele venha a realizar sua função primária como depósito cultural ou arquivo de mecanismos para regular suas vidas quotidianas? Ou a incorporação acabou beneficiando as elites dos partidos governantes de modo que pudessem exercer mais controle e influência sobre a população rural sul-africana, sem necessariamente ter de incorrer em grandes despesas orçamentárias adicionais para sustentar a infraestrutura rural? Ou ainda a incorporação beneficia os líderes tradicionais, que, desde o alvorecer da elaboração da nova Constituição, conseguiram estabelecer-se como um poderoso grupo de lobby em favor de seus próprios interesses, o qual o governo buscou seduzir em busca de apoio eleitoral? Em geral, a incorporação do direito consuetudinário nos termos da Constituição não pode ser vista como uma reencenação do despotismo descentralizado, tal como nos alerta Mamdani.

Portanto, em minha opinião, a possibilidade de uma aproximação exige uma reformulação do lugar do direito consuetudinário dentro de nossa política. Em particular, há a necessidade de se assegurar que as alterações ou reformas de direito consuetudinário não sejam produzidas de um modo não inclusivo, ao estilo “de cima para baixo”, colocando o direito consuetudinário e as suas instituições como estranhos ao sistema jurídico mais amplo, transformando-o num mero mecanismo conveniente de administração e controle a ser usado por quem quer que esteja no poder. É preciso ter muito cuidado para garantir que, ao reformar o direito consuetudinário, não se esteja reproduzindo a forma de Estado bifurcado que deu origem ao despotismo descentralizado, característico de uma época ultrapassada.

Se o direito consuetudinário está sendo justamente conceitualizado em termos culturais, então há uma necessidade de democratizar a maneira com que é reformado, para que aqueles que lhe são próximos gozem dos meios e maneiras de de-

“A possibilidade de uma aproximação exige uma reformulação do lugar do direito consuetudinário dentro de nossa política”

terminar seu conteúdo e relevância em suas vidas, ou, igualmente, de rejeitá-lo quando tal direito já não combina com a ideia que fazem de si mesmos. Na falta deste, o direito consuetudinário pode continuar a ser um edifício incrível, enraizado em seu legado colonial, que perpetua sentimentos de marginalização e exclusão em algumas pessoas, confinadas em suas escrituras por permanecerem indivíduos e cidadãos momentâneos. Esta situação, que mostra que alguns membros do governo se mantêm prisioneiros de um passado opressivo, não deveria prevalecer sem questionamentos. Infelizmente, alguns exemplos recentes na África do Sul, como a reforma legislativa dos tribunais tradicionais, resultam em um sentimento profundo de mal-estar (em vez de esperança).

IHU On-Line – Qual o papel das lutas sociais, políticas e culturais das populações excluídas para a consolidação dos direitos humanos e a construção de novas formas de poder, reconhecimento e existência?

Sanele Sibanda - Em minha opinião, é necessário que essas lutas continuem a questionar se a direção concedida dentro dos limites dos discursos predominantes detém o potencial, em termos de linguagem e ideias, de um armazenamento imaginário e intelectual que possa dar passos positivos em direção a uma sociedade verdadeiramente mais justa, na qual nos esforçamos para nos sobrepor aos privilégios prevalecentes de raça, gênero, classe e doutrinas cul-

turais ou religiosas. Sem sombra de dúvida, estes esforços devem servir para desenvolver e obter aproveitamento de epistemologias alternativas. Pois, como sugerido por [Walter] Mignolo², discursos hegemônicos prevalecentes nunca devem fornecer os recursos necessários para sua própria destruição.

Da mesma maneira, ao analisarmos as epistemologias alternativas, esforços e energias sérias devem ser aplicados para pensar e desenvolver as estratégias necessárias das mudanças estruturais que, por sua vez, permitirão que os marginalizados e excluídos se tornem verdadeiros agentes políticos, ao invés de restaurá-los como meros destinatários de panfletos “estilosos” de bem-estar, de elites novas ou reformadas, que irá manter esta geração marginalizada, bem como as futuras gerações, no espaço de marginalidade que os discursos liberais e neoliberais esculpiram para elas. Para alcançar isto, será importante que, ao centrar-se em fatores externos, atores sociais e políticos engajados nestas lutas também reflitam sobre suas próprias estruturas internas, a fim de que não perpetuem as tendências opressivas ou de exclusão a que pretendem se opor.

Não se envolver em projetos de liberados e programas para mudar a maneira em que imaginamos a nós mesmos e o futuro certamente resultará na movimentação das peças, sem alterar o jogo. Se isso acontecer, então continuaremos, mesmo na tradição de independência ou descolonização política, a replicar ou imitar modelos de antigos colonizadores, cujo papel no subdesenvolvimento das ex-colônias é bem documentado. Meu ponto aqui é de que a adequação das estruturas replicadas e as instituições devem sempre ser questionadas, especialmente em vista das condições materiais, das histórias, culturas e trajetórias de desenvolvimento dos locais onde estes modelos foram concebidos como vastamente diferentes das nossas.

² **Walter Mignolo**: semiótico e professor argentino da Universidade de Duke. (Nota da IHU On-Line)

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial 20+ Publicar

Instituto Humanitas Unisinos
14.517 curtiram · 3.350 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre · Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" Eventos Promoções

Twitter

IHU @ihu 3 h
"Advogado é custo, engenheiro é produtividade", diz Dilma Rousseff em Nova York bit.ly/19GKVX9
Expandir

IHU @ihu 3 h
Sementes Nativas, Garantia de Futuro: Carta de Mandirubá bit.ly/16EwS1h
Expandir

IHU @ihu 3 h
O fascínio discreto de Pôncio Pilatos. Artigo de Giorgio Agamben bit.ly/1h7ZFkF
Com a imagem correta. pic.twitter.com/G0cZJc2y8B
Ver foto

IHU @ihu 3 h
Qual código de ética é lecionado na faculdade de administração de Harvard? bit.ly/16EwNdK
Expandir

Blog

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Ativistas do Greenpeace estão presos na Rússia
[15/12/2013] [COMENTÁRIOS]

Dois ativistas do Greenpeace estão neste momento presos nos grades, na Rússia, por terem feito um protesto pacífico contra a exploração de petróleo no Ártico. A Justiça russa já determinou que eles sejam soltos dentro de dois meses, até que a investigação sobre o protesto seja concluída. Enquanto isso, há uma ameaça de que os dois ativistas - incluindo a brasileira Ana Paula Maciel - que participaram da ação estão sendo deportados para a Rússia, e poderão ser presos lá.

Ajudem a fazer pressão nas embaixadas russas para que liberem nossos ativistas! Envie um e-mail para o embaixador russo!

Instagram

_ihu
Instituto Humanitas Unisinos

29 posts 70 followers 33 following



bit.ly/ihuon



twitter.com/_ihu



instagram.com/_ihu



unisinos.br/blogs/ihu

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 10-12-2013 a 13-12-2013, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Polanyi e o pensamento econômico do Papa Francisco

Entrevista especial com o economista Luiz Gonzaga Belluzzo

Confira nas notícias do dia 10-12-2013

Acesse o link <http://bit.ly/ihu101213>

Frequentemente o Papa Francisco vem endereçando seus discursos para discutir os problemas da economia mundial. No entanto, para o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, o pontífice não tem a pretensão de discutir as teorias econômicas. Ao analisar a situação da economia global, o Papa “toma um ponto de vista em que a questão central é a realização de um projeto que vá em direção da comunidade cristã: o amor ao próximo, a igualdade”, assinala ele. Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Belluzzo reforça o alerta de Bergoglio sobre o aumento da desigualdade social. Na interpretação do economista, dentre os pensadores econômicos que mais se assemelham à antropologia cristã, destaca-se Karl Polanyi, que toma o ponto de vista católico e cristão para fazer sua análise econômica. “Por exemplo, quando fala do mundo satânico, ou dos mandos e danos provocados pela tentativa de fazer com que a sociedade se mova de acordo com os princípios do mercado autorregulado”, propõe.

Combate à fome precisa de transformações estruturais

Entrevista especial com Francisco Menezes, economista e pesquisador do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – Ibase

Confira nas notícias do dia 11-12-2013

Acesse o link <http://bit.ly/ihu111213a>

“Quando se morre de fome no Brasil é porque o Estado está completamente omissivo em relação aos direitos de determinados grupos sociais. Melhoramos muito, mas, no Brasil mais profundo, onde os mais pobres são invisíveis para as políticas públicas, pode se morrer de fome”, frisa o pesquisador Francisco Menezes à **IHU On-Line**, em entrevista concedida por e-mail. “A fome no Brasil está diretamente associada à extrema pobreza. Por isso, a superação da pobreza mais grave é o melhor caminho para erradicar a fome no país.” De acordo com o pesquisador do Ibase, hoje o país é uma “referência como exemplo de êxito na aplicação de políticas públicas de combate à fome e de segurança alimentar e nutricional” por conta dos “resultados alcançados” com políticas de transferência de renda e, no caso do Nordeste, com a construção de cisternas. Apesar das melhorias alcançadas, acentua, “falta aprofundar o enfrentamento dos problemas, com uma perspectiva de transformações estruturais”.

Leilão da Resistência. “Os fazendeiros irão cumprir a ordem judicial?”

Entrevista especial com Michael Mary Nolan, irmã da Congregação da Santa Cruz e advogada da área dos direitos humanos

Confira nas notícias do dia 12-12-2013

Acesse o link <http://bit.ly/ihu121213>

O Leilão da Resistência, realizado por fazendeiros sul-mato-grossenses com o objetivo inicial de arrecadar dinheiro para contratar segurança privada e impedir a ocupação das fazendas pelos Guarani, acabou sendo interpretado como uma “vitória” das comunidades indígenas, avalia Michael Mary Nolan, advogada que acompanha as reivindicações dos índios no Brasil, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por telefone. Segundo ela, as comunidades indígenas

não conseguiram impedir a realização do leilão, mas garantiram que ele fosse realizado a partir do cumprimento de algumas condicionantes. “Para os indígenas, isso é uma vitória, porque eles mostraram uma força maior ao tomar uma posição ativa, em vez de somente reagir aos ataques.”

A responsabilidade com a qualidade da água termina na porta da rua

Entrevista especial com José Bento da Rocha, da Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento do Distrito Federal – ADASA, e Clarice Melamed, coordenadora-adjunta do mestrado profissional em Gestão e Regulação de Serviços Públicos de Saneamento Básico

Confira nas notícias do dia 13-12-2013
Acesse o link <http://bit.ly/ihu131213>

“O déficit para o abastecimento de água potável é de aproximadamente 10%, se considerada apenas a presença/ausência da disponibilidade do serviço para o domicílio. No entanto, quando se leva em conta a adequabilidade/continuidade deste serviço, o déficit sobe para aproximadamente 40%, o que é extremamente alto.” A constatação é de José Bento da Rocha, autor da dissertação de mestrado intitulada *A regulação e a universalização dos serviços de abastecimento de água potável no Brasil*, realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. Segundo ele, em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail, os dados disponíveis referentes à qualidade da água “revelam que a situação do abastecimento de água potável no Brasil ainda é muito preocupante”.

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações [facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Instituto Humanitas Unisinos
9.267 curtiram · 1.510 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre – Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 9.267 Eventos Promoções

Instituto Humanitas Unisinos atualizou sua foto de capa.
há 45 segundos

A foto de capa retrata um momento da anual "Festa das luzes" sobre a tumba do poeta sufi Shah Hussein, em Lahore, no Paquistão. Shah Hussein (1538-1599) é comumente conhecido

25 Amigos
curtiram Instituto Humanitas Unisinos

Academia Social
Aprenda como atrair 10 mil Fãs Reais para sua página? Clique curtir e saiba como.
Moto Taxi curtiu Ignição Digital.

Agora
2013
2012
2011
Fundada em

**Tema
de
Capa**

**Destaques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Publicação em destaque

Confira algumas das publicações mais recentes do Instituto Humanitas Unisinos.

Cadernos Teologia Pública

Há 50 anos houve um concílio... significado do Vaticano II

Victor Codina

ISSN 1807-0590

ano VII • número 81 • 2013

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



JESUITAS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

Cadernos Teologia Pública

Há 50 anos houve um concílio... significado do Vaticano II

A 81ª edição dos **Cadernos Teologia Pública**, de 11-12-2013, apresenta esta reflexão do professor de Teologia da Universidade Católica de Cochabamba. O artigo é motivado pela preocupação de recuperar o significado do Concílio Vaticano II, para que sua mensagem seja uma boa notícia para o mundo de hoje. O significado desse evento eclesial é evidenciado, inicialmente, mediante uma contextualização da época pré-conciliar (liturgia, movimentos bíblico, patristico, litúrgico, ecumênico, pastoral; nova sensibilidade social; figuras teológicas mais relevantes daquele momento) enquanto terreno fértil do Concílio. Num segundo momento, o artigo apresenta o Concílio enquanto tal, apresentando a figura de João XXIII e sua convocação para um *aggiornamento* da Igreja, uma visão sumária de algumas chaves de leitura do Vaticano II e a síntese final de Paulo VI, caracterizada como “uma espiritualidade samaritana”. Num terceiro momento, após um testemunho de vivências pessoais do Concílio, é feita uma exposição a respeito do pós-concílio, que abrange desde a “primavera eclesial” dos primeiros anos até o mal-estar dos últimos. O artigo conclui articulando a ideia de caos e *kairós* como expressão das possibilidades da ação do Espírito para o tempo de crise da Igreja nos últimos anos.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser acessadas pelo link <http://bit.ly/teologiapublica> ou adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590 8247.



O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística.

Edição 385 – Ano XI – 19-12-2011

Disponível em <http://bit.ly/ihuon385>

A contribuição de mulheres como Hildegard de Bingen, Marguerite Porete, Teresa de Ávila, Maria Madalena, Rabi'a al-'Adawiyya, entre outras, para uma compreensão mais profunda do que é a Mística é o tema de capa desta edição da IHU On-Line. Contribuem nesta edição os seguintes pesquisadores de diversas áreas do conhecimento: Marco Vannini, Juan Martín Velasco, Chris Schenk, Salma Ferraz, Carlos Frederico Barboza de Souza, Victoria Cirlot, Felisa Elizondo, Maria José Caldeira do Amaral, Ceci Baptista Mariani, Sílvia Schwartz e Luce López-Baralt.

Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.

Edição 222 – Ano VII – 04-06-2007

Disponível em <http://bit.ly/ihuon222>

A matéria de capa desta edição da IHU On-Line é dedicada ao poeta e místico persa Rûmî (1207-1273), no ano em que se celebram os 800 anos de seu nascimento. Considerado um dos maiores místicos e poetas do Islã, a Unesco dedicou a ele o ano de 2007. Faustino Teixeira, Carlos Frederico Barboza de Souza, Pablo Beneito, Pilar Garrido e Marco Lucchesi, Mario Werneck, William Chittick, Carlo Saccone, Beatriz Machado e Armando Erik de Carvalho colaboram com entrevistas à publicação.



Delicadezas do Mistério. A mística hoje.

Edição 133 – Ano V – 21-03-2005

Disponível em <http://bit.ly/ihuon133>

A experiência do inominável, do totalmente outro, do mistério, é o tema de capa desta edição da IHU On-Line. A proposta da publicação foi promover o diálogo entre diversas e variadas experiências místicas: a budista, a islâmica, a judaica, a católica, a afro-brasileira, a espírita e a protestante, entre outras. Um diálogo que preserva o mistério e o enigma da diferença, pois há sempre algo de irreduzível e irrevogável na experiência do outro. Participam do debate Faustino Teixeira, Vitória Peres de Oliveira, Marcelo Barros, Padma Samten, José Jorge de Carvalho, Antonio Gouvêa Mendonça, Marco Lucchesi, Monja Coen, Ernesto Cardenal, Luiz Felipe Pondé e Benjamin González Buelta.

Delicadezas do Mistério. A mística hoje	
ÍNDICE	
EDITORIAL	3
MATÉRIA DE CAPA	4
Misticismo comparado: semelhanças na diferença	4
Entrevista com Faustino Teixeira	4
O silêncio da mística islâmica	12
Entrevista com Vitória Peres de Oliveira	12
Poema: Rûmî	16
O Coração - A Alma	16
A mística cristã e o zangamento de Jesus	16
Entrevista com Marcelo Barros	16
Budismo e cultura do chá	19
Entrevista com Padma Samten	19
A mística afro-brasileira	22
Entrevista com José Jorge de Carvalho	22
A mística protestante: a interrelação entre o sagrado "Jesus" e o "queiro"	24
Entrevista com Antonio Gouvêa Mendonça	24
Literatura e misticismo no pensamento do belo, das minorias	27
Entrevista com Marco Lucchesi	27
Teillard de Chazot	30
Poema: Marco Lucchesi	30
Postscriptum	31
Poema de Manoel Mendes	31

XV Simpósio Internacional IHU Alimento e Nutrição no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

De 05-05-2013 a 08-05-2013

O evento tem como objetivo central debater e indicar perspectivas para o direito ao alimento e à nutrição nas dimensões sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas no contexto brasileiro. A programação inclui mostra de vídeos e cinema, apresentação de trabalhos científicos, mostra de artes, publicações e experiências, mesas de debates, apresentação artístico-cultural. A conferência de abertura, *O direito humano ao alimento e à nutrição no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*, com Jean Ziegler (Suíça), ocorre às 18h30min do dia 05-05-2013. A conferência de encerramento, *Desenvolvimento à luz da sociobiodiversidade para superação da miséria e dos males da fome*, com Tânia Bacelar de Araújo, ocorre às 9 horas de 08-05-2013. Também

estarão presentes no simpósio como conferencistas André Trigueiro, que fala sobre o tema *Socio-biodiversidade, a riqueza do Planeta Terra*; Flávio Luiz Schieck Valente (Alemanha), que apresenta o tema *Alimento e nutrição para o desenvolvimento do ser humano nos diversos ciclos de vida e especificidades étnico-raciais*; Walter Belik, cujo título da conferência é *Cenário nacional da alimentação e nutrição na perspectiva dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*; e Maria Emília Lisboa Pacheco, com o título *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - Metas atingidas, desafios e perspectivas para a erradicação dos males da fome*. A programação completa pode ser encontrada no link <http://bit.ly/1dhhvk2>.

50 anos do Golpe de 64. Impactos, (des)caminhos, processos

De 25-03-2014 a 24-04-2014

Este evento visa promover debates transdisciplinares sobre o golpe civil-militar perpetrado contra o estado democrático brasileiro, compreendendo relevantes aspectos do contexto histórico que levaram ao golpe, bem como seus impactos no Brasil e no cenário latino-americano, contribuindo para que a comunidade acadêmica e a sociedade em geral possam refletir sobre a construção sócio-histórica do país. Nessa perspectiva, torna-se relevante compreender que o golpe civil-militar de 1964 não foi levado a cabo apenas por forças militares. Ele contou com a participação relevante de classes oligárquicas, podendo ser classificado como um golpe de classe com uso da força militar. Informações no link <http://bit.ly/Golpe50Anos>.



Ética, Memória, Esperança. Uma perspectiva de justiça e triunfo da Vida

De 19-03-2014 a 11-04-2014

A Programação de Páscoa, realizada anualmente pelo IHU desde 2004, terá como fio condutor em 2014 a problemática do mal na contemporaneidade, em uma abordagem transdisciplinar que investiga as características da manifestação e engendramento do mal nos contextos sociopolíticos e culturais impulsionados pela racionalidade moderna. O evento contará com exibição e debate dos filmes *Hannah Arendt* (Margarethe Von Trotta, Drama, Alemanha/França, 2012), *Shoah* (Claude Lanzmann, Documentário/Testemunhos, França, 1985), *Noite e Nevoeiro* (Título original: *Nuit et Brouillard*. Alain Resnais, França, 1955),

A Queda - As últimas Horas de Hitler (Título original: *Der Untergang*. Oliver Hirschbiegel, Drama, Alemanha/Itália, 2004) e *Ato de Fé* (Alexandre Rampazzo, São Paulo, 2004), com audições comentadas das obras *Cantata BWV 6 - Fica conosco, pois a noite já vem* (*Bleib bei uns, denn es will Abend werden*), de Johann Sebastian Bach, e *Missa de Santa Cecília, Hob. XXII, em Dó maior*, de Franz Joseph Haydn, e a realização das palestras *O mal radical e a banalidade do mal*, com Adriano Correia Silva, e *Crueldade e condição humana*, com Abrão Slavutzky. Mais informações em <http://bit.ly/PascoalIHU>.